

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL  
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

**CARTOGRAFIAS DO PRAZER:**  
Boemia e Prostituição em Teresina (1930 – 1970)

2006

Bernardo Pereira de Sá Filho

**CARTOGRAFIAS DO PRAZER:**  
Boemia e Prostituição em Teresina (1930 – 1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História do Brasil, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudete Maria Miranda Dias

1S111c

Sá Filho, Bernardo Pereira de

Cartografias do prazer: boemia e prostituição em  
Teresina (1930-1970) / Bernardo Pereira de Sá Filho.  
Teresina: 2006.

120 fls.

Dissertação (mestrado em História do Brasil) UFPI.  
1. Prostituição – Teresina. 2. Boemia – Teresina. I.  
Título.

C.D.D – 306.74

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL  
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

CARTOGRAFIAS DO PRAZER:  
Boemia e Prostituição em Teresina (1930-1970)

Aprovado em: 12/12/2006.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Claudete Maria Miranda Dias (Orientadora) UFPI

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Francisca Inar de Sousa – UNIFOR

---

Prof<sup>º</sup> Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco – UFPI

## AGRADECIMENTOS

A Deus por tudo que tem me proporcionado ser, saber e poder. A meus familiares pelo apoio em toda a minha trajetória de vida.

Ao programa de Pós-graduação do Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, especialmente a seu coordenador Prof<sup>o</sup> Francisco Alcides do Nascimento.

À minha Orientadora, Prof<sup>a</sup> Claudete Dias pela compreensão e tolerância.

À historiadora Margareth Rago que com seu conhecimento, pessoalmente e através de suas obras, me iniciou nos estudos de gênero e me incentivou pesquisar sobre essa temática.

À Banca Examinadora composta pelos professores: Claudete Maria de Miranda Dias (orientadora), Francisca Inar de Sousa e Edwar de Alencar Castelo Branco.

Às coordenadoras do Curso de História da UFPI, Prof<sup>a</sup> Áurea Paz Pinheiro e Prof<sup>a</sup> Verônica Maria Pereira Ribeiro pela compreensão e condições de trabalho no DGH.

Ao Prof<sup>o</sup> Pedro Vilarinho e à Prof<sup>a</sup> Elizângela Barbosa, ambos, colegas no DGH, pelos diálogos sobre os estudos de gênero.

À ex-diretora do Arquivo Público, Teresinha Cortez, e ao atual diretor da mesma instituição, Alcebíades da Costa Filho, pela gentileza e indicação de fontes de pesquisa do acervo daquela Casa.

Aos colegas da primeira turma do mestrado de História da UFPI, especialmente meus queridos amigos, Jonhy, Daniel, Julinete, Lidiane e Ana Rosa.

A minha irmã Neila Marta e José Dias que contribuíram significativamente com leituras e sugestões para melhoria do texto.

À Maria de Fátima Martins que me proporcionou o encontro com o Dr. Angeline e com a D. Honorata dos Santos.

A meu amigo Alexandre pela paciência às minhas exigências durante a digitação do trabalho.

E de modo especialíssimo a todos que se disponibilizaram falar de si e do contexto histórico do período em foco.

## RESUMO

Este trabalho analisa a boemia e prostituição em Teresina, dos anos de 1930 a 1970, momento em que se intensifica o processo de urbanização com algumas políticas públicas voltadas para a modernização. A cidade é enfocada enquanto *lócus* de uma trama social urbana cuja tessitura é produzida através dos mais diversos tipos de relações que se estabelecem entre sujeitos de identidades subjetivas os quais agem na noite em busca de prazeres, significando os lugares e sendo por eles significados. Nessa perspectiva são cartografados os lugares noturnos e suas licitudes, os prazeres ilícitos e os corpos pérfidos na dimensão social, clínica e moral.

**Palavra-Chave:** Noite. Prazer. Boemia e Prostituição.

## RÉSUMÉ

Ce travail analyse la bohème et la prostitution à Teresina dès années 30 jusqu'aux années 60, correspondant au moment dans lequel le processus d'urbanisation s'est intensifié en raison de certaines politiques d'État dressées à la modernisation. La ville est considérée comme le *locus* d'une trame sociale urbaine, dont la trame se produit par moyen de divers types de rapports qui s'installent entre les individus d'identités subjectives qui agissent à la nuit en demandant les plaisirs, en tenant la signification des endroits en même temps que ces endroits prennent signification. Dans cette vision, les espaces nocturnes avec ses permissions de lassitudes sont visibilisés, ainsi que les plaisirs illicites et les corps perfides sous la vision sociale, clinique et morale.

**Mots-Clef:** Nuit. Plaisir. Bohème. Prostitution.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Pça Rio Branco .....	25
Foto 2 – Pça Pedro II .....	27
Foto 3 – Rua Paissandu.....	45
Foto 4 – Chegada do Trem em Teresina.....	63
Foto 5 – Maria Tijubina e seu malandro.....	65
Foto 6 – Assucena Moraes.....	69
Fotos 7 – Gerusa Santos em dia de festa.....	73
Foto 8/9 – Prostitutas de Elite.....	75
Foto 10 - Gerusa Santos .....	86
Foto 11/12 – Santa Casa de Misericórdia e Dr. Jarbas de Sousa Martins.....	106



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Demonstrativo de doenças venéreas .....	121
Tabela 2 – Demonstrativo de doenças – Relatório SCM – 1942.....	102
Tabela 3 – Relatório de Doenças/Mês – Relatório SCM – 1943.....	103
Tabela 4 – Procedimentos médicas – SCM. ....	103
Tabela 5 – Outros procedimentos médicos.....	104
Tabela 6 – Amputações.....	104
Tabela 7 – Doenças Venéreas – demonstrativo por sexo .....	108

## Entrevistas

- **Antonio Pereira da Silva**, nasceu em Teresina na Paissandu onde viveu até hoje, filho de mãe solteira não conheceu o pai, trabalhou em vários cabarés da Paissandu.
- **Antonio Alves de Sousa**, nasceu no Ceará em 13 de julho de 1932, cursou o segundo grau (incompleto) na Escola Industrial até ir para o Exército. É casado e fotógrafo. Entrevista a Bernardo Pereira de Sá Filho, no dia 15/7/1999.
- **Antônio Carlos Marques**, nasceu em Teresina no bairro Poti Velho, em 1955. cursou o ginásio e exerce, atualmente, a profissão de motorista, casado, tem o pseudônimo de *Galego*. Entrevista em 29/6/2005 e 24/1/2005.
- **Euvaldo Angeline da Silva**, nasceu em Miradouro (MA), em 9/9/1934. Estudou no Liceu e Diocesano. Em 1956 foi para Recife onde se formou em medicina e retornou para Teresina em 1961. É casado. Entrevista em 3/9/2000.
- **Gerusa Santos**, nasceu em Teresina, na rua São José, no dia 2/10/1925. Morou em Floriano e retornou para Teresina com 11 anos de idade. Estudou no Colégio das Irmãs (no setor destinado a educação de quem não podia pagar). Viveu na Paissandu como prostituta, depois tornou-se gerente de cabaré até os anos 70. Faleceu no dia 18/9/2005. Entrevista em 8/1/2005.
- **Honorata Pereira dos Santos**, nasceu na Vila da Manga (Floriano), no dia 15 de fevereiro de 1928. veio para Teresina com 22 anos. Foi casada durante 7 anos, sendo abandonada pelo marido. Escolarizada. Entrou para a vida livre, mas vive fora da zona. Entrevista em 07/07/2000.
- **Luís Gonzaga Vieira**, pseudônimo “Luis Cavaquinho”. Casado, ex-guarda civil, cursou o ginásio. Nasceu em Nova Rússia (CE) no dia 15/9/1928.
- **Maria Ambrósio da Silva**. Nasceu em Barras (PI) em 1926. Pseudônimo “Maria Tijubina”.

Chegou em Teresina em 1954; faleceu em 2005. Entrevista em 23/7/1999.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. A CIDADE NOTURNA</b> .....	17
<b>1.1 O lúdico da noite</b> .....	19
<b>1.2 Lugares na Noite</b> .....	24
<b>1.3 O Perigo na Noite</b> .....	36
<b>2 CIRCUITO DO PRAZER</b> .....	42
<b>2.1 A Boemia</b> .....	43
<b>2.2 De Zona em Zona</b> .....	51
<b>3. OS CORPOS PÉRFIDOS</b> .....	89
<b>3.1 Sedução e Desonra</b> .....	93
<b>3.2 Doenças do Mundo</b> .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	115

Não é a grande  
política, nem os grandes  
acontecimentos  
da História oficial que me atraem para a  
captura do espírito do tempo e a essência de uma  
época...  
(Alcir Lenharo)

## INTRODUÇÃO

A História Social voltada para o campo da cultura, das relações de gênero, das cidades e de outras especialidades do conhecimento histórico, aponta para um conjunto de possibilidades de apreensão e interpretação da experiência humana nas diversas dimensões do social. Historicizar uma cidade, a partir de suas opções de lazer, dos seus espaços marginais e dos tipos de relações que se estabelecem entre seus frequentadores é penetrar numa história subterrânea; é dar lugar e voz a sujeitos sociais anônimos e marginais cuja abordagem na historiografia brasileira começa a emergir somente a partir das duas últimas décadas do século XX. É pôr em discussão um conjunto de fatores voltados para a compreensão dos costumes, das concepções normativas, das transgressões e das sanções sociais. Aliás, no atual estágio da história da humanidade, a produção do conhecimento histórico abdicaria a sua função libertadora se nós, historiadores, continuássemos a nos reportar às esferas política, econômica, social e cultural apenas na perspectiva das elites, negligenciando a história dos lugares e dos sujeitos marginais. Nesse sentido, a História que nos interessa apresentar é a dos sujeitos anônimos e indesejáveis, vista de baixo, cuja trama se desenrola não somente nos clubes, nos cinemas e nas praças, mas também, nas ruas escuras dos subúrbios, nos botequins e nos prostíbulos.

Teresina, dos anos 1930 a 1970, vive um processo de crescimento urbano impulsionado pela idéia de modernização e pela economia extrativista que possibilitou uma maior circulação monetária, aumentando o consumo, e gerando receitas tributárias que permitiram ao governo a realização de algumas obras de infra-estrutura urbana. No entanto, a cidade continuou com aspectos provincianos: pequena, sem muitas opções de lazer e uma sociedade de comportamento marcado por tabus e preconceitos.

Os cinemas, as retretas na Praça Rio Branco, os passeios na Praça Pedro II, os encontros nos bares e cafés, e as tertúlias no Clube dos Diários, eram algumas das opções de lazer e formas de entretenimento noturno dos teresinenses. Mesmo não havendo uma segregação social, legalmente instituída, a população mais pobre se divertia também, mas em outros ambientes, marcados pela simplicidade, como os festejos na Igreja de São Raimundo, no bairro Piçarra e as festas em clubes populares, como a *União Artística*, o *Botafogo*, o *Teresinense* e o *Automóvel Clube*.

Dentre os espaços de entretenimento, não se pode excluir os territórios de prostituição, considerados zonas boêmias, a exemplo da *Paissandu* e *Morro do Querosene*.

Ainda que vistos pela sociedade como espaços marginais, estes e outros se constituíam em opções de lazer para a população masculina jovem e adulta, que buscavam prazeres noturnos, através da prática de relações ilícitas.

Observa-se que, nesse período, o espaço urbano torna-se, cada vez mais, fragmentado pelas múltiplas relações sociais decorrentes das demandas de seus habitantes articulados por um processo social marcado por fatores de ordem política, econômica, moral e religiosa, contendo no seu interior agentes transgressores e indesejáveis: os desclassificados, os pervertidos, os pecadores. Suas condutas podem afrontar a moral e os bons costumes, ou serem socialmente relativizadas, como no caso de adultério masculino e da prática da prostituição. Ao primeiro, diz-se que é “normal” todo homem trair a esposa e que tal conduta faz parte da identidade masculina; ao segundo, diz-se que é um mal, mas um mal necessário em todas as sociedades.

Cartografar a noite e a tessitura das conexões estabelecidas entre os diversos sujeitos sociais, bem como os seus corpos que articulam-se em busca de prazer, foi o que nos motivou a execução desta pesquisa, dada a riqueza e a complexidade da trama de agentes históricos transgressores. Procuramos lidar com dois problemas, porém interligados: as cartografias dos territórios, preferencialmente noturnos, e os tipos de relações que se estabelecem entre seus agentes, significando os espaços e sendo por eles significados.

O *flerte* na praça Pedro II, os jogos de sedução que terminavam em defloramento e processos-crimes, o *bulinamento* ao pé do muro, os “segredos” de alcovas, e as “doenças do mundo” são pontos de partida e de captura de corpos libidinosos que recorrem à noite, na praça, nos cinemas, nas ruas ou nos cabarés, movidos pelo desejo de prazeres transgressores. Este conjunto de práticas lícitas e ilícitas que envolviam diferentes sujeitos é abordado tendo por base os diferentes tipos de conexões que se estabeleciam entre eles em busca do prazer.

O tempo histórico escolhido e cronologicamente demarcado, de 1930 a 1970, deve-se ao fato de ser nesse período que a *Paissandu e o Morro do Querosene* se constituíram como as duas maiores zonas boêmias e de prostituição de todos os tempos, em Teresina. Mas como construir numa história de um tema tão abrangente, que não se reduza à descrições dos espaços urbanos, bem como de seus agentes de condutas indesejáveis e transgressoras?

Nessa perspectiva, foi imprescindível a recorrência teórica sobre a construção das identidades de gênero (masculino/feminino), consciente de que a compreensão de diferentes modos de viver implica também no entendimento de diferentes concepções de homem e de

mulher no interior de cada sociedade. As identidades de gênero entendidas como construções sociais fundamentadas na cultura são, portanto históricas, se produzem em relação e na relação de um com o outro, de acordo com as concepções de masculinidade e feminilidade definidas no interior de uma mesma sociedade, conforme a classe, a religião, a idade etc., ou seja, o *gênero* “oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens” (SCOTT, 1990, p.7).

Recorremos ainda, a outros conceitos que iluminaram nossa leitura do universo social em foco, e, através do quais, procuramos operacionalizar a análise e a nossa interpretação histórica: *Poder, e Sexualidade*, de Michel Foucault; *Cidade*, como escrita, de Suely Rolnik; *Honra sexual*, de Sueann Caulfield; *Lugar e não-lugar*, de Michel de Certeau; *Subjetividade, e Corpo sem Órgão*, de Félix Guatarri. Recorri ainda, a Margareth Rago para operacionalizar melhor o conceito de *prostituição*, na perspectiva moral, jurídica e social; e, à Magali Engel na concepção de corpo, social e moralmente doente. O *prazer*, como a questão central que atravessa todo o corpo do trabalho, não é apresentado como um conceito fechado, aplicável objetivamente a todas as situações que expressam realizações de desejos, mas como “uma sensação complexa, subjetiva e que varia em função de cada conjuntura.”(GUTIERREZ, 2001, p. 14). São prazeres não somente corporais, mas também psicológicos e afetivos, que se expressam de forma subjetiva, no plano individual e no coletivo.

Utilizei uma documentação diversificada, quantitativa e qualitativamente substancial: fontes bibliográficas do gênero historiográfico e literário; letras de músicas; folhetins informativos; inquéritos policiais e processos-crimes; relatórios oficiais da Santa Casa de Misericórdia de Teresina e do Centro de Saúde Estadual; e entrevistas orais. Vale ressaltar que, embora se tenha recorrido à técnica da história oral, não se intencionou escrever o trabalho a partir da história de vida dos entrevistados. A recorrência a depoimentos de alguns homens e mulheres funcionou como fontes de informações, das quais foram extraídos elementos informativos importantíssimos na “recomposição” do universo social noturno voltado para boemia e prostituição teresinenses desse período. Os entrevistados foram protagonistas ou expectadores de várias tramas dos territórios do prazer. Alguns, entretanto, embora não se reconhecendo como sujeito nas várias histórias relatadas, não conseguiram ocultar que, em alguns momentos, enquanto falavam de outros sujeitos, na realidade estavam falando de si. Outros, porém, como *Gerusa e Maria Tijubina*, não somente falaram de si, sem nenhum constrangimento, como deixaram transparecer um certo orgulho da suas histórias de vida.

Diz Bosi (2003, p.17) que, “quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”. Foi por esta razão que procurei capturar através das falas dos entrevistados, aquilo que a escrita não revela. Mesmo a história oral, quando transformada em texto escrito, oculta muitos elementos que expressam maiores sensibilidades e emoções, através de gestos, risos, voz embargada, suspiros profundos, lágrimas etc., que ajudam o entrevistador compreender melhor, pelo menos do ponto de vista emocional, o que esses elementos representam, no contexto do discurso do depoente.

Não se pretende, contudo, dizer que a história oral seja mais importante que a história escrita e oficial, ao contrário, é considerada, em determinadas circunstâncias, um instrumento “perigoso”, em face da dimensão passional contida em cada depoimento, necessitando, às vezes, recorrer-se a dados oficiais para enquadrá-la à realidade, enquanto verdade histórica. Entretanto, “a história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios (BOSI, 2003, p.15). É através do instrumento da história oral que se pode capturar as melhores informações, emitidas com emoção e sensibilidade, imprescindíveis à análise e interpretação da história de muitos grupos excluídos e marginalizados,. Torna-se uma história “proibida” e “clandestina,” como a da boemia e prostituição.

A história que ora apresento é uma história aberta, que não se processou através de um único método ou de uma só teoria, mas que se recorreu às várias formulações teóricas e metodológicas de diversos autores, conforme á necessidade de tornar mais inteligível o conhecimento entorno de um passado recente de Teresina, porém de um conteúdo até então negligenciado pelos historiadores. Os mais pudicos, certamente, irão chamá-la de história “marginal”, vista de baixo, em oposição á história “oficial” focada na trama das elites. Constitui-se de três partes, de conteúdos distintos, articulados pela problemática do prazer,

No primeiro capítulo, *A Cidade Noturna*, Teresina é abordada, inicialmente, na perspectiva lúdica. A representação da noite como espaço da boemia é enfocada em oposição ao *dia* como espaço do trabalho. A noite é concebida como um tempo lúdico, do descanso, do ócio e do prazer, através do qual, a cidade torna-se um lugar encantador, sedutor e alegre, mas também em lugar perigoso: do pecado, do erotismo, próprio dos amantes, onde homens e mulheres, através de diferentes tipos de laser noturno, assumem identidades transgressoras em busca de prazeres ilícitos.

No segundo capítulo, *Os Meridianos do Prazer*, faz-se um mapeamento dos territórios de prostituição, mostrando como Teresina nesse período tem seu perímetro urbano



marcado por um conjunto de estabelecimentos de prostituição formando uma espécie de cinturão entorno do centro da cidade, considerado um lugar de lazer e entretenimento sadios, de comportamento ordeiro e relações lícitas. Enfoca, principalmente, a *Paissandu* e o *Morro do Querosene* como as duas grandes zonas boêmias, onde meretrizes e clientes, cafetões e cafetinas, gigolôs, jogadores, bêbados e outros sujeitos de condutas transgressoras, se subjetivavam, assumindo identidades diversas e estabelecendo entre si diferentes tipos de conexões, produzindo uma tessitura que constituía o submundo da boemia e da prostituição. Todos estes lugares estavam interligados pelas práticas transgressoras de diversos sujeitos da noite que, como num circuito, se articulavam em busca de diversos tipos de prazer.

O terceiro e último capítulo, *Os Corpos Pérfidos*, mostra que dos prazeres da noite, praticados na zona, resulta também uma dimensão violenta das relações pessoais, que provoca suicídios, assassinatos e até autoflagelo. E que as precárias condições sanitárias da maioria dos prostíbulos, bem como o conhecimento limitado dos cuidados de si, adotando medidas de profilaxia contra doenças sexualmente transmissíveis, produzem corpos pérfidos que a moral vigente associa-os à prostituição, à perversão, à libertinagem. O corpo como um território de significações

É noite, a cidade dorme.  
Não, não é verdade;  
a cidade não dorme,  
não cochila, não para.  
Ela está permanentemente acordada  
atenta, vigilante.

(Aury Lessa)

## 1 A CIDADE NOTURNA

Quando a noite cai a cidade se transforma. A luz é substituída pela sombra possibilitando a percepção dos distintos processos da trama social urbana. A cidade tem múltiplas faces, dentre elas, a diurna e a noturna, das quais não se deve prescindir quando se busca entendê-la enquanto *locus* de relações sociais diversas, ambíguas e contraditórias que exprimem temporalidades recheadas de memórias e significações. Compreendê-la, só é possível a partir do “entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão empregando e construindo uma cultura urbana”.(FENELON, 1999, p. 6).

O conceito de *dia* como unidade de um sistema de mensuração do tempo, vincula-se à duração de 24 horas. Entretanto, é raro conceber o *dia* aliado à *noite*, pois não concebê-lo em oposição a ela é não captar a ambigüidade do conceito, constituído de luz e sombra. É como se a noite fosse excluída das múltiplas relações estabelecidas na cidade ou como se as relações sociais noturnas não fossem tão importantes quanto as diurnas para a compreensão de sujeitos sociais que se articulam, constroem e ressignificam espaços urbanos de acordo com suas demandas, processando uma temporalidade de dias e noites. É mesmo típico das sociedades modernas associar *dia* à idéia de esforço, trabalho e negócios e *noite* à de ócio, descanso e lazer.

Teresina teve, entre 1930 e 1960, crescimento impulsionado pela economia da cera de carnaúba e da amêndoa de babaçu, cujo extrativismo já ocorria desde as primeiras décadas do século XX. Observa-se, no período, uma intensificação do processo de urbanização e considerável crescimento populacional não somente da capital, mas também de outros municípios do estado, tanto que em 1950 Parnaíba contava com 30.174 habitantes, Floriano com 9.101 e Teresina com 51.418. O Piauí, entretanto, continuava com a maioria da população na zona rural, já que de um total de 1.045.696 habitantes 87% residiam fora dos centros urbanos (MARTINS et al; 2002), quadro esse cuja inversão só começaria a acontecer nos primeiros anos da segunda metade do século XX.

Com o crescimento da população e o aumento da arrecadação tributária a partir de 1940, setores da sociedade, sobretudo os mais instruídos, pensaram um projeto de modernização para a capital, de sorte que, segundo Nascimento (2002, p. 19).

A cidade recebeu tratamento urbano, novas áreas de sociabilidades, além de transportes modernos, sendo tudo isso valorizado no discurso oficial. Teresina é

transformada em uma cidade moderna. Desse modo alguns símbolos da modernidade foram sendo incorporados no cotidiano da cidade e de seus habitantes.

Houve, desde a década de 1930, melhoramentos e expansão das redes de energia elétrica e de abastecimento de água e algumas ruas foram pavimentadas, sendo que o telefone, um dos símbolos da modernidade, já se instalara no primeiro decênio do século XX, passando, a partir de 1937, a funcionar pelo sistema automático, com rede ampliada. Surgiu, então, um novo vetor de urbanização no sentido *centro-leste*, cujo eixo central era a Avenida Frei Serafim, onde foram edificados vários prédios de dois pavimentos, em estilos arquitetônicos neoclássico e moderno, alguns para residências, outros para órgãos públicos. São exemplos de arquitetura épica o Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), de 1927, e Hospital Getúlio Vargas, de 1941 sem mencionar o prédio da Estação Ferroviária, construído na década de 1920, e o do 25º Batalhão de Caçadores, de estilo francês, inaugurado em 1930. Também a ponte metálica João Luis Ferreira, inaugurada em 1939, ligando Teresina a Timon, é exemplo de arquitetura e engenharia arrojadas.

O cinema, uma das opções de lazer da população local, já instalado desde 1901, com os novos recursos tecnológicos, dá um salto qualitativo quando em 1933, os irmãos Alfredo e Miguel Ferreira, inauguraram o primeiro cinema falado de Teresina, instalado nas dependências do *Teatro 4 de Setembro*. Em seguida, foram instalados outras casas do gênero: *Cine-Teatro Olímpia*, *Cine Rex* e *Cine Royal*

O bonde, outro símbolo de modernidade, instalado em 1927, pela Intendência Municipal, em 1930 já havia sido desativado no centro da cidade. Em compensação, nessa década Teresina ganhava a primeira empresa privada de transporte coletivo urbano, e entrava na era da aviação, com a chegada de aeronaves da Esquadilha da Marinha, embora a regularização desse meio de transporte, que encurtava as distâncias, só viesse de fato a ocorrer nos anos de 1940.

A educação, como em qualquer sociedade, foi fundamental para o desenvolvimento, principalmente no que diz respeito a novos comportamentos e sociabilidades. O ensino público tinha no Liceu Piauiense e na Escola Normal as maiores referências e o privado representado pelo Colégio São Francisco de Sales (Diocesano) e o Colégio das Irmãs, escolas confessionais fundadas no início do século XX. O ensino superior iniciou-se com a Faculdade de Direito, em 1931 e foi ampliado a partir de 1958, com a Faculdade de Filosofia ( FAFI), criada pela Diocese de Teresina, em 1958 (CARDOSO, 2004).

Em relação ao sistema de comunicação, e embora a radiodifusão tenha sido uma invenção da década de 1920, a primeira emissora de rádio no Piauí só veio a ser instalada na década seguinte, em Parnaíba, com o nome de Rádio Educadora. Em Teresina, a primeira experiência de radiodifusão ocorreu com a instalação da Rádio Difusora, em 1948, a qual deu uma grande contribuição à sociedade como meio de comunicação de massa e forma de entretenimento.

Atendida pelo prefixo ZY'Q-3, a Difusora operava em horários alternados, compondo uma programação [...] musical intercalada com matérias jornalísticas para a sociedade. Além destes, transmitia programas que exploravam temáticas populares, voltadas para os problemas da comunidade local (LIMA, 2002, p. 166).

Apesar dos elementos apontados, aqui tomados como um conjunto de transformações da modernidade, observa-se, entretanto, que eles não imprimiram um processo de grandes transformações nos modos de viver e conviver dos teresinenses. É visível a permanência de vários costumes, alguns percebidos apenas a partir do anoitecer, daí inferir-se que “a importância de uma cidade reside em tudo que o tempo e a complexidade da vida social não conseguiram destruir durante os anos”(MAGALDI,1999, p. 30) de modo que é ela vista e compreendida a partir e através dos costumes e normas de convivência social e dos lazeres e descanso que fazem a cotidianidade dos habitantes.

### **1.1 O lúdico da noite**

O crescimento e a complexidade da cidade não tiraram de seus habitantes a coesão social lúdica noturna, visível a partir do anoitecer até o romper da aurora. Aliás, a representação da noite associada à idéia de descanso, ócio e prazer está associada à positivação e não à negatização, como ocorre quando o olhar sobre o dia se associa ao trabalho.

Sentar-se à porta da rua ou no terreiro, depois do jantar, ao anoitecer, era hábito comum de boa parte da população teresinense. Membros da mesma família, com alguns vizinhos, deleitavam-se em conversas amistosas sobre o dia-a-dia, a vida dos outros e a rotina da cidade, sendo que em algumas residências com iluminação suficiente formavam-se mesas de jogos de baralho ou simplesmente, em algumas épocas do ano, esperava-se a chegada da *cruviana*, algo tão marcante no cotidiano de tanta gente que sua memória não se deve apagar. A propósito, a escritora Nerina Castelo Branco (1979 p.19-0)) escreve:

- Catarina vai chover! Tira roupa do sol! Hoje, vai ser noite de cruviana...
- Quem não dormir cedo, vai se ver com a cruviana. Cuidado!
- A imaginação infantil começou a trabalhar. Que diabo era cruviana? O que seria?
- Mamãe o que é cruviana?
- Cruviana não, filha. Cru, cruviana. Aparece em noite de chuva. Vês aquela nuvem branca, carregadinha d'água? Ela e outras nuvens vêm a frente da cruviana. Ela porém só chega à noite. De dia, o sol não deixa aparecer. Por isso, ela só vem com a chuva e sempre à noite.
- Mamãe a cruviana é uma Princesa? Vestida de ouro? [...]
- Boba! A cruviana é frio, este friozinho que chega, com a chuva. Embrulhe-se bem! Hoje é noite de cruviana...

Teresina como se percebe nos discursos escritos e orais, sempre teve uma imagem metaforicamente associada à feminilidade. A *cruviana* que é uma metáfora representava, nesse sentido, um perigo não apenas climático, mas também como ameaça aos corpos puros e imaculados das meninas, os quais exigiam cuidados. A *cruviana* era, assim, um pretexto para chamar a atenção daquelas crianças sobre a “necessidade” de protegerem os corpos, preservando-lhes a candura e não os expondo a outras pessoas. É como se dissesse: *feche-se, cubra-se! Embrulhe-se bem! Preserve o que você tem de precioso!* A cruviana poderia ser um malefício trazido pelo perigo da noite, mas sob um ponto de vista climático não passava de uma queda de temperatura acompanhada de certa ventilação, o que aumentava, nas noites de determinados meses do ano, a sensação térmica.

As crianças viviam quase uma rotina de jogos infantis noturnos cujo ludismo amalgamava umas às outras. As brincadeiras imprimiam entre elas, ainda que circunstancialmente, relações de poder, obediência e solidariedade, demarcadas por um discurso que desde cedo lhes definia os papéis sexuais. Dessa forma, mesmo analisando os jogos infantis na perspectiva do prazer e do ludismo, a criança deve ser vista como pessoa e sujeito de um processo histórico (ARIÉS, 1981), com identidades múltiplas que têm início no processo de socialização desencadeado na infância.

A brincadeira de roda era, dentre outras, uma prática exclusiva do sexo feminino, e *bambaquim*, *casamento chinês*; *boquinha de forno*, *balacôndê* de composição mista, com participação simultânea de meninos e meninas. Às vezes sentavam em volta de uma pessoa adulta, geralmente idosa, para ouvir *histórias de trancoso* as quais faziam-nas transcender a realidade para um mundo de fantasia que povoava a mente com personagens místicos como *reis*, *rainhas*, *fadas*, *bruxas*, *Gata Borracheira*, *Gato de Botas*, *Pavão Misterioso*, *Cinderela*, *Caipora*, *Mãe D'Água*, *Saci Pererê*, *Cabeça de Cuia*, *Num-se-pode*, *lobisomem*, etc. Dependendo da narrativa do contador/a, cada criança criava imagens lúdicas, bucólicas, românticas e cômicas que, certamente, se fixavam nas suas mentes para o resto da vida.

Por força da tradição, junho tem sido um dos meses do ano mais festejados em

Teresina, com celebrações religiosas, folguedos, danças, leilões. No catolicismo, “Santo Antonio, São João e São Pedro, os padroeiros do mês, trazem um mundo de esperanças e de divertimento”(SILVA, 1988, p.79), realizando-se novenários, procissões e quermesses, acompanhados dos folguedos mais populares, não só na capital, mas em todo o Piauí, como o *bunda-meu-boi* e as *quadrilhas*, com quase todas as residências com fogueiras em torno das quais se reuniam, em várias brincadeiras, famílias, vizinhos e amigos. A noite era, nessa perspectiva, o tempo fáustico de muitas práticas, quando o sagrado e o profano se confundiam num sincretismo de domínio popular.

As crianças divertiam-se tocando fogos apropriados – traques, sete-estalos, bichinhas, canutis, fósforos-de-cores e outros. Os adultos saltavam fogo, numa aliança de parentesco e de amizade, sob títulos de primos, sobrinhos, afilhados e compadres ou, então, com outras designações ou pretextos como “meus cuidados”, “minha rosa”, “meu alecrim” (SILVA, 1988, p. 81-2).

Os juramentos eram feitos com os supostos testemunhos dos santos do mês, proferidos com as mãos dadas e pulando sobre os tições por três vezes consecutivas, alternando-se as posições dos juramentistas. Existiam várias formas de saltar ou passar fogo:

Santo Antonio disse  
 São Pedro confirmou,  
 Pra nós ser compadre  
 Foi São João quem mandou  
 Viva Santo Antonio!  
 Viva São João!  
 Viva São Pedro!  
 Viva nós, meu (minha) compadre (comadre)!

Serviam café, doces, aluá e outras bebidas, além do típico e tradicional bolo de milho, e comiam batatas e abóboras assadas na fogueira. As moças realizavam algumas “experiências” sobre namoro e casamento e constituíam Santo Antonio o seu advogado nesse assunto. O Santo era responsado, tendo a imagem roubada, amarrada, enterrada de cabeça para baixo e até enfiado no caule de uma bananeira, tudo para obter um bom marido, bonito e rico, ou ao menos a certeza de um dia casar, enquanto outras acreditavam que se olhassem no espelho de uma bacia com água e não enxergassem o próprio rosto no próximo São João não estariam vivas.

Tais credíces povoavam o imaginário feminino, já que entre os homens não eram demonstradas, a não ser de forma discreta porque no imaginário masculino, em face do modelo de masculinidade, não caberia tal ilação mística. Os rapazes, nesse contexto, eram sempre o objeto de especulação entre as moças, que lhes observavam as virtudes, beleza e

patrimônio, cujas credences apelativas apontavam para um fim: obter um namorado e futuro marido de boa índole, boa aparência e boa família. Tal desejo, misticamente expresso, denunciava que o projeto de vida da maioria das jovens e a realização pessoal delas como mulheres bem-sucedidas passava pelo modelo tradicional de identidade feminina vincado na sociedade, a qual não se podia prescindir do casamento e da maternidade. Raras foram aquelas que, atingindo o grau de instrução superior, abdicaram-lhe, colocando num primeiro plano uma profissão, embora outras, mesmo com formação universitária, não abriram mão do casamento e da maternidade como elementos de realização plena de feminilidade. Procuravam, então, compatibilizar a profissão com o papel de boa esposa, boa dona-de-casa e boa mãe (CARDOSO, 2004).

Disse o historiador, Monsenhor Chaves (1994, p.63) que, “Teresina nasceu nos braços da Igreja Católica, isto é, na celebração de uma missa, na hora em que se lançava a pedra fundamental de sua matriz, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo”. Este fato, certamente, contribuiu para a continuidade de um modelo de família tradicional e conservadora, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade mesmo a partir da terceira década do século XX.

Era também em torno de vários templos católicos que se configuravam muitas manifestações lúdicas da noite teresinense. Eram festas religiosas onde celebrava-se o sagrado homenageando um santo(a) padroeiro(a) daquele templo, mas que a dimensão profana, às vezes, a superava o ritual litúrgico.

Dentre as festas religiosas dos teresinenses, as mais tradicionais ocorriam na igreja de Nossa Senhora do Amparo ( padroeira da cidade), na de São Benedito e na de Nossa Senhora das Dores. Também havia, segundo Santos (1992), festejos em várias igrejas de bairros, como a de São José (Vila Operária), a de São Raimundo (Piçarra), a de Nossa Senhora das Graças (Capelinha de Palha) e a de Nossa Senhora de Lourdes (Vermelha). Em todas se davam novenários e quermesses, com barraquinhas e leilões, algumas animadas com bandas de música, constituindo-se então um ambiente repleto de casais religiosos e muitos jovens de ambos os sexos, que faziam dos eventos um espaço adequado para um *flerte* e um futuro namoro e casamento.

As festividades religiosas não ocorriam apenas no âmbito dos templos católicos. Teresina contava com vários centros de cultos afro-brasileiros (candomblé e umbanda), os quais eram, como ainda os são, chamados de *terreiros de macumba*, cujo funcionamento legal dependia de um alvará de Polícia, uma consequência do preconceito institucional herdado do Império e que se expandiu pela República. No Rio de Janeiro, a então capital do



país, *terreiro de macumba* era mesmo caso de polícia, como quase tudo que se vinculava à cultura negra, cujos sujeitos tinham sido libertados da escravidão oficial havia poucos anos.

A rua silenciosa, pelo escasso movimento de pessoas e de carros, favorecia que se ouvisse, longe, lá pelos lados do Mafuá, do “Corte,”<sup>1</sup> e do cemitério São José, os atabaques dos tambores, que tocavam desde o começo de maio até o fim de junho, comemorando o 13 de maio.(ABREU, 1997, p.81).

Em outros bairros periféricos, ocorriam festividades menores que bem expressavam a miscigenação cultural e o sincretismo religioso, de caráter sagrado e profano como *Pastoril*, *Ternos de Reis*, *Rodas de São Gonçalo*, e o *festejo de São Pedro* no bairro Poti Velho, a partir de 1954.

Uma forma de entretenimento masculino noturno que mais encantava a população jovem feminina, principalmente nos anos de 1950, eram as serenatas. Tratava-se de uma prática lúdica que articulava num mesmo momento partes distintas, com desejo e prazer intensos tanto para os rapazes, os realizadores, quanto para as moças, as homenageadas. Essa era, certamente, a forma de diversão noturna masculina de maior conteúdo romântico, posto que os seresteiros tinham o objetivo claro de conquistar as jovens, declarando-se delas apaixonados, ou simplesmente homenagear algumas amiga, expressando a elas, através da música, sua afeição.

As serenatas eram praticadas, geralmente, em noites de lua cheia, por grupos de quatro a até mais de uma dezena de rapazes, amalgamados por uma cumplicidade e solidariedade masculinas. Os instrumentos mais utilizados eram o violão e a flauta e os que sabiam tocar e cantar chegavam mais próximo da casa da jovem, que podia até, através de amigas, receber um aviso. Todas ficavam encantadas e os ouviam com atenção, com algumas, mesmo sob a reprovação dos pais, ousando espiá-los por uma janela entreaberta ou pelo buraco da fechadura.

Não precisava ser uma namorada, uma colega, por exemplo... quando a gente tinha uma estima por ela, que a gente nem sabia o que era estima, a gente dizia era que gostava muito daquela vizinha ali, a gente avisava: a gente vai tocar um violãozinho na tua porta...a gente vai fazer uma serenata.<sup>2</sup>

Nos anos de 1960, com a tecnologia fonográfica, as serenatas de voz e violão foram, aos poucos, sendo substituídas pelas serenatas de música mecânica, através de uma radiola portátil. Rodavam-se então discos de vinil (LP, compacto duplo ou compacto simples), de Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Orlando Dias, Evaldo Braga, Valdick Soriano, Jerry

<sup>1</sup> “Corte” era o rebaixamento da superfície do terreno por onde passava os trilhos da via férrea.

<sup>2</sup> Antonio Carlos Marques, em entrevista no dia 20/6/2005.

Adriani, Milton César, entre outros. Quase sempre se enfrentava dois problemas: o do disco ralado que fazia com que a agulha que captava o som e projetava ao fone enganchasse e o do fato de ter que correr com a radiola na cabeça se o pai da moça, de repente, abrisse a janela. O Dr. Angeline, um dos jovens boêmios daquela época, relata com nostalgia e humor:

As serenatas, se juntava um grupo de cinco, seis, até oito... Tinha uns que levava a radiola na cabeça. Naquela época a radiola era de corda; se botava a radiola na cabeça, segurava com a mão esquerda e dava corda com a mão direita que era para o disco rodar. Uma vez nós fizemos uma serenata na casa do dr. Luís Lopes Sobrinho, um desembargador que morreu a uns cinco ou seis anos atrás. Quando tava no auge da serenata, nós cantava aquela música: *Acorda patativa, vem cantar...*, Aí o vereador Ernani abriu a janela e disse: só ta cordado hoje o galo de campina....Aí a gente disse; pois salta a janela e vem pra cá. Quando ele saltava a janela já era com a garrafa de cachaça; embriagava todo mundo, inclusive ele. Mas era bom demais<sup>3</sup>

Posteriormente, em alguns bairros da periferia, os rapazes passaram a oferecer músicas às suas namoradas, pretendentes e amigas, através das rádios amplificadoras comunitárias, publicizando, assim, o seu sentimento.

Ainda hoje existe amplificadora no Poti Velho, fica em cima da igreja. [...] Por que hoje é música, mas de primeiro, era gravação... eu chegava no *stúdio* e dizia olha rapaz eu quero oferecer essa gravação aqui a essa moça bem aqui[...] Lá você dizia as iniciais do nome da pessoa.[...] dizia as iniciais e ainda dizia filha de seu fulano de tal.<sup>4</sup>

O centro da cidade era o espaço econômico e social mais ativo e atrativo, sobretudo quanto ao divertimento diurno e noturno, enquanto as periferias se viam desprovidas, quase totalmente, de maiores opções de lazer, com lugares esteticamente sem maiores atrativos ou socialmente marginalizados e estigmatizados como perigosos, mais pela pauperização que pelas relações ali praticadas.

## 1.2 Lugares na Noite

Encontravam-se no centro de Teresina, templos religiosos, praças, bares, lojas, cinemas, mercados e clubes. Diuturnamente, “esses lugares têm pelo menos três características. Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos”(AUGÊ, 2004, p. 53). A praça é um deles - deste o princípio de Teresina a Uruguaiana era o seu principal centro comercial e de entretenimento e, mesmo a partir da

<sup>3</sup> Entrevista com o Dr. Euvaldo Angeline da Silva, gravada no dia 03.09.2000.

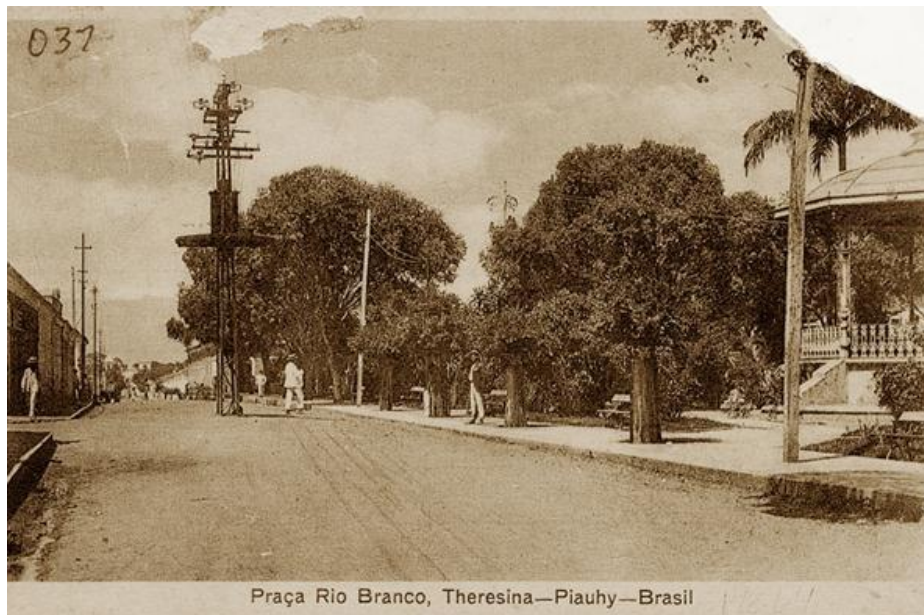
<sup>4</sup> Antonio Carlos Marques em entrevista em 29/06/2005

década de 1930, quando se tornou Rio Branco, continuou sendo, por algum tempo, uma das opções noturnas.

No mês de junho a praça enchia-se de barracas e folgedos alusivos ao período, fazendo a alegria das crianças e de todos os freqüentadores. Na primeira quinzena de agosto, durante o novenário em homenagem a Padroeira da Cidade, realizava-se quermesse, concentrando na praça um grande número de pessoas de todas os níveis e idades que se juntavam em torno das barracas ou para um descontraído bate-papo, ao som da banda que diariamente executava as mais variadas melodias (BARBOSA, 1973.).

Ali ficavam o *Cine Olímpia*, o *Bar Carvalho*, o *Café Avenida* e o coreto, onde a banda de música da Polícia Militar, nas noites de quintas-feiras, fazia retretas. No período momino, era de lá que partia o curso carnavalesco e onde até as primeiras horas da noite, os blocos se encontravam e travavam batalhas de confete e lança-perfume. Estes lugares eram pontos referenciais para a população da cidade como relembra um ex-funcionário do Bar Carvalho:

Era uma casa grande. E ao lado tinha uma sinuca e uma torrefação de café. O café era torrado ali mesmo no recinto [...] Tinha restaurante, era um dos melhores restaurantes de Teresina. Ia família, muitas famílias. Motorista de táxi. Não era, táxi não existia, era carro de aluguel. [...] O Café Avenida era o mesmo estilo. Lá só não tinha restaurante, era o café do dinheiro, daqueles políticos... se destacava mais um pouco dali porque você sabe que um bar, um restaurante assim vai aquele pessoal da classe média, os mais ricos, sempre vão procurar um lugar mais destacado que era o Café Avenida, né?<sup>5</sup>



Acervo do Arquivo Público do Piauí

Foto 1 Pça. Rio Branco

<sup>5</sup> Luis Cavaquinho, em entrevista em 19/6/2003.

A praça é na verdade, um dos espaços que, significados pelas relações neles praticados, produzem historicidades. Se os *lugares* assim se definem e os *não-lugares* pela ausência desses caracteres, as praças, como outros pontos na cidade, se constituem, conforme a dinâmica social e temporal, em *lugares* para alguns e em *não-lugares* para outros.

Observa-se que na Praça Rio Branco e em torno dela, os espaços eram significados e significantes por quem e de quem ali praticava relações de caráter identitário e socialmente hierarquizados. Assim eram também as outras praças tradicionais: Saraiva, Landri Sales (Praça do Liceu), São Benedito e Pedro II..

A vida, já se vê, era simples e íntima. O governador Joca Pires, à noite, sentava-se num banco da Praça, cercado dos amigos e das pessoas de prol. Ia à retreta, como os outros, o professor, o juiz, o estudante, a mocinha. Ouvia as mesmas histórias e a mesma música tocava no coreto pela banda militar.(TITO FILHO, 2002, p.21).

Mesmo sem se identificar em qual das praças ocorria a cena da crônica citada, pode-se inferir que esta podia ocorrer em qualquer uma das duas praças que possuíam coretos( Rio Branco e Pedro II), onde a classe média se fazia presente. E que sentar-se num banco da praça, à noite, para conversar com pessoas conhecidas era um hábito dos teresinenses, sobretudo os que habitavam no centro da cidade.

O poeta H. Dobal, por ocasião do centenário de Teresina, em 1952, para homenagear a cidade, escreveu a obra, *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*, na qual, ao referir-se sobre as praças, diz que das tantas já existentes naquele momento, duas se destacavam: a Praça Rio Branco e a Praça Pedro II. A primeira, na vida diurna e a segunda no cotidiano noturno.

A de uso diurno é a praça Rio Branco.[...] É a praça dos automóveis. Aqui estacionam os carros de aluguel, que são de todos os tipos, ao gosto do freguês, e se distribuem naturalmente, em secções diferentes, de acordo com o tipo.[...] É ainda a praça do comércio e dos cafés. Nestes é que, realmente, está o centro da agitação, a nota característica porque por mais ocioso ou ocupado que esteja alguém, sempre fará uma pausa para o cafezinho.[...] É também a praça dos comícios, com um coreto para os oradores. . .(DOBAL, 1992, p. 19-20)<sup>6</sup>

Ainda que o poeta Dobal classifique esta praça como sendo de uso diurno, descrevendo os espaços e os tipos de relações ali praticadas, o faz dirigindo o seu olhar sobre a cidade naquele momento, ou seja, o início dos anos de 1950. Entretanto, não se pode prescindir de reconhecê-la enquanto espaço de lazer que, em décadas anteriores, abrigou muitas práticas relacionais e identitárias noturnas.

---

<sup>6</sup> DOBAL, H. *Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina*. Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 1992; p. 19-20

A Pedro II era a praça noturna,

É a praça sentimental dos namoricos das moças, das sorveterias. Onde a banda de música da Polícia, cada quinta-feira e domingo, que são os dias melhores, toca os seus dobrados, valsas de Viena, músicas de carnaval. Onde fazem o fúntigue todas as noites, das sete às nove. (DOBAL, 1992, p.20).

É um dos espaços públicos mais antigos e mais movimentados. Até os anos de 1920, chamava-se Praça Aquidabã. Na década de 1930, passou por alguns melhoramentos sendo reinaugurada como Pedro II, numa homenagem ao ex-imperador do Brasil e esposo da mulher (Teresa Cristina) que inspirou o nome da cidade. Para a Pedro II convergiam pessoas de todos os segmentos sociais e, por ser bem centralizada, era ponto de passagem, *um não-lugar*, para muitos que transitavam entre o lar e o trabalho, para outros, o principal lugar de entretenimento. Em torno dela ficava alguns dos lugares mais bem freqüentados dos teresinenses: O *Teatro 4 de Setembro*, o *Cine Rex*, o *Bar Carnaúba*, a *Sorveteria Americana* e nas adjacências, o *Cine São Luis* e o *Clube dos Diários*.



Acervo do Arquivo Público do Piauí

Foto 2 Pça. Pedro II

Até a década de 1960, a praça Pedro II, era cortada por uma abertura diagonal, ligando a Rua David Caldas à Rua Paissandu, formando uma parte mais alta e outra mais baixa. Na alta, uma pequena escadaria que dava acesso ao coreto, onde a banda de música da Polícia Militar, cujo quartel ficava em frente, realizava as retretas de domingo à noite. Foi desse ambiente romântico que A. Tito Filho(2002, p. 21) buscou inspiração para, em uma de suas crônicas, dizer:

Nunca deixarás de passar uma noite de domingo nesta cidade afetiva, tranqüila e pitoresca...

Pois numa noite de domingo admirarás a maior concentração de brotos e coroas de que se tem conhecimento desde a chegada dos navios de Pedro Álvares Cabral. Garotas de todos os tipos e formatos fazem a noite dominical na Praça Pedro II. Vem vê-las. Os brotos ocupavam parte da praça, a outra pertence às coroas. A *paqueraçã* faz o resto - paqueradores a pé paqueradores de automóvel. Tudo origina noutras terras. Vem! Teresina te oferece vida nova em cada esquina, em cada praça, em cada rua.

Os espaços, como já se disse, no perímetro urbano de uma cidade são significantes e significados pelos diversos tipos de relações neles praticados. A praça Pedro II é para alguns dos habitantes de Teresina apenas um ponto de passagem, um *não-lugar*; para outros, além de um espaço de coexistência é também um *lugar*, portanto, onde se praticam relações sociais, constroem-se identidades e se atribui significado histórico àquele lugar. Mesmo sem estar prescrito em nenhum lugar, os freqüentadores iam estabelecendo relações de identidade de acordo com suas demandas no sentido de alcançar seus objetivos.<sup>7</sup> As moças e rapazes de setores mais baixos da sociedade e também os casais de namorados preferiam a parte mais alta por ser menos iluminada. Na parte mais baixa, ficavam os rapazes e as moças da elite, candidatos(as) a namorados(as). A estratégia utilizada nesse sentido era o *flerte*. E o espaço da praça ia tomando uma organicidade de acordo com a intencionalidade de seus freqüentadores caminhando sobre ele ou posicionando-se estrategicamente. Através do olhar, moças e rapazes esperavam conseguir seu objetivo, ou seja, a correspondência da atenção da pessoa pretendida para um futuro namoro.

As moças separadas dos rapazes se ofereciam ao *flerte*, circulavam pela praça em lado oposto ao deles, as moças em geral de mãos ou braços dados pelo lado de dentro do círculo e os rapazes pelo lado de fora, modo de passeio facilitado pelo aumento da freqüência de encontros dos casais e automaticamente o *flerte*, sem necessariamente um encontro direto, um dos gestos que era apresentado pelo rapaz após olhares e confirmação da moça, era de muitas vezes indicar nos dedos das mãos uma quantia, três, por exemplo: rodava os dedos significando que na terceira volta gostaria de se aproximar e conversar com a moça (SOARES, 1999, p.7).

Às vezes, uma moça passava um longo tempo só *flertando* um rapaz, sem, contudo, nem conversar com ele. Chamar a atenção da pessoa desejada servia, antes de tudo, para alimentar o ego, principalmente se o rapaz fosse virtuoso e de boa família. Outras vezes, era a própria timidez do rapaz que lhe impedia aproximar-se da moça e, com ela, iniciar uma relação afetiva. O movimento começava as sete da noite, atingia o ápice a partir

---

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. p. 201. O autor faz uma distinção entre espaço e lugar, tornando a ordem, seja qual for, que distribui elementos nas relações de coexistência para designar o que seja um lugar.

das oito, quando aumentava o número de pessoas saídas do cinema, e terminava às nove. Dizia-se nesta hora: “soltaram a onça”(DOBAL, 1992, p.20). Naquele momento soava o toque de recolher no quartel da Polícia Militar, localizado no lado sul da praça. Era essa a hora de moça “direita” e de família, preocupada em preservar a boa reputação, voltar para casa, mas as mais ousadas, que ali permaneciam, afrontavam a recomendação dos pais e se expunham aos muitos fofoqueiros, para os quais, com esse tipo de conduta tornavam-se faladas ou *intituladas*.<sup>8</sup> Como, “[...] o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1990, p.201), cada um se situava no que julgava o próprio, distinto e conveniente às estratégias que se lançam em busca do prazer, tanto que Dobal (1992, p. 20) afirma que um certo dia “alguém que por distração e curiosidade acompanhou os giros de uma moça em torno do centro e descobriu que ela dava duzentas voltas durante a noite”.

A praça Pedro II foi até a década de 1960, um dos principais pontos de encontro da cidade. Ali nasceram muitos romances, românticos e discretos, entre jardins, ao som de música que alegrava o ambiente, e que se transformaram em casamentos.

Os clubes, de uso privado e que faziam parte da vida cotidiana de muitas pessoas, também eram lugares da noite, tendo como função primordial o lazer, principalmente o noturno. Sua atividade mais freqüente, os bailes, apresentava como o mais tradicional e elegante o do *Clube dos Diários*, fundado ainda na década de 1920 e que nos anos 1940 e 1950 contava com outras formas de entretenimento, como o encontro com amigos, jogos de cartas, o xadrez, a sinuca, o *ping-pong*, o dominó e a tomada de *drink*.

Teresina já figurava como uma cidade dançante. Além do *Clube dos Diários*, outros fizeram história, como o River, que era recreativo e esportivo e anterior ao Jockey Club do Piauí, também destinado a pessoas de médio e alto poder aquisitivo, sem dizer dos mais populares, como o *Botafogo*, *Os Terríveis*, *o Teresinense*, *o Automóvel Clube* e a *União Artística*. Os bailes ali realizados aproximavam as pessoas não somente do ponto de vista físico, mas também afetivo, já que fora dos clubes, as relações eram tímidas e formais, vigiadas pelos costumes da época.

Os jovens, após voltarem na Pedro II, dirigiam-se para as tertúlias nos Diários, onde, como afirma Castelo Branco (1979, p.49), numa de suas crônicas:

Havia ali reuniões dançantes que chamavam de tertúlias... Orquestra tocando sambas, boleros, fox-trot e os pares deslizando pelo soalho brilhante na base da

---

<sup>8</sup> DOBAL, H. Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina. Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 1992; p. 19-20

cera de carnaúba.

Em cada mesa do Clube ficava o “grupinho” de amigos. A vida alheia era a tônica formal das palestras, é claro. As moças mais jovens e bonitas não faziam *crochê*. Tinham seus pares certos e apaixonados. As outras ficavam só espiando..

A moral da época não permitia que os casais, mesmo aqueles apaixonados, dançassem de corpo colado, por isso mantinham uma certa distância. Quem procedesse de forma diferente, com certeza, no dia seguinte era objeto de comentários.

Em frente aos clubes de elite, em dias de baile, havia o “sereno”, quase uma instituição, que consistia no hábito de muitas pessoas, ali, se reunirem com o intuito de espiar, jogar pilhérias e criticar os participantes do evento: como se vestiam, como dançavam, quem estava acompanhada de quem, quem fazia *crochê*<sup>9</sup>... Em tom de gozação faziam comentários picantes, falavam palavrões, a tal ponto dos jornais publicarem notas reprovativas. Entretanto, diziam alguns que o “sereno”, às vezes, era mais animado que a própria festa.

Se a elite reclamava da falta de polidez daqueles que estavam no “sereno”, também os seus membros não estavam imunes a esse tipo de comportamento e constrangimento. Em 1952, por ocasião de um baile de formatura dos concludentes do curso ginásial da Escola Normal Antonino Freire, no Clube dos Diários, um jornal da época registrou o seguinte “no recinto do salão do baile, sem causa justificável, um forte atrito entre o prefeito João Mendes Olímpio de Melo e o professor jornalista Valdemar Santos, que culminou em causas de pulgilato”(FERREIRA, 2003, p. 79).

Se nos bailes da elite aconteciam brigas tendo o próprio prefeito da cidade e um jornalista e professor como protagonistas, o que se poderia inferir a esse respeito, dos clubes populares e dos forrós espalhados pelos bairros da periferia? Das muitas festas populares realizadas em residências ou salões de festas, havia aquelas que embora se destinassem à população pobre, primavam-se pela imagem do evento e de quem dele participava, preservando, acima de tudo a reputação das moças.

As festas eram de moça. O dono da festa distribuía carta para as moças irem à sua festa. Se alguém notava que tinha uma prostituta na festa, alguém apontava para o dono da festa e ele a botava pra fora. Ele tinha esse direito ou as moças saíam tudo pra fora.<sup>10</sup>

Observa-se que a virgindade era sinônimo de honra e a condição para a mulher transitar livremente em todos os lugares de sociabilidades. Elas tinham ingresso gratuito ao

<sup>9</sup> Fazer *crochê em festa* significava, perjorativamente, “ficar encalhada”, sem dançar.

<sup>10</sup> Depoimento do Sr. Francisco Alves de Sousa – o Carrola, em entrevista em 12/9/2000



evento, já os rapazes tinham que pagar a cota, na entrada ou após dançar o primeiro toque, ou seja, a primeira parte musical. A partir daquele momento, ele recebia um distintivo como prova de estar quite com a cota financeira, que podia ser um carimbo no braço, um canto de uma unha pintada de esmalte, ou um pedaço de fita colorida fixada na camisa por um alfinete. Cabia ao rapaz tirar a moça pra dançar, se esta o enjeitasse, ou seja, se declinasse do convite era, às vezes, motivo de confusão, porque muitos homens não admitiam serem rejeitados. E então falavam àquela jovem se ela não dançasse com ele, não dançaria com mais ninguém. Isto era suficiente para dar início a uma briga que, em muitas vezes, resultava em agressão física e até morte, finalizando a festa.

Existiam alguns forrós que já era de *praxe* ocorrerem confusões como o *Forró do Pedro Toco*, no cruzamento das ruas Barroso e Santa Luzia, nos Cajueiros, próximo ao Barroão. Acontecia aos sábados, e sua clientela (cafetões, estivadores, desocupados) era constituída dos setores mais populares da cidade e do lúmpem da periferia, oriundo principalmente do baixo meretrício conhecido como *Palha de Arroz*. Um entrevistado relembra que

Pedro Toco, era um aleijado, que tinha um cabaré... Forró! Não era nem cabaré era um forró [...] naquele tempo existia os cabas que freqüentavam lá, era os cafetão, o Anias, o Preto, João Anásio, João do Joel, era os maus elementos dali [...] Pedro Toco era valente. Só tinha uma perna, mas botava todo mundo pra correr... quando o caba queria abusar ele botava pra ir embora.<sup>11</sup>

Em outro ponto da cidade, no bairro *Porenquanto*, existia um outro forró no mesmo estilo, de Manoel Eugênio, que ficava na Avenida Jacob Almendra, próximo ao Colégio Matias Olímpio e funcionava só aos domingos, das duas da tarde ao anoitecer. Era um forró:

Só de repariga mesmo. Só ia pra lá quem tivesse negócio. Sabia que o forró era de gato [...] Lá era confusão mesmo, quando era seis horas da tarde saia todo mundo bebo. Aí caía pano de faca, era uma correria, era tudo. Ali juntava os gatos da Estação, juntava os gatos do Morro do Querosene e do Móio de Vara e iam tudo pra lá... Quando entrava soldado do 25ª BC, solteiro e da Polícia era confusão.<sup>12</sup>

Onde se localizava o forró não era zona de prostituição, era área residencial. Talvez por se tratar de gente simples e pobre, que ficava apreensiva com tanta confusão temendo sua própria integridade física e moral, não reclamava tanto. E no domingo seguinte acontecia tudo de novo.

Por ocasião do centenário da cidade H. Dobal (1992, p.45) chamou atenção para

<sup>11</sup> Luis Cavaquinho. Entrevista em 19/6/2003

<sup>12</sup> Carrola, em entrevista em 12/9/2000

o seguinte: “nesta cidade, como naquele poema famoso, há escassez de igrejas, excesso de tabernas. Os bares se multiplicam pelas ruas e, em consequência, os bêbados”. Os bares são lugares típicos da noite e ambiente próprio de afirmação da masculinidade. De todos aqueles que estavam fora da zona boêmia, o mais famoso foi o *Bar Carnaúba*, ao lado do *Teatro 4 de Setembro*, de caracteres rústicos, feitos da palmácea do mesmo nome e de difícil definição, dada a diversidade de gêneros no atendimento aos seus frequentadores. Definia-se como “boate, restaurante, café-concerto, sorveteria, formando um conjunto muito simpático e como nunca houve na cidade”(DOBAL, 1992, p.45) .

O Bar Carnaúba foi fonte de inspiração para um poeta da cidade:

### **Bar Carnaúba**

No Bar Carnaúba  
 (onde é que fica? na memória?) Desempregados.  
 Estudantes, senhores de terno e gravata. A putaria de olhares trocados.  
 Sensuais.  
 Mulher contrapassa  
 Homem com trapaça.  
 Faladores, cafezeiros, filadores,  
 Torcedores, fumacista, professores.  
 E o recado no ar para os descontentes (1968 ou 64):  
 - o Comandante da Polícia Militar mandou que fossem descansar em paz, em suas casas:  
 - o Presidente caiu, não leiam os jornais:  
 Desce a noite. E a praça está lá:  
 Serenamente corre como o rio,  
 branco colar de contas, sem fio.  
 Encontro no teatro para assistir a um filme  
 Liberdade contida:  
 - Você não caiu (MOURA, 1983, p.15).

Observa-se que o *Bar Carnaúba* marcou a vida cotidiana de muitos homens, como Francisco Miguel de Moura. Hoje, existe apenas na memória. Um lugar de atendimento diverso, de frequentadores plurais, subjetivos. E que integrava o complexo central de entretenimento, em Teresina: *Praça Pedro II, Cine Rex, Teatro 4 de Setembro, Clube dos Diários*.

Os bares eram um negócio para os proprietários, um trabalho para os garçons e um refúgio para os boêmios. Trata-se de lugares especiais para tudo que há na vida a se comemorar; sendo um espaço democrático onde é possível falar, prometer, acordar, jurar, mas também permite nada se levar a sério, negando ou contradizendo o que foi dito e acordado no dia anterior. Servem para alegrar, disfarçar o tédio, dissimular o sentimento ou aprofundar as mágoas de muita gente e é setor obrigatório em qualquer clube, hotel ou zona boêmia de qualquer cidade.

A zona não seria um lugar alegre e democrático, cheio de confusão e relações ilícitas e perigosas sem os bares, lugares de encontros e desencontros, de alegrias e de tristezas, onde se estabelecem conexões de sujeitos sociais diversos que protagonizam a noite porque, entre a primeira dose e a saideira, transcorrem conversas sadias, amistosas, confidenciais ou amarguradas, decorrentes de um negócio mal-sucedido, uma paixão não correspondida ou um romance fracassado. Segundo Deusdete Nunes,<sup>13</sup>(1996, p. 17) “[...] a humanidade seria mais amiga, haveria mais paz se as amizades todas fossem nascidas a partir de uma mesa de bar”.

Nesse sentido, o compositor-cantor, Gonzaguinha compôs uma das mais belas peças do cancionário popular brasileiro sobre a mesa de bar vista pelo olhar do boêmio:

### **Mesa de Bar**

Mesa de bar  
 É lugar pra tudo que é papo  
 Da vida rolar  
 Do futebol, até a danada da tal da inflação.  
 É coração, fantasia e realidade.  
 É o ideal paraíso,  
 Aonde nós fica à vontade Mesa de bar  
 É cerveja matando a pau o calor  
 Vamos cantar aquela cantiga  
 Que fala da luta e do amor  
 Mas antes, brindar em homenagem.  
 Àqueles que já não vêm mais Saúde!  
 Pra gente moçada  
 Que a gente merece demais  
 Em torno de um copo a gente inventa  
 Um mundo melhor  
 a dona birita levanta moral  
 De quem estar na pior  
 A água da mágoa se enxuga no pano  
 Daquela toalha  
 Pra acabar com a tristeza  
 Esse remédio não falha  
 Na mesa de um bar  
 Todo mundo é sempre o maior  
 Todo mundo derrama as tintas  
 De sua alegria  
 Copos batendo na festa da rapaziada  
 Se bem que a gente não esquece  
 Que a barriga anda um pouco vazia  
 É que na mesa de um bar  
 É onde se toma um porre de liberdade  
 Companheiros em pleno exercício  
 De democracia Mesa de bar  
 É onde se toma um porre de liberdade  
 Companheiros em pleno exercício de democracia<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Popularmente conhecido como *Garrincha*.

<sup>14</sup> Composição de Luís Gonzaga Júnior – o Gonzaguinha; gravada por ele próprio, e também por Alcione e Ed Mota no CD – *Duetos*.

Para os pudicos o bar é visto como um lugar marginal, embora os freqüentadores o tenham como um espaço liberal e democrático, onde andam o rico e o pobre, o negro e o branco, o jovem e o idoso, o bebedor de cachaça manipulada e o degustador de *whisky* importado. Distribuídos pela cidade, a noite é a inspiração de quem os freqüenta de sorte que, enquanto a cidade dorme, é nos bares, nos cabarés, nas salas de jogos e nos salões de dança, às vezes mal iluminados e impregnados pelo odor das bebidas e obscurecidos pela fumaça de cigarros, que emergem relações próprias de viver as aventuras da noite.

Os bares, nessa hora, são fundamentalmente de domínio masculino. O *Bar Carnáuba*, nesse sentido, foi um exemplo típico, cujos freqüentadores, a maioria, era constituída de pessoas de médio e alto poder aquisitivo. Dos que se localizavam na zona da zona da Paissandu, os mais famosos eram o *Bar São Raimundo*, o *Bar São Martinho*, o *Bar da Marlene* e o *Bar da Paula*, além daqueles no interior dos cabarés.

Os quiosques vendiam somente bebida quente, principalmente cachaça. O mais freqüentado era o que vendia cachaça com várias misturas: rama *de salsa*, *sapo*, *cobra*, *caju*, *marfim*, *birindiba*. Um ex-freguês diz que era “uma maneira de agradar os fregueses. [...] Me arranja uma cobrinha, um caçote, me arranja uma salsa... e tomava a cachaça com sabor diferente”<sup>15</sup>. *A priori* poder-se-ia acreditar que tomar cachaça com sabor diferente resultante de tantas ingredientes exóticas contidos no interior das garrafas tivesse um princípio reativo afrodisíaco, mas na verdade, o sentido era demonstrar coragem e determinação, afirmando perante os outros sua masculinidade.

Entretanto, os resquícios do discurso médico higiênico-sanitarista que se desenvolveu na cidade do Rio de Janeiro e se expandiu pelo país na virada do século XIX e início do século XX, não fora de vez superado nas décadas seguintes o que estimulou fazer da cidade um corpo social sadio por um olhar negativo para alguns setores da sociedade, principalmente os mais populares, como os bares, os cassinos e os cabarés. Era uma concepção construtora da idéia de negatização dos bares e de outros lugares congêneres, colocando-os como exemplos de lugares indesejáveis na cidade.

O discurso apresenta o bar, o cabaré e o botequim, em contraposição à fábrica, à oficina, ao escritório, espaços do trabalho e ao espaço do lar. Considerava-se que esses espaços de lazer encorajavam a indisciplina e libertinagem, neles se misturavam sociabilidade, violência, prazer e desordem causando problemas no trabalho e ruína doméstica (MATOS, 2001, p.75).

---

<sup>15</sup> Entrevista com Antonio Carlos Marques, em entrevista, em 24/1/2005.

Tal discurso colocava a cidade como um espaço de tensões, sendo o lar em oposição ao bar os pontos extremos de uma polaridade que representa, respectivamente o bem e o mal na vida dos homens. O lar seria o espaço saudável, do equilíbrio, da paz, da felicidade e da vida conjugal harmoniosa, elementos imprescindíveis à identidade masculina, vista assim principalmente pelos olhos da Igreja e do Estado, enquanto o bar e os outros lugares da noite, de inspiração boêmia, eram tidos como espaços de degeneração do caráter masculino, desviantes da boa conduta e gerador de doenças do corpo e da alma, que levava muitos a uma relação de dependência física e mental e a certos vícios, como o alcoolismo, o jogo, o prazer ilícito, o sexo pervertido.

A historiadora Maria Izilda Santos de Matos ( 2001, p. 59) recorta um dos trechos do livro *Malefícios do Alcool*, de autoria de Faustino Esposel, para ilustrar o quanto a embriaguez pode expor publicamente o homem a situações constrangedoras e até cômicas.

O rebaixamento moral a que se submete o embriagado sujeita-o a comparações zoológicas nas várias fases da embriaguez: a primeira é a fase do macaco, da graça, da imitação; a segunda é a do leão, da briga, da pancada; a terceira é a fase da humildade, da humilhação, da covardia, da obediência cega, da docilidade, é o período do carneiro; e finalmente, o sono, o ronco, caracterizam a fase última do porco.

O embriagado perderia o domínio sobre si mesmo, expondo publicamente aspectos de sua intimidade e desprezando valores morais que devem nortear a conduta de todos os homens como a discrição, a seriedade, a honestidade, além de transgredir outros elementos organizadores e orientadores da vida pessoal de cada um.

Outra opção de lazer era, desde o início do século XX, o cinema. Qualquer um - *São Luis, Olímpia, Royal, Rex, São Raimundo* ou *Teatro 4 de Setembro* – era um espaço não somente de entretenimento e sociabilidades, mas também um lugar de práticas relacionais cuja linguagem circunscrita dos movimentos orientavam ou direcionavam, intencionalmente, os corpos, em busca do prazer num ambiente de penumbra, necessário à exibição da película, independente de, externamente, ser dia ou noite, sendo que, das três sessões diárias, a última tinha maior movimento. “A sessão elegante com caráter nitidamente mundano, é a de oito e trinta, aos domingos, chamados *soirée*, quando se estréiam os filmes da cidade.” (DOBAL, 1992, p. 46).

O cinema era, para os namorados ou pretendentes, um lugar propício às transgressões de normas pudicas que orientavam os corpos numa sociedade conservadora. Com certeza, o escurinho facilitava os beijos de língua demorados e o toque de mãos

audaciosas que bolinavam partes interditas dos corpos.

De 1938 em diante, vi, com os olhos que a terra há de comer, bolinação em cinema. Pares agarradinhos. Mãos em permanente atividade. Gente alta. Foi um morenãõ bonito, de cabelos compridos que me iniciou nas práticas amorosas em salão de cinema. (TITO FILHO, 2002, p. 26)

Por esta razão, o cinema foi, certamente, alvo de tantas críticas por parte de alguns que se diziam defensores moral e dos bons costumes. Na contraposição, estavam aqueles que viam em tal forma de entretenimento algo mais, além de um lugar propício à prática de bolinação, beijos e outros tipos de contatos corpóreos.

A cultura da cada povo, em cada cidade, produz relações sociais que resultam no surgimento de espaços urbanos com função definida. Tais espaços, dependendo das relações sociais e identitárias de seus agentes, tornam-se *lugares* para alguns e *não-lugares* para outros, como por exemplo o *Clube dos Diários* e zona do meretrício. Esta era tida como um “lugar” de práticas ilícitas e de sujeitos indesejáveis, pervertidos e transgressores dos padrões disciplinares da moral que rege a boa conduta.

### 1.3 O Perigo na Noite

A cidade noturna é, à luz das mentalidades e da cultura, um lugar encantador, sedutor, alegre, pacífico e, paradoxalmente, perigoso, pleno de práticas criminosas, imorais, indesejáveis. Aliás, serve a noite à construção de uma trama de prazeres motivada pela cumplicidade de homens e mulheres infames que praticam perfídias e outras ilicitudes. Segundo Fenelon (1999, p. 7), a cidade deve ser “sempre encarada como lugar de pluralidade e da diferença,” de sujeitos múltiplos e heterogêneos atravessados por várias temporalidades e identidades de modo que controlar os corpos de sujeitos sociais que se subjetivam, sobretudo à noite, tem sido uma constante de várias instituições como a família, a Igreja e o Estado.

Assim, para manter um corpo socialmente controlado e “sadio”, é imprescindível controlar, individualmente, cada sujeito submetendo-o a um conjunto de valores morais e normas de convivência social oriundas de instituições estatais e civis cujo poder de coerção se efetiva pela ameaça moral, religiosa e até policial. Em tese, tais normas representavam uma ameaça permanente, temida pelo transgressor sujeito a sanções sociais dos segmentos mais conservadores da sociedade.

Moça de família e que se prezava não permanecia na praça além das 21 horas. Pontualmente, a Usina apitava neste horário e as donzelas despediam-se, uma das outras e retornavam às suas casas. (CASTELO B RANCO, 1979, p.49).

As que passavam dessa hora sem ir para casa ou dali não se dirigissem para as tertúlias no Clube dos Diários, de onde deveriam retornar ao lar por volta de meia noite e na companhia de uma pessoa de absoluta confiança, eram objeto, no dia seguinte, de falação e começavam a perder a boa reputação. O próprio Estado, com o objetivo de manter a ordem na cidade noturna, mantinha um aparato policial nas ruas, o que, a partir das 22 horas, constituía-se para os jovens menores de dezoito e outros sujeitos sociais um mecanismo de repressão que lhes cerceava a liberdade de ir e vir.

Se eles pegassem a gente na rua, porque de primeiro não tinha... Hoje é o camburão da polícia, de primeiro era a *carinhosa*.<sup>16</sup> [...] eles pegavam a gente e colocavam um carimbozinho no braço da gente e diziam: você vá pra casa porque se nós lhe pegar outra vez na rua nós lhe leva pra cadeia... Se uma outra patrulha lhe encontrasse já no caminho da casa você dizia, olha, estou indo pra casa.<sup>17</sup>

O carimbo trazia escrita a palavra *revistado* e provava que aquela pessoa já havia sido alertada pela polícia a não transitar mais naquela noite no espaço público, a não ser se deslocando para casa. Se reincidisse na transgressão à norma instituída, sofreria a sanção direta imposta pelos agentes do Estado que era a detenção.

Contraditoriamente, muitos daqueles que estavam nas ruas cerceando a liberdade de alguns sob o pretexto de manutenção da segurança e da ordem públicas, tornavam-se, também, transgressores da mesma ordem que lhes era, institucionalmente, confiada. O êmulo existente entre os soldados da Polícia e os do 25° BC fazia com que, quando estes se encontrassem, principalmente nos forrós de periferia e baixos meretrícios, houvesse confusão. Era como se uns se imiscuissem no território dos outros.

Era confusão. Foi preciso os comandantes da Polícia e do 25° BC se juntarem e decidirem botar os soldados das duas instituições militares pra tirarem serviço juntos. Chamavam a *carinhosa* para afugentar os brigões.<sup>18</sup>

As patrulhas, então, passaram a ser constituídas por militares das duas instituições: um sargento do 25°BC; um cabo da Polícia Militar e três soldados ( dois da Polícia e um do Exército) e vice-versa, os quais, investidos da autoridade que o Estado lhes

<sup>16</sup> *Carinhosa* era como a população se referia à viatura da Polícia Militar que recolhia as pessoas que cometessem algum delito.

<sup>17</sup> Antonio Carlos Marques, em entrevista em 29/6/2005.

<sup>18</sup> CARROLA, Entrevista em 12/9/2000, *Carinhosa* era o nome pejorativo que população chamava o carro da polícia que recolhia na rua os transgressores da ordem pública .

conferia, submetiam os jovens menores de idade à disciplina, cerceando-lhes o direito de ir e vir.

Para conter as transgressões, tanto diurnas quanto noturnas, foram criados vários postos policiais. Alguns tornaram-se conhecidos pelos nomes pitorescos que receberam da população. O mais famoso foi o *Boca de Pau* que se tornou ponto de referência na divisa dos bairros Piçarra e Monte Castelo. Criou-se mais um nas proximidades do cemitério São José, e outro por trás da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, na Vermelha, que foi inaugurado por Maria Rosa, uma vendedora de galinhas nas proximidades daquele templo religioso. Por ter sido ela a primeira presidiária ali, o povo passou a apelidar aquela instituição policial de *Maria Rosa*, como um outro, na avenida Valter Alencar que foi cognominado de *Peito da Baleia*. Todos eram postos policiais, porque delegacia propriamente dita, existiam apenas três: *Delegacia de Vigilância e Captura*; *Delegacia de Segurança* e *Delegacia de Costumes*. Todas nas imediações da praça Saraiva.

À noite, mesmo com aparato de vigilância e repressão estatais disciplinando o espaço urbano, cria-se com mais facilidade que o dia, possibilidades de transgressões, insegurança e perigo àqueles que, incitados, agem em busca do prazer corpóreo. Aliás, se na cultura judaica-cristã que rege o mundo ocidental, a vida em si já é o lugar do pecado, a noite é o momento identificado com sua plenitude.

A moça donzela, embora pobre, que quisesse preservar a honra através da virgindade e de uma boa reputação, não iria se imiscuir na área em torno da Igreja de São Benedito. Ali era território das *curicas*<sup>19</sup>, que se relacionavam com soldados da Polícia e do Exército, na verdade ponto de *pegação* e de preliminares eróticas para cópulas furtivas em matagais ou em algum chatô nas proximidades do *Morro do Querosene*.

Na antiga Rua Grande (Álvaro Mendes), por trás do Colégio das Irmãs era espaço de práticas homoeróticas de rapazes jovens de classe média. O tabu da virgindade e as dificuldades de um jovem ter relação heterossexual que não fosse pagando uma prostituta ou conquistando uma *curica*, a qual preferia um soldado a um rapaz de classe média, certamente contribuía para facilitar as relações homoeróticas entre alguns. Ali aconteciam as seduções e as conquistas, resultando em acordos para coitos furtivos num espaço conhecido por eles como “*ninho da cascavel*”, um matagal localizado por trás do Hospital Getúlio Vargas. O local recebia esse nome pitoresco porque, algumas vezes, o ato sexual era

---

<sup>19</sup> *Curicas*. Nome pejorativamente usado para designar as empregadas domésticas, porque quando juntas faziam muito barulho.



interrompido pelo som assustador do chocalho de uma cobra cascavel, quando então, agente e paciente corriam, com as roupas nas mãos ou se vestindo às pressas.<sup>20</sup>

Foi também à noite, no dia 18 de outubro de 1959 que, segundo Josefa de Jesus Oliveira, após sair de uma novena na capela do Aterro, quando seu namorado João Moreno<sup>21</sup> a convidou para, juntos irem a um bar, que ficava próximo. No entanto, passaram do estabelecimento combinado num local escuro depois dos trilhos, “Raimundo levantou-lhe a roupa e deitou-a no chão e a deflorou.”<sup>22</sup>

Em 1956, Eurípedes Rosa da Silva, foi acusado por Maria das Dores Chagas de ter-lhe tirado a virgindade, numa noite do mês de agosto, no “corte” dos trilhos. Ao prestar depoimento na *Delegacia de Trânsito e Costumes* disse o seguinte:

Nesse local estiveram abraçados, encostados num porte de iluminação que estava sem luz naquela ocasião, e o depoente procurou evidentemente praticar relações sexuais com a mesma tendo o depoente descido-lhe um pouco a calça e ter mesmo encostado o membro nas partes externas da vagina de Maria da Dores, embora nessa situação, não mantivesse relações sexuais, porque ele não quis.<sup>23</sup>

Seria a noite a mãe de todos os males? Agregado às diversas representações da noite, existem aquelas de conteúdo rústico e representação mística, como a lenda da *Não-se-Pode* ou *Num-se-Pode*. Dizia-se que:

Soldados que patrulhavam a cidade, boêmios e demais noctâmbulos que perambulavam à horas mortas da noite, encontravam-se com ela. Uma mulher alta, magra, rosto comprido e orelhas fundas. [...] Sempre trajando vestido branco, bem alvo mesmo e bem comprido que varria o chão por onde passava. Aproxima-se do individuo e pedia-lhe um cigarro. Se este perguntava-lhe o nome, ela, numa voz triste e cavernosa, bem compassada e em tonalidade de cansaço, separando-lhe as sílabas respondia:

- Não se pode! Não se pode! Não se pode... Aí saia caminhando lentamente, e repetindo: não se pode! [...]

Quando ela punha o cigarro na boca começava se esticar...crescia... crescia, crescia. [...] até acender o cigarro lá em cima, no lampião. (IBIAPINA, 1997, p. 70-5).

Embora a lenda retrate uma cidade à época em que ainda não existia iluminação elétrica, ela vai existir no imaginário de parte da população até as décadas de 1940 e 1950 do século XX. E se a masculinidade produz o homem, dentre outras coisas, para também enfrentar o medo da noite, tal lenda deixa explícito seu caráter repressor à sexualidade masculina.

<sup>20</sup> Essa informação foi obtida através de entrevista de um funcionário público federal, que tem mais de sessenta anos de idade, o qual não permitiu que fosse gravado seu depoimento, nem que sua identidade fosse revelada.

<sup>21</sup> Os nomes dos personagens são fictícios.

<sup>22</sup> Processo – Crime: Sedução 1ª Delegacia de Costumes. Teresina, 1959. p. 9

<sup>23</sup> Processo – Crime: Sedução. Idem, Idem. p. 18

A noite é dos boêmios e dos amantes dela, conforme se pode identificar numa crônica de Lupicínio Rodrigues.

Nós que vivemos à noite, às vezes temos a impressão de que vivemos em mundo completamente diferente. Nossas amizades nada se parecem com as pessoas que trabalham de dia. Dificilmente um boêmio faz amizade com um motoneiro, um cobrador de ônibus, um açougueiro ou um dono de armazém. Nossos amigos são outros: é motorista de praça, o garçom de restaurante, o porteiro da boate, o guarda noturno e outras pessoas que usam a noite para viver. Não é que se deteste a turma do dia, mas costumamos fazer nossas amizades onde encontramos mais prazer. (MATOS, 1997, p.41).

Como o namoro ocorria sob a mira do julgamento social, e se esse relacionamento se tornava mais sério e duradouro, deveria ser sinalizado com um pedido da mão da moça em casamento, como forma de demonstrar a boa intenção do rapaz e, parcialmente segurar o falatório sobre a reputação desta. Se o namoro, porém, não era do consentimento dos pais da jovem, estes, geralmente, passavam a exercer um controle dos passos dela na vida cotidiana.

Encontros clandestinos passavam a ser a prática mais comum, sempre intermediado por um “tocador de trombone”<sup>24</sup> ou alcoviteiro, como forma de burlar a vigilância dos pais.

Assim, para forçar uma situação que não era desejada pela família, a moça com a ajuda de alcoviteiras consentia o “rapto”. O namorado mandava o recado para encontrarem-se em determinado lugar para fugirem. Às vezes eram acompanhados por amigos. A moça era colocada na casa de uma pessoa de reputação inquestionável, ou até mesmo de uma autoridade. Os pais eram comunicados e, no dia seguinte realizava-se o casamento, sem festa, e sem proclamas.

Na maioria dos “raptos,” o rapaz não chegava a ter relações sexuais com a moça antes do casamento, e colocá-la na casa de uma família de confiança era uma demonstração de boa intenção. Entretanto, só o fato de uma moça ter fugido à noite com o namorado já era motivo para comentários públicos. Portanto, o casamento era nessa situação a única forma de limpar o nome da moça e preservar o nome da família, que preferia ter uma filha cujo casamento era a contra-gosto a tê-la falada dentro da casa.

Se o rapaz não reparasse o ato ilícito por ele praticado, passava a ser perseguido pela família da moça e a responder processo criminal, podendo ser enquadrado em várias categorias de delito como: sedução, rapto, favorecimento à prostituição.

---

<sup>24</sup> Pessoas que se prestavam em levar e trazer recados entre namorados.

A história, que se  
apóia unicamente em documentos  
oficiais, não pode dar conta das  
paixões individuais que se  
escondem atrás  
dos episódios.

(Ecléa Bosi)

## 2 CIRCUITO DO PRAZER

Teresina, altas horas, o toque de recolher a tempo que soou da corneta do soldado no interior do quartel da Polícia Militar, anunciando que “soltaram a onça”.<sup>25</sup> As jovens de boa reputação sabiam que era hora de retornarem para casa. Rapidamente, no centro da cidade, o movimento ia definhando, pairando uma calma quase absoluta, só rompida pela dissonância de vociferações oriundas da Paissandu, a mais tradicional zona boêmia da capital piauiense.

A zona do meretrício nasceu com a cidade e cresceu junto com ela, produzindo uma história baseada em prazeres ilícitos, vícios e outras práticas transgressoras. Seus agentes sempre foram marginalizados como sujeitos históricos, destinando-se a eles apenas o silêncio. Hoje, a própria história nos impõe que tais sujeitos saiam de seus claustros, rompam o silêncio e revelem fragmentos históricos da boemia e da prostituição.

Localizada à margem direita do rio Parnaíba, Teresina, desde a sua fundação, por mais de meio século, teve seu crescimento econômico impulsionado pela navegabilidade fluvial possibilitando que à margem do rio, no trecho onde as embarcações ancoravam, fosse construído o cais, e nas suas imediações fossem instalados os primeiros armazéns das companhias de comércio estrangeiro e outros estabelecimentos comerciais. Era grande o fluxo da população masculina: homens de negócio, viajantes, timoneiros, caixeiros, estivadores, curiosos e vagabundos. Entre eles surgiram os primeiros agentes da prostituição, cuja prática não ficaria circunscrita àquele espaço geográfico.

Maria Mafalda Baldoino de Araújo em seu livro *Cotidiano e Pobreza em Teresina* (1994, p.62), aborda a pobreza na capital piauiense das últimas décadas do século XIX às primeiras do século XX, reportando-se à prostituição como uma das alternativas de sobrevivência.

Apareceu de forma sutil, nos documentos, mulheres pobres, sofridas, desempregadas, buscando a prostituição. [...] completavam com o meretrício os baixos ganhos de trabalho, muitas praticando esse ato na surdina, ocultando-o o máximo possível. Até mulheres casadas, solteiras e menores pobres entregavam-se ao meretrício.

Seria a prostituição, neste caso, uma prática não somente ilícita, mas também clandestina, ligada à situação de pauperização de muitas mulheres e a necessidade destas de

<sup>25</sup> Dizia-se *soltaram a onça*, quando às nove horas, havia o toque de corneta no Quartel de Polícia que localizava-se na Pça. Pedro II. Naquele horário os militares no quartel recolhiam-se, bem como as jovens de boa reputação que se encontravam na praça, voltavam pra casa. As que ali permaneciam estavam e se expunham a comentários maldosos que comprometiam sua índole de moça direita.

não publicizarem tal conduta. Do contrário, a imagem de mulheres pobres, porém honradas, seria desfeita na sociedade, alterando assim a sua condição feminina.

O escritor e historiador Abdias Neves, ao escrever o romance *Um Manicaca*, no início do século XX, também se reporta à situação de miséria por que passavam muitos imigrantes aqui chegados, tangidos pela seca, mencionando que muitas mães entregavam suas filhas à prostituição como forma de angariar algum bem que lhes permitissem aliviar a fome ou atender a outras necessidades imprescindíveis à sobrevivência.(NEVES, 2000, p. 33).

Em face à condição de capital e de cidade jovem, geograficamente bem posicionada no sertão, Teresina funcionava como um centro de atração para as populações oriundas de todo o meio-norte (Maranhão/Piauí) do país e parte do Ceará. Para as retirantes bem como as nativas, quase não existiam atividades trabalhistas remuneradas, a não ser algumas tarefas domésticas. Esta pode ser uma das explicações plausíveis à prática da prostituição clandestina como forma de sobrevivência para algumas mulheres.

## 2.1. A Boemia

A possibilidade de compreensão da relação entre a permanência de um modelo legal criado, instituído, legitimado por instituições como Família, Igreja e Estado, e a diversidade de práticas transgressoras, talvez nos dê subsídios para trazer à tona a disjunção entre identidades coletivas e identidades individuais. São situações anôminas, “fora do lugar”, praticadas por indivíduos movidos pela necessidade material ou pela busca do prazer. Segundo Stuart Hall (1997, p.13) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Ou seja, existia a prostituição praticada eventualmente por mulheres cuja identidade pública era de mulher casada, dona de casa ou moça-donzela e a prostituição pública assumida por mulheres que viviam na zona do baixo meretrício. No primeiro caso, a prostituição não identificaria um *lugar*, porque estava pulverizada, porém oculta por toda a cidade, no segundo, é pública identificando um *lugar*( *a zona*) relacionando-o à prática de seus agentes.

Nesse sentido, a “zona” é concebida como um lugar que, segundo Certeau (1990, p.201) “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”. O termo adquiriu o significado de espaço ligado à boemia, à prostituição e a outras práticas ilícitas, quando no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do

século XX, as prostitutas eram obrigadas a se registrarem na polícia, ainda que seu comportamento não estivesse legalmente prescrito como crime.

O controle e a contenção dos grupos de comportamento perigoso chegavam a fixar áreas para a sua moradia e exercício da prostituição. As prostitutas deveriam morar e exercer suas atividades dentro da zona determinada e controlada. Daí vem o termo “zona” para designar o local de prostituição.(DORNELLES, 1988, p.31-32).

A visão de que a cidade concebia, a partir de um discurso que pretende racionalizar o entendimento da pluralidade de práticas que constituem a vida cotidiana, tem sido abordada por muitos historiadores, quase sempre na perspectiva de hierarquizar o centro e as margens. O centro é então, visto como um espaço de práticas lícitas e disciplinares, de agentes de maior poder aquisitivo e de higiene física e moral, em detrimento das margens, física e socialmente periféricas, duplamente marginal, como lugar de pobreza, de caos, de prostituição, de sujeira e de violência. Para esse tipo de análise, os códigos de postura municipais são alguns dos documentos mais recorrentes, por se tratar de um tipo de instrumento oriundo do poder público que visa esquadrihar a cidade e impor-lhe uma ordem espacial disciplinando o conjunto das práticas de seus habitantes, numa tentativa de obter um retrato do centro urbano.

Dentre os estudos produzidos por historiadores piauienses com enfoque nessa perspectiva, são notáveis as abordagens de Monsenhor Chaves (1994), Maria Mafalda Balduino de Araújo (1995) e Francisco Alcides do Nascimento (2002), os quais desenvolveram pesquisas distintas, enfocando temporalidades diferentes, abordando a periferia de Teresina como lugar de pobreza, doenças, crime e outras formas de violência. Também na literatura, o escritor Fontes Ibiapina (2004) recorta um dos espaços marginais como pano de fundo da trama de seus personagens no romance “Palha de Arroz”.

Contrariando a abordagem hierarquizante da cidade a partir do centro como lugar de licitudes e disciplinas e as margens como lugar de transgressões e relações ilícitas, a Paissandu se constituiu como a mais tradicional zona boemia e de prostituição em Teresina sem estar fora do perímetro urbano, mas dentro dele. Fisicamente foi traçada como uma das vias de acesso para a parte mais central da cidade, partindo da margem do rio Parnaíba, com o nome de Rua do Pequizeiro,<sup>26</sup> e posteriormente recebendo a denominação de Paissandu. Com as ruas adjacentes, constitui-se na *zona*, de modo que a palavra *Paissandu* passou a significar não somente um nome de rua, mas o de baixo meretrício, local de prostituição. A

---

<sup>26</sup> As ruas do centro de Teresina tinham originalmente outros nomes: rua Senador Pacheco (rua Bela); rua Félix Pacheco (Rua São João)

partir dessa significação, no cotidiano da cidade, inventou-se a expressão “descer a Paissandu”, que quando usado referindo-se a alguma mulher, não significava deslocar-se aquela via pública, mas tornar-se prostituta.



Acervo Arquivo Público do Piauí

Foto 3 Rua Paissandu

O fato é que em cada cidade, a cultura produzida por seus habitantes, simultaneamente, constroem tempo e espaço que determinam as relações entre os homens e são por eles significados. Segundo Roberto Da Matta, “O espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido”(DA MATTA, 1997, p.30).

No sentido de se estabelecer uma relação gradativa ou hierárquica entre os espaços que constitui Teresina dos anos de 1930 aos de 1960, a Paissandu e outras zonas de prostituição se constituiriam em espaços periféricos, singulares e de exceção. Um paradoxo, em relação ao dia e a noite. Pelos padrões sociais da época e do poder aquisitivo dos teresinenses, era uma

Zona de elite, constituída de *cabarés*, *chateaus*, *botequins* e *rendez-vous*, ambientes que abrigavam os amantes da noite que ali compareciam buscando além de sexo, outras opções de entretenimento: jogos, danças, *drinks*, ou, simplesmente uma conversa amistosa com algum amigo (SÁ FILHO, 2002, p. 214 ).

Na sua história, era um *lugar* para alguns, um *não-lugar* para outros, dependendo das relações sociais e indentitárias ali praticadas pelos seus habitantes e freqüentadores. Para os defensores e praticantes da moral que rege o pudor e as regras disciplinares da boa conduta, a ambiência da zona era vista como um lugar de sujeitos

indesejáveis, pervertidos, meliantes, transgressores, imorais: prostitutas, clientes, jogadores viciados, bêbados, gigolôs, homossexuais, cafetinas e cafetões. Eram ali os protagonistas da noite, coadjuvados por alguns trabalhadores como garçons, músicos, porteiros. Todos estabelecendo conexões entre si sem as quais inviabilizariam o objetivo de quem nesses tipos de ambiente buscava prazer, ou de quem, nele, realizava negócios lucrativos ou dependia da zona como local de trabalho.

Durante o dia, nada de extraordinário, tudo corria como em qualquer local da cidade, transeuntes que se movimentavam de um lugar para outro exercendo suas funções cotidianas. Os boêmios, as prostitutas e os trabalhadores noturnos não apareciam. Reclusos em suas casas esperavam o cair na noite que, como uma espécie de véu mágico incitava-os a darem início a um teatro, cada qual desempenhando o seu papel, em cenas que envolviam bebedeiras, sexo, jogos, músicas, danças e mágicas. A magia da noite dava o clima necessário aqueles ambientes do prazer, como uma das músicas do cancionário popular brasileiro, de autoria de Dida e Dedé da Portela.

### **Amantes da Noite**

Quando a noite abre o seu manto Sua pureza, seu encanto  
 É um mundo de beleza  
 Seu canto suaviza madrugadas Pelas ruas e calçadas Sonorizando natureza  
 A musa se encontra com a poesia A letra com a melodia  
 A aspiração com a pureza A sua voz  
 Em forma de acalanto Ameniza qualquer pranto Nos dá um toque de certeza Ai de nós, amantes da boemia Se a noite fosse como o dia  
 A vida perderia a sua grandeza<sup>27</sup>

Os autores descreveram a noite como um manto do qual brota um encanto responsável pela beleza e harmonia de várias coisas abordadas numa relação binária, como musa e poesia, letra e melodia, aspiração e pureza. A noite produziria a simbiose destes, transformando-os num só corpo. Seria ainda, antídoto da tristeza e sofrimento se manifestando em forma de acalanto. E para os boêmios amantes da noite, em detrimento do dia, a vida não seria interessante.

São eles, os boêmios, que mais valorizam a noite e fazem da zona seu reduto maior. Como numa justaposição de tempo-espço, a boemia e zona formam um par harmonioso, próprio da noite, do não-trabalho, do indevido, da “desordem”, do ilícito, contrapondo-se às licitudes diurnas e de outros espaços disciplinares da cidade. Lupicínio Rodrigues foi um dos grandes compositores da música popular brasileira que, dos anos de

---

<sup>27</sup> Amantes da Noite. Samba gravado por Alcione; CD - Personalidades



1930 aos de 1950, mais abordaram a boemia, tanto em suas músicas como em suas crônicas. No jornal *Última Hora* de Porto Alegre, dizia em uma de suas crônicas que o boêmio é

Um notívago, depois um poeta, um amoroso, um admirador das serestas e é realmente um companheiro da lua... São pessoas que nasceram para admirar o belo: adoram a noite, a lua, as estrelas e tudo mais que lhes representa prazer e alegria sem que isso os desvie do trabalho e do lar. (MATOS, 1996, p. 32).

A sociedade de então concebia o boêmio como um indivíduo sem caráter, ocioso e desajustado. A ele ligava-se a idéia de dissolução, vício, alcoolismo e perversão. Homens sem disciplina, transgressores das normas do bom comportamento constituintes da boa conduta? Seriam eles incapazes de estabilizarem-se em qualquer emprego, ou ainda, de constituir e sustentar uma família?

Os boêmios não se percebem assim, mas como pessoas diferentes, com maior sensibilidade para adorar o belo, a lua, as estrelas. São amantes da noite e, através dela, buscam prazer e alegria; não vêem incompatibilidade com a imagem de trabalhador, chefe de família, bom moço e a imagem negativa que pejorativamente, é-lhes imputada. A interlocução recorrente de Lupicínio Rodrigues (1994) a cerca da boemia é uma clara negação da construção do homem como objeto da História, com identidade única, essencialista e hegemônica.

Mas então, quem são os boêmios no universo social da população masculina? São homens especiais, excêntricos ou marginais? Não, são apenas diferentes dos demais quando a noite cai, ao assumirem comportamentos diferentes daqueles praticados durante o dia, em busca do prazer. São advogados, políticos, músicos, estudantes, funcionários públicos, professores, jornalistas, trabalhadores diversos e desocupados; pais de família e homens solteiros; jovens e adultos, casados e celibatários; os mais e os menos situados financeiramente que, cada um, com sua singularidade, desejosos dos mais diversos tipos de prazer, vão tecendo uma identidade coletiva, de amantes da noite, imputando à zona o significado de território do prazer, onde é possível realizar suas fantasias e saciar seus desejos. Nesse sentido, extrapolam a concepção de “zona” circunscrita a território de prostituição, para outras opções de lazer noturno, terapia social e até espaço de sociabilidades. Talvez tenha sido o poeta H. Dobal quem melhor tenha traduzido a ambiência da noite em Teresina dos anos de 1940 e de 1950.

Foi em um cabaré que dois jovens políticos festejaram, estrondosamente, as suas candidaturas a importantes cargos da administração pública. Entretanto não há necessidade de motivos: mesmo sem eles as comemorações se sucedem, as farras se realizam, os cabarés vivem cheios e constituem na vida da cidade talvez o maior

centro de atração. As mulheres com aquele ar inconfundível que as distingue imediatamente, são discutidas, tornam-se conhecidas e algumas chegam quase a se envolver em uma aura de lenda, como a Rosa Banco, que dava uns famosos bailes verdes em que todos os participantes se vestiam desta cor.(DOBAL, 1992, p. 57)

Nostalgicamente, o poeta corrobora que nem todos que freqüentavam a *Paissandu*, no centro da cidade e o *Morro do Querosene*, na Piçarra, iam à procura de sexo, mas em busca de diversão: dançar, jogar, beber, encontro com os amigos, matar a curiosidade.

Figuras que toda a cidade conhece e comenta, uma parte só as conhece de referências, este material humano é de todos os tipos, divide-se em escalas para todos os gostos ou possibilidades e, naturalmente sofre inconstância e as dificuldades próprias do gênero de vida. (MONTEIRO, 1989, p.158)

Nos cabarés sociabilizavam-se mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam, porém, sem os requintes modernos da elegância refinada e do luxo dos cabarés das grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Na Paissandu, os cabarés eram constituídos de salão de festa, bares, restaurantes e quartos onde as mulheres recebiam os clientes. Embora em tudo se procurasse expressar um tom romântico, a decoração era modesta. A música, qualquer que fosse: *rumba*, *tango*, *samba-canção* ou *bolero* imprimia ao ambiente um tom nostálgico, através de orquestras ou eletrolas, algumas com alto-falantes. Mesmo sem luxo, aqueles cenários marcariam a memória de muitas pessoas que, por razões diversas, eram impedidas de ali comparecerem, mas que se aproximavam do local procurando uma posição estratégica que lhes permitisse ter uma visibilidade parcial do ambiente, matando assim a curiosidade. Tais cenas jamais seriam esquecidas.

O que víamos pelas janelas abertas eram pares dançando; roletas em que os jogadores jogavam; mesas com jogadores de baralho; às vezes no salão havia cantores, mágicos e prestidigitadores. A platéia na rua em expectância. [...] Para os adultos recatados isto era despudor; sem-vergonhice, pecado. Para as crianças e os simples, um espetáculo. A maldade estava em quem a via.(MONTEIRO, 1989, p.158).

Uma parte da população masculina notívaga apreciava os cabarés, como as famílias compareciam aos clubes para se divertir. Ou seja, muitos que iam à “zona”, não o faziam sempre à procura de sexo, mas como lazer e entretenimento fora da alcova. Nesse sentido, testemunha Dr. Euvaldo Angeline como um amante da boemia, quando solteiro:

Rapaz, mas era bom demais [...] eu era morto e vivo em cabaré... Rapaz, mas eu adorava aquela vida. Tem uma passagem gozada de cabaré. É o seguinte: cabaré

não é lugar de briga, cabaré é lugar de amor, você põe o pé num batente de cabaré, lá de dentro uma voz pergunta: meu bem, o que é que você quer? Em casa: isto é hora, irresponsável, tu não deixou o leite do menino. Cabaré era um ambiente sadio...

Ninguém brigava em cabaré, não, uma loucura! Era bom demais!<sup>28</sup>

O discurso do depoente apresenta o cabaré em contraposição ao lar, subjetivando a identidade masculina, de boêmio e chefe de família. O cabaré é representado como o lugar de prazer, do bom acolhimento, da paz; o lar, como o lugar da família, do conflito conjugal e da responsabilidade financeira que se atribui ao homem a função de provedor. O sentido de positividade atribuída ao cabaré e negatividade ao lar, contrapõe-se ao discurso médico do século XIX que impregnou também o imaginário moralista nas primeiras décadas do século XX. Centrado na questão higiênico-sanitário, o olhar médico reconhecia a cidade, a partir de seus pressupostos disciplinares, como um espaço de tensões. O cabaré, o bar, o botequim eram classificados como espaços perigosos, de indisciplina e libertinagem, contrapondo-se a “uma visão edílica do lar como espaço balsâmico da paz e da felicidade conjugal”. (MATOS, 1996, p.76). Esta era a essência do discurso formulado como estratégia normatizadora dos corpos, disciplinando a sociedade, ordenando o sexo e os prazeres.

Estaria aí, dizia Foucault: “a incapacidade de transpor os limites, de passar para o outro lado, escutar e fazer ouvir a linguagem que vem de fora, de baixo”.<sup>29</sup> E tentar compreender a vida cotidiana nos cabarés, a partir da desconstrução do discurso do poder que transforma esse tipo de ambiente em antro de perdição, e o boêmio em sujeito de máculas que deterioram a imagem do homem sério, honesto, pudico, cumpridor do seu papel como bom marido, bom pai, bom chefe de família e provedor do lar. Perguntar-se-ia então: por que os homens vão à zona e gostam tanto de cabarés? De certo que não existiria uma única resposta, pronta e homogênea devido à subjetividade de cada sujeito, amante da noite, cliente do cabaré. Mas de uma coisa não se pode prescindir: a imagem do boêmio é o somatório de todos os aspectos lendários que se produzem e se agregam sobre ele. Contudo, é plausível inferir que o boêmio quando fala sobre o cabaré, em essência, está falando de si e de suas experiências anômicas que lhe permitem ser mais liberal e fiel a si mesmo, a seus instintos sexuais, praticando ali tudo aquilo que deseja, “descolado” das convenções sociais e moralistas bem como das representações de papéis que lhes imputam regras, dissimulam desejos e interditam prazeres.

<sup>28</sup> Euvaldo Angeline da Silva, em entrevista, em 3/9/2000.

<sup>29</sup> FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. IN: O que é um autor. p. 98.

Não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo [...] não apareças se não quiseses desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que goza com a alternativa entre duas existências.(FULCAULT, 1997, p.98).

O discurso do poder que institui os dispositivos que fixam social e historicamente a sexualidade cria e estabelece normas que orientam e ordenam o comportamento sexual numa perspectiva disciplinar. Entretanto seu poder de interdição, não é suficiente para impedir a realização de práticas transgressoras. Os boêmios, de um modo geral, mas particularmente os que freqüentam a zona, vêm-na como lugar prenhe de heterotopias constituintes de sua dupla existência: a de *boêmio*, na zona e a de *não-boêmio*, fora dela.

São recorrentes alguns fragmentos de discursos jurídicos produzidos em Teresina, na década de 50, que ilustram com objetividade, a possibilidade do homem assumir identidades diversas, superando o poder do discurso da interdição do prazer. O advogado Robert de Carvalho<sup>30</sup> escreveu a Tese de Concurso – *Do Adultério e da Inutilidade de sua Incriminação* – para ingressar como professor catedrático da Faculdade de Direito do Piauí. Na suas considerações preliminares sobre o objeto em análise, ele afirma:

Os seres vivos são irresistivelmente, impelidos para a reprodução. Entre os animais, só o homem pode levantar o obstáculo da sua vontade ao desencadeamento do apetite sexual. Não o guia o instinto, mas a inteligência, e esta lhe outorga a faculdade de violar todas as leis naturais.(1952, p.11).

Não há como negar que o homem possui a inteligência e, portanto, a faculdade de poder, em tese, transgredir todas as leis naturais. Deve-se levar em consideração, porém, que, além do instinto, nada é natural. O que se entende por sexualidade na perspectiva foucaultiana é, antes de tudo uma construção cultural e histórica. Portanto, o que se chama de leis naturais no campo da sexualidade, remete a uma concepção biologizante circunscrita às formas anatômicas internas e externas que definem as categorias sexuais em macho e fêmea e o processo de reprodução humana.

Toda constituição sexual é incompleta. Cada sexo busca no outro o seu complemento. [...] Se assim não fora, seria um mito a fidelidade conjugal, pois ao considerarmos, em particular, a sexualidade no homem, chegamos iniludivelmente à evidência que de sua propensão para a inconstância no amor, o que contrasta com

---

<sup>30</sup> Robert de Carvalho era membro da Sociedade Brasileira de Criminologia; do Instituto dos Advogados Piauienses e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Sua tese de Concurso – *Do Adultério e da Inutilidade de sua Incriminação* foi publicada pela Imprensa Oficial, em Teresina, em 1952.

a da mulher, cujo temperamento é para a fidelidade. Com efeito, observamos que o amor do homem sofre variações, e até declina, desde o momento em que é satisfeito; ao passo que o amor da mulher aumenta, a partir desse momento. [...] O homem, de fato pode facilmente gerar mais de cem crianças, num ano, se tiver outras tantas mulheres à sua disposição; a mulher, embora tivesse o mesmo número de maridos, não podia dar à luz mais de uma criança por ano, excetuando gêmeos.(CARVALHO, 1952, p. 23,24).

A fidelidade não seria um mito, é um mito. Ninguém nasce monogâmico, pratica-se a monogamia, convenientemente, como cumprimento do compromisso assumido bilateralmente, informal ou formalmente, através do casamento no âmbito jurídico e/ou religioso. Também não se poderia, tomando por base a realidade brasileira e piauiense, inferir que a natureza do homem é polígama e a da mulher monogâmica. O modo de pensar do jurista sobre esse mister revela que ele, um homem culto, é mais um exemplo do quanto ainda é forte nos anos de 1950 os resquícios da cultura patriarcal fundamentada no pensamento religioso judaico-cristão do mundo ocidental o qual prega a monogamia, como sendo uma característica própria da natureza humana e condena a poligamia como uma transgressão, uma anomalia a essa natureza. E ainda, a recorrência biologizante para explicar a infidelidade ou a prática da poligamia, mais presente no homem, como sendo um atributo da natureza, sem atentar ao fato de que “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes”(BOURDIEU, 1999, p. 18). Conclui-se que as ilações deferidas pelo jurista anteriormente, não somente exemplificam formas de representação da dominação masculina, como também quanto o poder dessa dominação está presente no discurso jurídico, sendo sua argumentação baseada na concepção de natureza humana e corpo biológico, para justificar o comportamento social transgressor da fidelidade e monogamia como fundamentos cristãos da sociedade piauiense e brasileira.

## 2.2 De Zona em Zona

Teresina menina, mulher. Feminina desde a origem de seu nome, uma homenagem à Imperatriz do Brasil, Teresa Cristina, ou desde o ato religioso que simbolizou o início de sua construção, quando a proteção divina foi invocada através da representação feminina de Deus, com a escolha de Nossa Senhora do Amparo como padroeira da cidade.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> No dia 25 de dezembro de 1850 foi lançada a pedra fundamental da edificação de Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em torno da qual foi fundada Teresina. O ato religioso foi presidido pelo Pe. Mamede Antonio de Lima a quem coube fazer o traslado da paróquia da antigo Vila do Poti sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo para a cidade de Teresina tendo a mesma santa como padroeira (IN: CHAVES (Mons.). Teresina – Subsídios para a História do Piauí. Ver também: FREITAS, Clodoaldo. História de Teresina.

Uma cidade ainda muito jovem, com menos de um século de existência, e já experimentando um forte processo de erotização.

Numa analogia ao corpo feminino, a zona da Paissandu poderia ser representada como baixo-ventre, um local erotizado, fonte de desejos, onde se vende e se compra prazeres, uma heterotopia da cidade. Como uma mulher, Teresina cresceu, portanto, a ela não se deve referir-se mais de forma assexuada. Não é mais menina, é mulher, atraente, erotizada, bolinada, desvirginada e possuída por boêmios, putas e cafajestes que nela praticam a prostituição e outras formas de prazeres ilícitos.

Com o crescimento da cidade, ocorreu o alargamento de perímetros urbanos, conseqüente do início de uma explosão de bairros periféricos: *Vermelha, Capelinha de Palha, Macaúba, Monte Castelo, Piçarra, Ilhotas, Cabral, Porenquanto, Morro do Urubu, Mafuá, Vila Operária, Matinha*, etc. Nestes bairros ou a partir deles, formou-se um cinturão de prostíbulo em torno do centro da cidade, a maioria ajudando a compor um cenário de pobreza e miséria na periferia. A pauperização dessa população associada à carência de práticas lúdicas talvez ajude a compreender a importância que as zonas de meretrício tiveram na cidade, sobretudo para a população masculina.

O circuito do prazer erótico iniciava-se na rua Paissandu e adjacências. Era a zona mais boêmia e mais estruturada, constituída dos cabarés mais famosos, clientes mais endinheirados e mulheres mais sedutoras. Ligada à Paissandu e contrastando como ela em infra-estrutura, encontrava-se na Barrinha, à beira do rio Paranaíba, outro território de prostituição, conhecida como *Palha de Arroz*. Prosseguindo, chegava-se à *Lucaia, Barroco, Cajueiros, Planalto da Vermelha e Capelinha de Palha*, bairros pulverizados de pequenos e paupérrimos prostíbulo, alguns abertos publicamente, outros, disfarçados, onde se praticava a prostituição clandestina. Ao chegar-se ao bairro Piçarra, encontrava-se a segunda maior zona de prostituição denominada de *Morro do Querosene*, cujo eixo central era formado pelas ruas Santa Luzia e Tersando Paz. Pequenos prostíbulo pontuavam as margens dos trilhos do trem até chegar à Estação Ferroviária de Teresina onde, por trás, existia um outro aglomerado de prostíbulo bem paupérrimos conhecido por *Móio de Vera*. Seguindo a estrada de ferro, chegando-se ao bairro Mafuá, o acostamento para o rebaixamento dos trilhos era chamado de “corte”. Ali concentrava-se um conjunto de pequenos cabarés formando outro baixo meretrício, chamado por alguns de “*Canal de Suez*”, por outros, de “*Caco de Vidro*”. Um pouco mais adiante, no bairro Matinha, existiam outros prostíbulo, fechando o ciclo com um cabaré conhecido como *Cai N`Água*, à margem direita do rio Paranaíba. Fora desse círculo, existiam outros espaços da prostituição, todos com nomes

bem pitorescos: o *Ouebra-chifre*, o *Ralice* ou *Rala-Pau*, no Matadouro; a *Emá*, no Morro do Urubu; o *Brasília* na Ilhota e o *Purgal*, nas imediações da sede do River Atlético Clube. Partindo-se do centro da cidade para a periferia, em todas as direções deparava-se com lugares da prostituição.

Apesar da mentalidade cristã prevalente em todo o Brasil “que fazia do corpo, do sexo, do prazer e do desejo temas melindrosos, estigmatizados pela idéia de pecado”(ENGEL, 1989, p. 55) muitos autores que abordam a prostituição como objeto de estudo, não deixam de enfatizar que a elite reconhecia a prostituição como um mal necessário, imprescindível à tranqüilidade das famílias em relação a preservação da honra de suas filhas, através da virgindade. A historiadora Lená Medeiros, em sua obra *Os Indesejáveis* (1996), analisando as idéias higienistas que marcaram essa época, para exemplificar essa questão, recorre a um texto escrito pelo Dr. Henrique de Sá, em 1885:

Continuando nas minhas humildes considerações acho conveniente desde já levantar um solene protesto contra os que pensam que a prostituição deve ser banida. A sociedade moderna, ou antes, a lei consente-lhe essa degradação e proclama-a como uma necessidade, bani-la completamente, extingui-la, seria um erro ainda grave, pois que segundo uma voz autorizada, a prostituição, filha do deboche e do vício, corresponde aos ardores brutais dos sentidos. O que seria da moralidade social, se assim acontecesse, mormente na época atual em que parece nascer de todos os lados o entusiasmo e o ardor pelas orgias. O resultado seria o transtorno da ordem e da tranqüilidade públicas. A meretriz é pois uma entidade indispensável.(MEDEIROS,1996, p. 155-6).

O discurso acima voltado para a cidade do Rio de Janeiro como um dos lugares onde mais se proliferava a prostituição, serve, também, para Teresina cuja sociedade até a década de 1960, tinha a virgindade como a condição necessária para a construção da honra masculina. E por ser, também, nesse período que mais se intensificou a prostituição pública na capital piauiense.

Da mentalidade sobre prostituição gerava-se um discurso paradoxal: por um lado dizia-se que era um mal necessário, por outro, dizia-se que se constituía num perigo físico e moral, causa de doenças e devassidão dos costumes, conseqüência da cópula desenfreada e desregrada. O praticante da prostituição passava a ser visto como um libertino, um ser de impulsos sexuais incontidos e sem limites que deveria ser temido e abolido da sociedade que se pretendia disciplinar e higienizar o espaço urbano. O futuro do libertino seria:

Tendência irresistível para o sexo oposto, sem que se possam fixar os desejos amorosos; [...] horror à solidão, pressentimentos sinistros, um descontentamento desarrazoado, certo caráter caprichoso ou frenético; suspiros amiadados, freqüência e agitação do pulso; [...] tosse fraca e seca, insônia ansiedade, ardor de entranhas, calor irregular na face e palmas da mão, [...] desordens nos movimentos do

coração, mil sintomas nervosos, esquisitos e variáveis, emagrecimento, decadência progressiva das forças, poluções noturnas..(MACHADO, p. 1978, p.334).

Dessa forma, a prostituição era negativizada e colocada como um obstáculo à família que era concebida como um local de produção de indivíduos saudáveis. A prostituição, além de estimuladora de vícios era geradora de doenças morais e patológicas que levariam o indivíduo, estigmatizado como libertino, a um processo irreversível de degenerescência ameaçando a saúde física e moral de todo um corpo social. O desejo se sobrepunha aos outros aspectos da vida humana. A virtude, o dever, a religião, nada era mais importante que a busca do prazer que incitava e fascinava o homem.

O mesmo discurso higienista que até às três primeiras décadas do século XX, através do saber médico, muito influenciou a cultura sexual da sociedade brasileira, apresentava a prostituição como sendo, ao mesmo tempo, um fato natural e um fato social.

Natural por estar ligada ao organismo humano que, desde o pecado original tem como aspecto prevalente a carne. A prostituição permite que o instinto sexual se realize: necessidade que está inserida no homem enquanto natureza. [...], o homem sequioso do prazer venéreo sente-se atormentado por necessidade imperiosa, irresistível, uma excitação espantosa vivifica seu organismo, um fogo ardente abrasa seus órgãos, as artérias pulsam com excessiva força, os olhos úmidos incendiavam-se com brilho sobrenatural, sua face se colora, sua respiração se torna anelante, as partes genitais se intremecem, se congestam e nelas se experimenta um sentimento d'ardor e tintilamento.

O pensamento não tem mais força, a vontade não domina, todas as faculdades estão concentradas em uma idéia fixa; o apetite urgente que, persegue o homem e rouba-o às outras sensações, [...] é insensível para tudo e só vive na perspectiva dos gozos que almeja fruir...(MACHADO, 1978, p. 136).

Nessa perspectiva, a prostituição é concebida não apenas como um aspecto inerente à natureza humana, como também a sua prática é justificada pela incontinência da química no corpo biológico expressa como a libido que se manifesta provocada pelo desejo através dos sentidos. O homem é colocado numa condição de vulnerabilidade à manifestação de seus impulsos libidinosos o que, nesse sentido, justificar-se-ia a incontinência de seus atos sexuais. A prostituição, portanto, justificar-se-ia pela constituição orgânica do homem. E mais, recorrer-se-ia à História provando que em todas as sociedades, desde as primitivas às atuais, houve prostituição, seja como uma prática lícita, seja como uma prática ilícita e transgressora da sexualidade considerada normal e sadia em cada sociedade. A *ex-stripper* Nika Roberts ao escrever a obra *As Prostitutas na História* (1998, p.17), diz que “ocorreu-me o pensamento de que a prostituição é realmente a profissão mais antiga do mundo”. Esta citação, certamente, seria recorrente à afirmação da prostituição como um ato natural.

Como um fato social, a prostituição é produzida no interior de uma sociedade



tendo seu formato e as suas características, historicamente modificadas a partir das leis, costumes, educação e outros elementos de ordem cultural presentes na vida de cada sociedade.

Uma primeira causa da prostituição como fato social é o excesso de riqueza e miséria; a lubricidade e incontinência são sempre companheiras da opulência e do ócio; a falta de trabalho, a pequena quantia ganha com o trabalho muitas vezes fazem da prostituição um meio de vida. [...] A pobreza é causa da prostituição por causa da imoralidade e falta de consciência dos ricos. [...] São também causa da prostituição: o celibato e a ociosidade dos mancebos descendentes de famílias opulentas e poderosas – são freqüentes os casos de filhas arrancadas das famílias e de jovens mulheres pobres, consideradas pelos ricos como um bem comum a todos seduzidas e abandonadas. A prostituição configura-se então como única saída. As desordens domésticas também, muitas vezes levam mãe e filhas para a prostituição, por terem procurado no amor de um homem a fuga das desgraças familiares causados por um pai de comportamento desregrado e libertino.(MACHADO, 1978, p. 337-8)

O discurso supra apresenta a prostituição como um fato social, a partir de inferências dicotômicas entre riqueza e pobreza, ócio e trabalho. A concentração de riqueza nas mãos de poucos seria a responsável pela miséria da grande maioria da sociedade, restando às mulheres depauperadas e suas filhas que fazerem da prostituição uma porta para a solução de suas carências de ordem material imprescindíveis a suas sobrevivências. Seriam a riqueza e a ociosidade elementos responsáveis pela incitação da libido dos agentes masculinos da prostituição, bem como a incontinência de seus atos libertinos que resultariam, muitas vezes em sedução, desvirginamento e abandono de muitas moças donzelas dos setores mais carentes da sociedade. O poder de seduzir, persuadir e desvirginar moças pobres e “indefesas”, emanaria, nesse sentido, a partir da posição sócio-econômica do sedutor/deflorador na sociedade, ou seja, o poder do mais forte se sobrepondo ao mais fraco, que levaria jovens pobres seduzidas, defloradas e abandonadas por moços ricos, à prática da prostituição. Esse pensamento desqualificaria totalmente a asserção foucaultiana de que:

e desejo se articulam; eles supõem ligados de modo mais complexo e mais original do que esse jogo entre energia selvagem, natural e viva provinda de baixo, que aumenta sem cessar, e uma ordem que tenta lhe opor obstáculos de cima. [...] O poder nada “pode” contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não.(FOUCAULT, 1988, p. 79-81).

A libido manifestada nos corpos repletos de desejos dilui qualquer fronteira de estratificação social, ou seja, o desejo e o prazer sexual estão acima da posição social que o indivíduo ocupa na sociedade. O homem manifesta desejos libidinosos, mas o seu poder de persuasão não está circunscrito apenas na sua capacidade pecuniária de comprar e usufruir o

prazer desejado. A mulher também, independente de sua condição sócio-econômica, exerce de forma semelhante, o poder através de seu corpo, expondo-o como objeto de desejo à venda, quando seu interesse for meramente financeiro, ou como estratégia para seduzir o parceiro ou parceira como objeto sexual para realização de seu prazer pessoal. Então a relação sexual não deve ser entendida apenas no sentido patriarcal, isto é, a concepção de prazer sexual que cria o direito dos homens sobre as mulheres, tendo acesso a seus corpos quando assim desejarem, ainda que, no caso da prostituição, tenham que pagar para realização desse tipo de prazer.

A prostituição era apontada ainda, como uma prática que estimularia o celibato, isto é, o homem amante da boemia e acostumado a relacionar-se sexualmente somente com prostitutas “pode adquirir repúdio ao amor casto”, (MACHADO, 1978, p.335) ou seja, o sexo mantido apenas no âmbito do casamento. Outra consequência moral da prostituição seria o adultério feminino – “a esposa desprezada e maltratada busca o amor em outro homem, dando um primeiro passo para a prostituição”.(MACHADO, p.335). Um homem casado praticante da prostituição, não somente promovia sua própria degradação como chefe de família, como também produzia uma esposa mal amada, vulnerável à tentação do adultério e, conseqüentemente, à prostituição. Embora fosse imperativo o modelo familiar monogâmico instituído pela Igreja Católica no Brasil e reforçado juridicamente pelo Código Civil de 1916 e Código Penal de 1940, (BARSTED, 1987, p. 107) sem os quais não se estabeleciam punição para a prática da bigamia e do adultério, a cultura patriarcal ainda presente nas relações de gênero, relativizava a prática desses delitos quando exercida pelo homem.

A prostituição clandestina escapava do olhar da parcela mais conservadora da sociedade, bem como da vigilância policial das instituições, mas a prostituição pública tinha a zona como palco onde era produzida sua história, sendo as meretrizes e seus clientes os protagonistas. Tanto a Paissandu como os outros territórios da prostituição pública tinham seus estabelecimentos classificados em três categorias; *cabaret*, *chateaus* e *randez-vous*, todas palavras do idioma francês, resultado da influência cultural francesa no Brasil, do fim do século XIX às primeiras décadas do XX. Essas e outras palavras, como, *madame*, foram aportuguesadas na grafia e incorporadas pejorativamente à nossa cultura popular. Cada palavra tinha um significado na compreensão infra-estrutural de um baixo meretrício. O termo *cabaré*, por exemplo, era utilizado para se se referir, genericamente, a qualquer ambiente onde se praticava prostituição, ou para significar uma *casa de tolerância* constituída de cômodos que atendiam as diversas práticas que envolviam o mundo da boemia

e da prostituição: bar, *dancing*, cassino e alcova onde prostitutas recebiam clientes para a copularem. Os *chatôs* eram de constituição mais simples, sem bar e sem salão de festa, constituído apenas de alcovas, destinados a atender prostitutas que não moravam nos cabarés, mas que pegavam clientes nas ruas que só queriam fazer sexo. Tais clientes não costumavam freqüentar os salões dos cabarés, ou porque não queriam se expor publicamente na companhia de prostitutas ou ainda, porque não tinham dinheiro suficiente para gastar com jogos, bebidas e com meretrizes que cobravam mais caro por um programa. Os clientes que iam a chatôs “pagavam a chave”<sup>32</sup> ao empregado ou empregada, na entrada ou na saída, ou à própria prostituta, quando esta cobrava pelo programa já incluindo o preço da chave. Os *randevus*, fossem na Paissandu, fossem no Morro do Querosene, ficavam, geralmente nas ruas adjacentes àquelas que representavam o eixo central da zona. Podiam localizar-se também em qualquer outro ponto da cidade. Eram discretos como casas do tipo residencial e se destinavam atender à prostituição clandestina. Ali se encontrava, obrigatoriamente a figura do(a) alcoviteiro(a) chamado também de cafetão ou cafetina, cuja função era de agenciar ou alcovitar clientes para mulheres que praticavam a prostituição, sem assumir publicamente a condição de prostitutas, pois continuavam no meio social com a imagem de moças donzelas candidatas ao casamento, mulheres casadas, viúvas e cendeiras<sup>33</sup> “sérias”. A maioria delas exercia outra profissão como, dona de casa, costureira, operária, lavadeira, empregada doméstica etc.; não viviam só da prostituição, praticavam-na circunstancialmente.

Além dos *cabarés*, *chatôs* e *randevus*, as zonas tinham na sua constituição muitos botequins, restaurantes, bares-lanchonetes e salões de jogos, promovendo um empório de identidades e relações diversas através de conexões entre diferentes sujeitos. Os cabarés mais famosos da zona da Paissandu que marcaram época foram:

- Fascinação
- La Bamba
- Imperatriz
- Parnaso
- Estrela
- Ideal
- Iorque

Ou aqueles que recebiam o nome de sua proprietária que, geralmente, era também a madame ou gerente, como:

---

<sup>32</sup> *Pagar a chave*: significa pagar o aluguel do quarto.

<sup>33</sup> *Cendeira*: eram mulheres separadas, desquitadas.

- Cabaré da Rosa Banco
- Cabaré da Raimundinha Leite
- Cabaré da Maria Aguiar
- Cabaré da Lourdes
- Cabaré da Mercedes
- Cabaré da Ângela
- Cabaré da Gerusa
- Cabaré da Maria Maior.

A Paissandu, constituída por uma rede de estabelecimentos voltados para a prostituição, era beneficiada devido a sua territorialidade imiscuir-se em duas grandes áreas de intenso fluxo de pessoas do sexo masculino: a Av. Taumaturgo (Maranhão) no trecho entre a Rua Santo Antônio (Olavo Bilac) e a Rua Bela (Teodoro Pacheco) onde havia a maior concentração de comércio atacadista, e a praça Saraiva de onde partiam e chegavam os transportes coletivos intermunicipais e interestaduais. O entorno da praça era marcado pelas agências das principais empresas desse tipo de transportes e por pequenos hotéis e pensões, cuja clientela era constituída principalmente de viajantes que vinham a Teresina a negócios. Nas ruas adjacentes, também existiam hotéis bastante populares como o *Hotel Santa Rosa* e o *Hotel São Jorge*. Alguns, circunstancialmente, funcionavam como casa de tolerância.

Não eram poucas as prostitutas que, residentes ou não nos cabarés da Paissandu, procuravam clientes entre os hóspedes daqueles hotéis. O colóquio, na maioria das vezes, ocorria na porta ou no interior do estabelecimento onde também podia ocorrer a cópula. Do contrário, prostituta e cliente se dirigiam com o mesmo objetivo para algum chatô. Não era incomum ocorrer esse mesmo tipo de transação entre homossexuais e hóspedes viajantes. Antônio Pereira da Silva, mais conhecido como *Cavalheiro*<sup>34</sup>, que nasceu e viveu toda a sua vida na zona da Paissandu, lembra o tempo em que trabalhou no Hotel São Jorge e conviveu com outros homossexuais.

Menino, aqui nessa Paissandu, quando era Paissandu mesmo era cheio de cabaré. Isso aí tudo era cabaré. Onde está esse prédio aí, esse colégio aí era o cabaré Alabama. Eu trabalhava lá também arrumando quarto de muié [...] Ali onde era o Armazinho São Pedro era um hotel de uma muié chamada Dulce, ela já até morreu. E lá tinha um horror de bicha que trabalhava lá, viu? Tinha eu, a *Chica Pelada*, a *Paminu...* Acho que ela já até morreu. Tinha a *Marilu*, tinha a *Feijão*. Tudo era travesti sexual, né! E tinha o *Riba*. Esses tudo já foram embora... Tinha o *Benjamim*. Era um viado bem bonito, parecia assim uma muié. Tinha assim o cabelo bem estirado, aquelas partes... As coxas dessa grossura pareciam assim uma muié. [...] Esses travesti tudinho meus colega. Lá, era cheio de hospedes, aquele pessoal de Picos que traziam aquele horror de alho e cebola pra vender. Eles chegavam lá no domingo e enchia o hotel. Quando era segunda-feira era tudo cheio. Os travestis ficavam na porta do hotel conversando de noite mais os homem;

<sup>34</sup> Antônio Pereira da Silva, nasceu em 1934, filho de uma das mulheres da Paissandu – Raimunda Setúbal de Sousa – criou-se e vive até hoje trabalhando em estacionamento de veículos.

os amigos deles, né! Rapaz, eles saiam transavam; outros transavam mesmo dentro do hotel; tinha deles que tinha o quarto dentro do hotel. A dona do hotel não se importava não, não tava nem aí...<sup>35</sup>

Desse fragmento de memória de Cavalheiro pode-se inferir que além das relações heterossexuais entre prostitutas e clientes ali também era um lugar de relações homoeróticas entre clientes e homossexuais. A homofobia contida na formação da identidade masculina não era suficiente para interditar o relacionamento homoerótico na zona que ocorria tão livre quanto o relacionamento heterossexual. E mais, o tipo de homossexual que fazia sucesso era o afeminado, semelhante ao padrão de beleza feminina, do tipo: “coxas grossas, cabelos lisos etc”. Homossexuais como Cavalheiro e seus colegas, estrategicamente, levavam vantagem em relação àquelas prostitutas menos atraentes que aquelas dos grandes cabarés, que não precisavam cassar clientes nos hotéis. Eles, pela condição de trabalharem no hotel, tinham a facilidade de se aproximarem dos hóspedes dos quais tornavam-se amigos e clientes sexuais, contando com a cumplicidade da proprietária do hotel.

O conjunto de estabelecimentos (cabarés, chatôs, randevus) constituintes do circuito do prazer em torno do centro da cidade, poderia ser dividido e classificado em três grupos tomando-se por base a composição infra-estrutural e os clientes freqüentadores de cada lupanar: os *de elite*, os de *classe mediana* e os considerados como *baixo meretrício*.

A Paissandu era considerada pelos teresinenses como uma *zona de elite*, com cabarés bem estruturados, meretrizes bonitas, bem vestidas e elegantes que atendiam clientes bem instruídos e bem posicionados socialmente que faziam parte de uma elite local. O poder aquisitivo de cada um, os tornava boêmios de hábitos mais, ou menos, perdulários. Ainda que não houvesse uma estratificação social pré-estabelecida na organização do território da prostituição, a clientela confluía para ambientes diferenciados, sendo mais requisitados aqueles que possuíam *dancings*, salão de jogos, piso de mosaico e espelhos nas paredes, como o *Ala Bamba*, o *Estrela*, o *Parnaso*, o *Imperatriz*, o *Fascinação*. Em tese, tanto o boêmio rico quanto o boêmio pobre podiam freqüentar o mesmo ambiente, nada os impedia, mas a segregação era “natural”, determinada pela condição pecuniária de cada um. Aos menos endinheirados restavam os ambientes mais simples e meretrizes menos vistosas, pois a Paissandu mesmo sendo considerada uma zona de elite, em seus meandros era marcada por cabarés pobres, menos higiênicos e menos estruturados, com mulheres sem maiores atributos físicos, de idade mais avançada e quase sempre analfabeta cuja clientela era constituída de gente mais pobre, além daqueles freqüentadores considerados arruaceiros. Grande parte

<sup>35</sup>Antonio Pereira da Silva, em entrevista, em 12/6/1999.

desse tipo de prostíbulo não ficavam no eixo central da zona (Paissandu), mas nas ruas adjacentes. Era também nos cabarés mais simples que o contato entre cliente – prostituta era direto e direcionado de imediato para a cópula, ao passo que nos grandes cabarés, a prostituta insinuava com o cliente um jogo de sedução que consistia em olhares, *drinks*, danças, jogos e conversações, tudo direcionado para aumentar a lucratividade do lupanar. Essa era a determinação da madame ou gerente – proprietária. Quanto aos cabarés com os clientes mais simples, relata Luís Mendes Ribeiro Gonçalves:

A prostituição em Teresina era exercida por aquelas meretrizes que alugavam quartos, aqueles “puxados”. Todas aquelas casas tinham a rua transversal, um puxado muito grande de quartos. Estes quartos eram alugados: uns à meretrizes, outros a alfaiates outros a ferreiros, outro a flandeiros, os artesãos. As meretrizes se colocavam ali. Agora as meretrizes de porta aberta. O homem saía naquelas ruas penumbrosas, quase obscuras inteiramente. Aquela porta tava aberta, ela sentada do lado, ele chegava entrava e ela entrava atrás, fechando a porta, ficavam ali os dois. Havia quartos que não tinham sentina, de maneira que eles urinavam e jogavam na rua.<sup>36</sup>

Mesmo os prostíbulos bem estruturados, quase todos não tinham instalações sanitárias internas, apenas o indispensável para a higiene após o ato sexual: garrafas com água, sabão de côco, bacia e uma toalha. Banheiro interno era coisa da modernidade incrementada nos prostíbulos de Teresina somente a partir da década de 1960.

O *Morro do Querosene* era considerada a segunda maior zona de prostituição dos teresinenses. Localizada na Piçarra, na época, um bairro de periferia era duplamente marginal: tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista social, devido às relações ali praticadas. Não possuía o *glamour* da Paissandu, mas era muito movimentada e também freqüentada por clientes de elite, embora a predominância de freqüentadores fosse constituída de gente de menor poder aquisitivo: estudantes, soldados do Exército e da Polícia, trabalhadores braçais, marreteiros<sup>37</sup> e vagabundos. Os cabarés mais estruturados possuíam apenas bares e restaurantes com algum espaço para dança. Tudo era muito simples, as ruas sem pavimentação e a iluminação pública era precária, o que contribuía para que muitas brigas iniciadas no interior dos cabarés, se prolongando para a via pública, gerassem muita confusão, quase sempre resultando em lesões corporais e homicídios. Os cabarés tinham nomes bastante pitorescos: *O Poço*, *Casa Amarela*, *Raimundona*, *Maroca*, *Maria de Picos*, *Sete Tabacos* e o mais popular, o *Cabaré da Romana*. Como a rede de prostíbulos imiscuía-se entre as residências, muitas famílias faziam reclamações à Polícia devido à

<sup>36</sup> Luis Mendes Ribeiro Gonçalves, em entrevista em 23/5/1984.

<sup>37</sup> *Marreteiros*: eram pessoas que praticavam pequenos negócios comerciais (vendas e prestação de serviços) agindo de forma desonesta.

impudência das meretrizes e seus clientes. O poder público então, criou nas imediações um distrito policial localizado na divisa dos bairros Piçarra e Monte Castelo, o qual ficou conhecido como *Boca de Pau*, devido às grades das celas serem de madeira.

Também sem uma estratificação social pré-estabelecida, os clientes ricos freqüentadores da Paissandu, quando iam ao *Morro do Querosene*, quase sempre escolhiam as mulheres mais bonitas e mandavam fechar o ambiente para promoverem farras coletivas e não se misturarem com a *raia miúda*, os desclassificados, mesmo que o ambiente fosse um cabaré aberto publicamente para qualquer um. As meretrizes de constituição corpórea mais admirada, quando não apareciam clientes mais endinheirados, iam à procura destes na Paissandu e aquelas de lá, menos afeiçoadas, iam ao *Morro do Querosene* caçando clientes menos exigentes.

O terceiro grupo era constituído pelos mais torpes territórios da prostituição, classificados literalmente de baixo meretrício. Neles, a decadência corpórea das meretrizes tornava-se compatível com a pauperização do ambiente físico. Sórdidos casebres de taipa, de palha ou simplesmente de talos de palmeira constituíam os territórios da *Palha de Arroz, do Móio de Vara, da Ema, do Canal de Suez, do Purgal e do Rala Pau*, além dos improvisados cabarezinhos dispersos por toda a periferia, principalmente aqueles nas encostas do “corte” da linha férrea, *locus* de uma prostituição barata praticada por uma população lúmpem que não tinha acesso a territórios da prostituição de elite ou arremediados. Muitos desses pontos se constituíam em lugares de perigo, duplamente temidos pelos boêmios dos estratos sociais superiores que evitavam entrar neles. Temiam pela sua integridade física e pela possibilidade de contração de alguma *doença do mundo* devido à precariedade das condições de higiene daqueles lugares. Maria Ambrósio da Silva, mais conhecida por *Maria Tijubina* descreve um desses lugares:

A Palha de Arroz, a *Barrinha*, Ave Maria! Era tudo *perebal*. Era muito triste aquela vida delas lá... muito chué! Muito pobre, muito sujo. Lá, era até de palha, era de taipa. Mas a Paissandu toda vida, foi boa e famosa, mas a Barrinha... A Barrinha tinha até um cabaré chamado de *Sete Tabacos* [...] Porque uma hora dessa as mulheres já andavam tudo bebas. Ai era vareiro, que naquele tempo tinha porco d'água. [...] era aqueles soldados, aqueles guarda civil, aquelas pessoas, o pessoal chamavam de *Sete Tabacos* por isso... e as vezes todas bebas... Eram as mais pobres... Pobres... Pois eles não tinham dinheiro para a Paissandu.<sup>38</sup>

A *Palha de Arroz*, na *Barrinha*, além da precariedade material e impudência de seus personagens, tornava-se um lugar pitoresco devido à comicidade praticada entre seus habitantes e os clientes que vinham de fora. Luis Cavaquinho lembra que alguns

<sup>38</sup> Maria Ambrósio da Silva, em entrevista em 23/7/1996.

adolescentes gostavam de irritar a madame de um *chatô* constituído de sete quartos geminados, com sete portas defronte para a rua e que era ponto e referência, vulgarmente chamado de *Sete Tabacos*.

A gente perguntava pra aquela mulher alta: “como é o nome desse cabaré aqui? Ela dizia: oito com o da tua mãe. Aí elas ficavam com raiva, não é? A Maria Moura, aquela Maria Moura, dona desse cabaré.”<sup>39</sup>

Apesar da rusticidade do lugar e da comicidade do cotidiano de seus habitantes a *Palha de Arroz* era também um lugar de entretenimento noturno. Os cabarezinhos não tinham luz elétrica, nem piso de mosaico, nem espelhos nas paredes, a exemplo da alguns cabarés da Paissandu. Os quartos eram muito simples: uma cama ou jirau com colchão de palha ou uma rede; uma bacia com algumas garrafas com água, para a higiene após a cópula; uma lamparina ou uma vela. O cabide era um *cambito*<sup>40</sup> dependurado em uma corda fina ou cordão, onde o cliente dependurava a roupa, enquanto estava despido. Este era todo o aparato que a meretriz dispunha para atender seus clientes e proporcionar-lhes o prazer comercializado entre ambos. Além dos quartos existia um salão de festas, animadas quase sempre pelos mesmos músicos: Chico Bento, Zé Tabaco e Raimundo Carneiro. Não existia bar, mas um botequim que atendia os participantes vendendo-lhes aguardente. Enfatiza Luis Cavaquinho:

Não era bar, era boteco. Camarada dançando ali chegava ali: “Bota uma cana aí!” O sujeito botava no balcão ali, você tomava e ia pro salão. [...] Era simples, só que tinha uma entrada assim, e tinha um corredor. Aí só sabia mesmo quem já tinha o costume de freqüentar lá, que sabia que lá era um comprimento; porque lá atrás era um movimento de salão de festa, de dança, de um botecos. Não existia esse negócio de cerveja nada, era só papuda, cachaça mesmo.<sup>41</sup>

A torpeza da prostituição praticada naquele lugar depauperado não impedia que muitos adolescentes o freqüentassem, não como prática da boemia, mas para voluntariamente, serem iniciados sexualmente. A quase inexistência da vigilância policial, em relação a menoridade de muitos jovens naquela zona, fazia dela um lugar atrativo para muitos rapazes inexperientes e com pouco dinheiro para se relacionarem com prostitutas mais velhas e decadentes, porém experientes.

Aquilo era lugar de jovens de 15, 16 anos. [...] Não tinha mulher preferida. Lá qualquer uma que você pagasse. Às vezes era até desconhecida, você não sabia nem o nome. [...] Rapazinho chegava “doidão” mesmo, não ia procurar isso. [...] Chagava e ainda pagava adiantado. Sempre pagava adiantado senão não transava não. O negócio era sério, viu? Não confiava em ninguém não.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Luís Cavaquinho, em entrevista em 19/6/2003.

<sup>40</sup> Cambito: peça de madeira extraída da parte de uma árvore onde se dá o entroncamento dos galhos em outros.

<sup>41</sup> Luís Cavaquinho, em entrevista em 19/6/2003.

<sup>42</sup> Idem, Idem.



Os jovens clientes, pela sua pouca idade não inspiravam confiança na hora de acertar o contrato comercial e sexual da relação, por isso tinham que pagar adiantado a prostituta. Também não estavam ali para afirmarem sua masculinidade, uns perante os outros, aparecendo em público na companhia de meretrizes jovens, belas e sensuais. O fato de nunca irem sozinhos à procura de sexo não deixa de ser uma afirmação da masculinidade entre si, mas através do companheirismo e cumplicidade masculina. A eles interessava satisfazer, prioritariamente o desejo carnal da excitação provocada pela explosão de hormônios naqueles corpos juvenis, produzindo a libido. Por isso, a aparência das meretrizes, se bonitas ou feias, se jovens ou velhas demais para eles, era o que menos importava na relação sexual. “Alugava-se vagina”,<sup>43</sup> é como se refere a esse fato, o Dr. Euvaldo Angeline. Por esta razão e pela menoridade da maioria deles, quanto menos fossem vistos naquele ambiente e na companhia daquelas prostitutas, melhor seria para preservação da boa imagem de jovens saudáveis físico e moralmente.

Não eram diferentes os pequenos prostíbulo espalhados em torno da cidade, onde apenas se fazia sexo e se bebia cachaça, não tendo outra forma de entretenimento. O *Móio de Vara* era constituído desses tipos de cabarés formando uma mini-zona de baixo meretrício. O nome pitoresco devia-se ao tipo de construção das casas: paredes de talos de palmeira, com cobertura de palha. Localizava-se no bairro Cabral, por trás da estação ferroviária. Sua clientela era constituída, majoritariamente, de ferroviários, soldados do 25º BC, adolescentes e homens de poucas posses.



Acervo do Arquivo Público do Piauí

Foto 4 Chegada do Tre mem Teresina.

<sup>43</sup> Dr. Angeline, em entrevista em 3/9/2000.

As prostitutas também eram muito pobres. Algumas vinham do interior do Maranhão, trazidas pelos maquinistas que as mantinham sob suas custas e vigiadas pela dona do cabaré, enquanto estavam viajando. Aquelas que não tinham parceiros com mais frequência, faziam ponto em frente à Estação, ou transitavam até as imediações do Hospital Getúlio Vargas à caça de clientes, parando em alguns lugares, pelos quiosques e bancas, à luz de lamparina, para tomar um trago de pinga, comer um frito ou tomar um café com bolo. As mais conhecidas eram a *Aldenora*, a *Maria Batalhão*, a *Chica Galinha*, e a *Toinha*, vulgarmente apelidada de “*Porca Ruiva*”. Aos domingos, com certa constância, encontravam-se com outras meretrizes, do *Morro do Querosene*, do *Mafuá* e do *Morro do Urubu*, no forró do Manoel Eugênio, no *Porenquanto*, que terminava sempre em confusão devido o excesso de embriaguez dos participantes. A Polícia sempre era chamada para conter o tumulto, levando detidos os mais exaltados no carro-camburão, mais conhecido como *Carinhosa*.

No Mafuá, também havia uma outra concentração de prostíbulos, próximo à ponte, que na época era de madeira, e nas encostas do “*corte*” da linha férrea. Estes eram chamados de Canal de Suez. Diz Maria Tijubina:

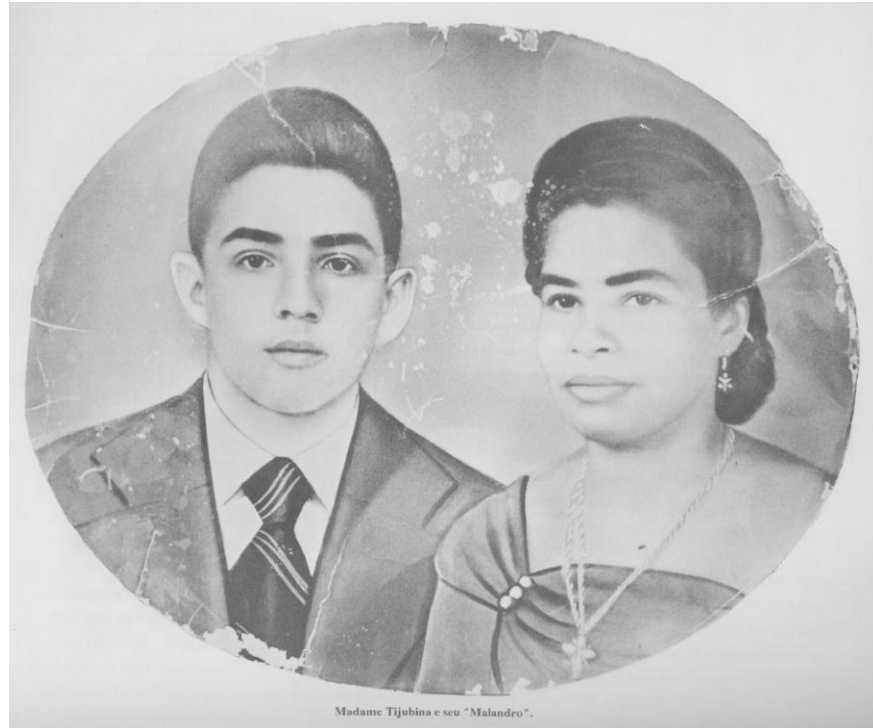
Era cheio de cabarezinho... Cheio mesmo. Cabaré e casas mesmo de cômodos que a mulher entrava, pagava o quartinho e ia embora. É chatozinho. Pagava o quarto, entrava e ia embora. Ai chegava outro, entrava, pagava... Era assim! [...] Canal de Suez era um rapaz que teve aqui e teve no Canal de Suez [...] Aí quando veio, cheio de grana, aí ele arroteava assim para descer o “corte”, para subir. Pra dizer que era o Canal de Suez.<sup>44</sup>

Após alguns anos morando na Paissandu, Maria Tijubina mudou-se para o Mafuá embora não deixasse de fazer ponto onde começara na prostituição em Teresina. Um dia foi convidada para tomar de conta de um cabaré no bairro onde já estava residindo. Exerceu a profissão de madame ou gerente de cabaré por muitos anos até tornar-se proprietária de um restaurante que informalmente ficou conhecido pelo nome de *Tijubina*, tornando-se uma referência na noite teresinense. Afirma que tudo era muito tranquilo e animado:

Festa dia e noite! [...] Mas era animado! Era bonito mesmo! E... não tinha confusão. Essas confusão...Era mato aquela avenida Miguel Rosa. Ali era mato até o quartel do 25ºBC, de um lado e de outro, com certeza. Mato mesmo. Aí rodeava ali , em frente ao Cemitério São José e na esquina tudo era quebra...Nego ía...era difícil ter briga. Era difícil ter confusão. A gente andava era só mesmo. Agora, a gente não pode ir na ponte. É uma tristeza.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Maria Ambrósio da Silva, em entrevista em 23/7/1999

<sup>45</sup> Maria Ambrósio da Silva, em entrevista e, 23/7/1999.



Acervo da família de Tijubina

Foto 5 Maria Tijubina e seu malandro

O discurso da Tijubina se contrapõe à idéia prevalente no imaginário da população teresinense que sempre concebeu o Mafuá como um bairro muito violento até os anos de 1960. Certamente, a experiência de prostituta e comerciante bem sucedida, vivenciada no bairro não deixaram espaço na sua memória para o registro de qualquer episódio que lhe faça lembrar cenas de violência. Mas as imagens das prostitutas de sua época continuavam muito vivas na sua memória.

Desse período, tinha a Ana Maria, Tina a Luíza [...] Tinha a Creusa. Tinha um bocado delas. Morreram quase tudo na pior! Não tem mais ninguém. [...] Aí foi o tempo que foram saindo o pessoal. Hoje mudou! Ave Maria! Deus me livre! Ninguém sabe quem é ninguém. Aí, viado depois, foi pintando!...Tinha o filho da Alzira; virou viado depois... Apareceu tanto viado que Ave Maria!<sup>46</sup>

Tijubina foi uma das poucas meretrizes que conseguiram sair do mundo da prostituição antes da decadência total. Como ela mesma afirma sobre as prostitutas que lhe foram contemporânea: “*Morreram tudo na pior!*” Ainda com força para trabalhar, passou a exercer a profissão de comerciante, vendendo comida, tornando-se proprietária de um dos pontos mais marcantes da vida boêmia, dos anos de 1970 a 1990 . O *Tijubina do Mafuá*, como era chamado, era freqüentado principalmente por jogadores de futebol, jornalistas, soldados do Exército, políticos, intelectuais, artistas, universitários que praticavam a boemia

<sup>46</sup> Maria Ambrósio da Silva, em entrevista wem23/7/1999.

e não encerravam a noite sem antes comerem uma panelada, uma mão-de-vaca, um sarapatel, uma buchada, e outra iguarias da culinária popular dos teresinenses. E ainda interagindo com outros sujeitos da noite: bêbados, vagabundos e prostitutas decadentes.

Um aspecto quase ausente nos discursos sobre os territórios da prostituição em Teresina, mas bastante enfatizado no depoimento da Tijubina e no de Cavalheiro, é a presença de homossexuais na zona. Seja na *Paissandu*, *Morro do Querosene* ou *Mafuá*, a prática de sodomia ou prostituição masculina era marcante. Homossexuais ativos, passivos, mistos, onanismo, em menor proporção, agindo na noite com as prostitutas, aumentando a diversidade sexual na produção de desejos e na prática de prazeres ilícitos.

O cinturão da prostituição em torno do centro da cidade até a década de 1960, completava-se com um número expressivo de prostíbulos na Matinha, fechando o círculo com o *Cai N'agua* na margem do rio Parnaíba. Algumas pessoas, como a Maria Tijubina, chamavam de *Ema* os cabarés da Matinha. Fora desse círculo, existiam pelo menos três áreas mais afastadas de territórios de prostituição de baixo nível. Na zona Norte da cidade, o *Quebra-Chifre* no bairro Matadouro, e mais adiante, no sentido do bairro São Joaquim, o *Ralice* que também era, pejorativamente, chamado de *Rala-Pau*. Ambos existiram a partir da segunda metade da década de 1950, tendo seu apogeu em meados da década seguinte. Lembra Antonio Carlos Marques, porque o *Ralice* era chamado de *Rala-Pau*.

Diz um outro pessoal mais antigo que a gente que lá colocaram esse nome porque, além de ter sido desmatado lá pra fazer o local, e quando tinha uma pequena confusão lá, se dizia: rapaz o pau relou pra todo lado. Ai eles colocaram esse nome lá.<sup>47</sup>

A *Ema*<sup>48</sup> era constituída de pequenos cabarés e prostitutas muito pobres. Localizava-se no final da Alameda Parnaíba, onde se inicia o *Morro do Urubu*. Não havia iluminação pública, mas havia movimentação noturna. Algumas mulheres de idade mais avançada colocavam pequenas bancas, à luz de lamparina, onde vendiam pinga, frito e café. Ali, alguns bêbados abusavam da paciência das vendedoras e pronunciavam palavrões. Uns, depois de uma dose de cachaça entravam nos cabarezinhos, enquanto outros saíam saciados do prazer carnal. Alguns jovens adolescentes aproveitavam a escuridão para um encontro sexual furtivo. Confusão maior só por excesso de embriaguez; quando um cliente não pagava o combinado com a meretriz ou a banqueira e ainda quando havia briga de

<sup>47</sup> Antonio Carlos Marques, Entrevista em entrevista 29/6/2005..

<sup>48</sup> A *Ema*, zona de prostituição localizava-se no Morro do Urubu. Alguns anos depois, surgiu no Bairro Matinha outro espaço de prostituição com o mesmo nome.

meretriz de cabarés diferentes: as prostitutas da *Emá* com as do *Móio de Vara*, da *Palha de Arroz*, do *Canal de Suez*, ou do *Morro do Querosene*.

O que eu mais achava engraçado era o encontro de uma mulher prostituta com outra, uma sendo de um brega, outra sendo de outro. [...] Então quando tinha a confusão de duas mulheres brigando, aí começava aquela baixaria: uma dizia que era porque aquela ficou com o homem dela; a outra dizia: ela quem tinha ido procurar o homem dela. E ninguém sabia quem era das duas que tinha razão. Só que a baixaria começava. E aí chegava outra de penetra e começava a meter fogo na outra: Vixe siazinha! Eu não queria um homem daquele que saiu com uma puta da Palha de Arroz.<sup>49</sup>

Observa-se que havia uma disputa entre as prostitutas por determinados clientes, cuja razão pode ser entendida por duas vertentes: a condição pecuniária dele, ou o prazer que a prostituta tinha em relacionar-se com aquele e não com outro. E embora os cabarés que freqüentavam ou residiam possam ser classificados numa mesma categoria, a de pauperização, existia entre elas uma tentativa de discriminação, sendo a zona da *Palha de Arroz* considerada a mais torpe de todos os territórios de prostituição. O fato de um cliente ter se relacionado com uma prostituta da *Palha de Arroz* era usado para discriminar a prostituta de outros cabarés que viessem a se relacionar com ele também. Ou seja, as prostitutas de outros cabarés, principalmente daqueles da Paissandu, não queriam ficar com o cliente que publicamente era sabido que ele se relacionava com meretrizes da Palha de Arroz.

O *Purgal* localizava-se mais distante do centro da cidade, nas imediações do que hoje é a sede recreativa do River Atlético Clube. Era um aglomerado de casas de palha e de taipa, de prostitutas pobres, mal vestidas, quase todas analfabetas e que recebiam clientes bebedores de cachaça. Em cada casebre criava-se um gato ou um cão vira-lata, mal tratados, famintos e certamente com o corpo cheio de pulgas, eis a razão da denominação pitoresca do local: *Purgal*.

Contrastando com a pauperização do *Purgal*, o *Brasília*, localizado no bairro Ilhotas era um cabaré bem estruturado, funcionando numa casa grande com avarandado. As mulheres de lá eram prostitutas bem afeiçoadas oriundas de outros cabarés, principalmente da Paissandu e também de outros estados. Para atender a uma clientela mais endinheirada e mais exigente, mantinha-se conexão com gerentes de cabarés de outras zonas e de outros estados, havendo um contínuo tráfego de mulheres, as quais tinham uma passagem efêmera por Teresina.

---

<sup>49</sup> Antonio Carlos Marques, em entrevista em 26/62005.

A prostituição, contrariando aqueles que sempre viram na sua prática apenas malignidades, concebida na perspectiva econômica, não estava circunscrita apenas ao contrato sexual e comercial entre prostituta e cliente. A ela, estavam agregadas várias outras atividades trabalhistas através das quais muita gente empregava sua mão-de-obra garantindo assim a sua sobrevivência. Eram músicos, como Luís Cavaquinho, garçons, arrumadores de quartos e porta-voz de prostitutas, como Cavalheiro; cozinheiras, cabeleireiros, manicures, porteiros, mágicos, dançarinas, lavadeiras etc. Entre esses trabalhadores e trabalhadoras, eram trançados os mais diversos tipos de relações, fundamentadas quase sempre pelo um sentimento de solidariedade que superava os conflitos pessoais menores, motivados pela disputa e ambição de alguns.

A vida cotidiana dos cabarés possibilitava a interação de elementos como arte, lazer, trabalho, em torno da prostituição que, dessa forma, cumpria também uma função socializadora. A historiadora Margareth Rago ao analisar a prostituição e a sexualidade em São Paulo durante a Primeira República compreende que:

A prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos dos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Práticas silenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e “pensões” alegres da cidade conformavam um espaço importante de interação social. (RAGO, 1991, p, 168).

As prostitutas que vinham de outras cidades mais desenvolvidas para alguns cabarés da Paissandu, consideradas no universo da prostituição da cidade como alto meretrício, eram imitadas nos seus gestos, no modo de vestir-se, no penteado e na maquiagem. Com os homens ocorria situação semelhante, principalmente com os boêmios da elite. Aqueles que estudavam fora ou viajavam para outras capitais como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, sempre apresentavam novidades no linguajar, no modo de vestir, no penteado, no jeito de dançar, praticadas não somente no *Clube dos Diários* com também na zona, sendo logo imitado pelos outros.

A Paissandu era um espaço de muitas sociabilidades, mesmo que não tivesse a mesma suntuosidade dos cabarés do sul do país, onde prostitutas estrangeiras, principalmente francesas, agiam como professoras de etiqueta social. Teresina, entretanto, não ficava fora do circuito da prostituição nacional. Havia sempre meretrizes de outros estados e até de outros

países latinos fazendo na capital piauiense no momento em que a prostituição de elite, concentrada na Paissandu, começava a se descentralizar para outros cabarés como: *Brasília, O Casarão, A Particular*, todos de propriedade da Maroca. Diz Gerusa que “as mulheres eram de fora: era carioca, era baiana, era gaúcha... era assim; até cubanas vinha. Foi nessa remessa que veio Assucena Moraes... E chegou e se deu muito bem comigo, que eu era gerente”<sup>50</sup>.

Assucena era uma prostituta argentina, muito bonita que, em temporada em Teresina, fazia apresentações artísticas em alguns cabarés. Era dançarina, apresentando vários números de danças espanholas. *A priori*, uma atividade profissional que poderia ser exercida tanto no território da prostituição, como fora dele. Entretanto, naquela época, ser dançarina tanto faz, de palco ou de salão, era uma atividade estigmatizada, associada à prostituição, como qualquer outra atividade trabalhista exercida pelas mulheres, fora do lar e no turno da noite. Assucena era aplaudida, fazia sucesso quando dançava e tornava-se mais desejada, atraindo pra si maior número de clientes especiais: médicos, advogados, políticos etc.



Acervo da família de Gerusa Santos

Foto 6 Assucena Moraes (argentina)

<sup>50</sup> Gerusa Santos, em entrevista em 8/1/.2005.

Em Teresina, embora já existisse a *Delegacia de Vigilância e Captura* e a *Delegacia de Costumes*, não contava com nenhum tipo de serviço especializado de repressão à prostituição como em outras capitais, a exemplo do Rio de Janeiro, onde o governo de Getúlio Vargas já na década de 1940, querendo demonstrar a força do Estado no sentido de manter o controle total sobre os territórios da prostituição, criou o *Serviço de Repressão ao Meretrício (SEM)*, em 1943, como parte das reordenações propostas pela estrutura do Estado Novo”.(MENESES, 1998, p 261). A repressão ao meretrício visava, principalmente, “descolar” as atividades de trabalho da prostituição, considerada um não-trabalho, apesar de, jocosamente, em todos os lugares e em todas as épocas se dizer que “a prostituição é a profissão mais antiga do mundo”. O SEM era subordinado à *Delegacia de Costumes e Diversões* que tinha a função de centralizar todas as informações sobre as zonas de prostituição e reprimir seus agentes transgressores.

Tal poder objetivava estabelecer uma fronteira definida entre o trabalho desenvolvido por dançarinas, bailarinas e atrizes, e o não-trabalho que representava a prostituição, o que atingia fundamentalmente o grupo de fronteira formado pelas “prostitutas trabalhadoras”, dentre as quais se projetavam as bailarinas e dançarinas dos cabarés e *dancings* da cidade.(MENESES, 1998,P.261).

Apesar do esforço do Governo para demarcar territórios de atividades de trabalho e prostituição os setores mais conservadores da sociedade em qualquer canto do país associavam trabalho artístico à prostituição, ou seja, artista (atriz, bailarina, dançarina) era sinônimo de puta. Desse contexto veio a inspiração à Américo Seixas e Chocolate para comporem em 1953, o samba-canção *Vida de Bailarina*, um dos clássicos do cancionero popular brasileiro, um sucesso de todos os tempos, na interpretação original de Ângela Maria:

### *Vida de Bailarina*

Quem descerrar a cortina Da vida da bailarina  
 Há de ver cheio de horror Que no fundo do seu peito Existe um sonho desfeito Ou  
 a desgraça de um amor Os que compram o desejo Pagando amor a varejo Vão  
 falando sem saber  
 Que ela é forçada a enganar Não vivendo pra dançar Mas dançando pra viver  
 Obrigada pelo ofício  
 A bailar dentro do vício Como um lírio em lamaçal.  
 É uma sereia vadia Prepara em noites de orgia O seu drama passional Fingindo  
 sempre que gosta De ficar à noite exposta Sem escolher o seu par Vive uma vida  
 de louca Com um sorriso na boca  
 E uma lágrima no olhar.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Na gravação original era o lado B do 78 RPM (setembro de 1953). Em 1996 a TV Globo realizou o musical “Ângela – Amigos” e o CD com o mesmo título nos quais Ângela Maria divide com Djavan a interpretação de “Vida de Bailarina”. Cauby Peixoto também divide com Ângela essa interpretação, em disco de vinil.



Pelos versos dos autores da música, pode-se inferir que a dançarina pode ser alguém que, simultaneamente, pratique a dança e a prostituição por opção e, também, por prazer, além do sentido pecuniário. Assim como pode ser alguém que apenas usa o corpo através de expressões rítmicas em forma de representação artística. Mas por trás da sensualidade exposta no palco ao consumo de olhares libidinosos ou o erotismo exposto na cama, pronto para saciar desejos carnavais, existe uma mulher carente de afeto, que se prostitui no corpo, mas não na alma, igual a “um lírio em lamaçal”. Como o palhaço que chora no camarim e volta ao picadeiro para fazer o público sorrir, a bailarina vive, à noite, seu drama passional e paradoxal de “um sorriso na boca e uma lágrima no olhar”, de uma alegria aparente externada pelo falso sorriso e uma tristeza interna contida no sentimento e na alma.

A noite, na zona, era animada com música e dança nos salões, como também pelas as apresentações, no palco, de Assucena Moraes e de mágicos que, através de seus truques ilusionistas, levavam o público ao êxtase resultante de efeitos que virtualmente ultrapassavam as forças comuns da natureza. A diversão noturna se completava com os salões de jogos nos cabarés ou separados destes, mas dentro da zona. O mais famoso cassino funcionava no Quitandinha, onde se jogava de tudo: roleta, sinuca, dado, bacará, baralho. Diz Luiz Cavaquinho:

O principal cassino era lá no Quitandinha. [...] Tinha roleta, tinha bacará que era os 9 pontos. [...] Era um cassino completo. [...] E a roleta? A roleta nego abusava. Me lembro muito bem no dia em que foi lá a polícia e apreendeu a roleta. Foi uma confusão danada...<sup>52</sup>

As festas dançantes eram a opção de lazer que acontecia com mais regularidade. Uma estratégia das madames para trazerem clientes endinheirados para gastar dentro do cabaré. E assim, muitos homens da elite, jovens e adultos, casados e solteiros, compareciam à zona em dias de festa, não para fazerem sexo, mas para beberem e dançarem. Nestes dias, ou mesmo naqueles em que a música não era ao vivo, podia-se identificar uma perfeita articulação de cumplicidade para exploração comercial, constituída pela madame-prostituta-garçon, cujo alvo a ser atingido era o cliente.

Ao adentrar no cabaré, a madame já ordenava que uma das mulheres se aproximasse daquele cliente para lhe fazer companhia. Ou perguntava ao cliente qual era o tipo de mulher da sua preferência: loura, negra, morena, ruiva, etc. As prostitutas eram instruídas para fazer o cliente gastar o máximo, antes de ir ao quarto se ele quisesse fazer

---

<sup>52</sup> Cavaquinho. Entrevista em 19/06/2003

sexo. O primeiro passo nesse sentido, era nunca ficar só com o cliente à mesa, mas chamar as colegas para que a farra fosse duradoura e, conseqüentemente, promovesse maior lucratividade no bar. Táticas ilícitas eram praticadas nesse sentido. Afirma Maria Tijubina:

A primeira que se acompanhava tinha que convidar tudinha, as três, quatro, cinco. [...] Era ordem da madame, pra “tomar” a grana. Aí quando a mulher estava menstruada, o garçom: Quem tá menstruada? Eu tô! Levanta o dedo. Aí chegava uma pessoa, ai ele trazia aquelas doses de whisk e um capim de cheiro. Ai o capim de cheiro era pra passar pra gente.<sup>53</sup>

O chá de capim de cheiro tinha a mesma cor do *whisky*. Essa era a forma de trair a confiança do cliente, burlando o tipo de bebida que deveria ser consumida por todos que estavam à mesa. O garçom com o atendente do outro lado do balcão eram os agentes da operação desonesta para furtar o cliente na conta: cobrava-se o consumo de um número de doses muito superior ao que de fato havia sido ingerido. A mesma coisa ocorria com o consumo de cervejas. O garçom aproveitando-se da distração ou do já elevado grau etílico do cliente para colocar várias garrafas vazias debaixo da mesa, junto com aquelas cujo líquido havia sido ingerido, de fato. No momento de pagar a conta o cliente pagava um número de cervejas muito maior que ele com suas acompanhantes haviam consumido.

Aí a gente quando encerrava tudo, no outro dia, todo mundo pra... era dividido o lucro com todo mundo. Aí todo mundo tinha a sua despesa paga com aquele capim de cheiro que ele passava ou aquela garrafa seca...<sup>54</sup>

As prostitutas residentes nos cabarés pagavam diárias à madame, pela hospedagem e alimentação. Dependendo do lupanar, a prostituta pagava ainda a chave, ou seja, um percentual sobre cada programa. Entretanto, a relação entre prostituta e madame era de obediência e proteção, respectivamente. Em alguns casos, apesar da exploração, a relação tornava-se afetiva, mas era, antes de tudo, de confiabilidade sob pena do “contrato” acertado entre ambas não funcionar bem pra nenhuma das partes.

Dentre todos os eventos festivos, um dos mais esperados e disputados eram os aniversários das madames, momento em que as prostitutas da “casa”, as convidadas e os convidados se vestiam elegantemente para a ocasião. Este é um dos fragmentos de memória mais vivos de Cavalheiro:

---

<sup>53</sup> Maria Ambrósio, entrevista em 23/7/1999.

<sup>54</sup> Idem. Idem. Cavalheiro em seu depoimento confirma o tipo de prática desonesta.

...Tinha o dia de fazer aqueles bailes. [...] quando uma madame completava ano, tantos anos, né!... Se fazia aqueles tira-gosto e se convidava muita gente. Ah! Mas era bonito nesse tempo. Vinha mesmo era a música, essas da bacana, pra tocar aqui no cabaré. [...] O pessoal vinha pra dançar. Mas era bonito demais!<sup>55</sup>



Acervo da família de Gerusa

Foto 7 Gerusa Santos em dia de festa

Gerusa não ocultou a emoção ao falar de si, sobre aqueles momentos de comemoração de seu aniversário. E revela: “o aniversário de Gerusa eram três conjuntos: a *Orquestra Guanabara*, de Caxias; o *Jazz do 25° BC* e o *Jazz da Polícia Militar*”.<sup>56</sup> Cada grupo musical se posicionava estrategicamente, pronto para saudar cada convidado ilustre que adentrava ao cabaré. Depois, durante a festa, cada grupo musical tocava uma peça, executando repertórios diferenciados: samba, rumba, bolero, mambo, samba-canção, tango, xote e baião.

Os festejos juninos e carnavalescos eram também momentos de grande incitação e alegria. No *São João*, vestiam-se a caráter e freqüentavam arraiais de outros cabarés. Mulheres da Paissandu costumavam ir aos cabarés da Maroca (*O Casarão*, *Brasília e A Particular*) ou as de lá vinham para a Paissandu. Mas o momento de grande euforia eram os festejos mominos, quando ocorria o *Curso Carnavalesco*. Era o desfile de carros cheios de

<sup>55</sup> Cavalheiro em entrevista em 12/7/1999.

<sup>56</sup> Gerusa Santos, em entrevista 8/1/2005.

foliões fantasiados, cantando, jogando confetes pelas ruas da cidade. Um dos maiores animadores do carnaval dessa época, Antônio Vieira Sales, mais conhecido como Antônio Pintinho, diz que num primeiro momento:

Os carros eram compostos com carroças enfeitadas. Na medida que o número de carros cresce na cidade, as carroças vão sendo substituídas. Isso já no final da década de 20. No começo da década seguinte as prostitutas da Paissandu passavam a compor o curso carnavalesco de Teresina; „as raparigas preparavam aqueles carros alegóricos... Aí competiam: o carro da Gerusa, o carro da Raimundinha Leite. Eram três outros carros de raparigas. [...] muito bem vestidas, bem fantasiadas.<sup>57</sup>

Gerusa relembra com precisão de quem eram os caminhões de raparigas que participavam do curso em Teresina: “Era um caminhão meu, um da Maria Messias, que por sinal já morreu, um da Rosa Banco e um da Luzia Costa. [...] A saia era que cobria o caminhão. A gente se juntava assim...<sup>58</sup>

As prostitutas da Paissandu como as demais, discriminadas durante todo o ano por uma sociedade ainda marcada por traços provincianos, tinham seu momento de glória, entre aqueles que as marginalizavam.

Só mesmo uma festa como o carnaval conseguia esta inversão: de marginalizadas, as prostitutas tornavam-se protagonistas da festa, aplaudidas no Caminhão da Raparigas – a atração maior do curso carnavalesco, vestindo enormes suarês<sup>59</sup> confeccionados em tafetá e failite nas cores azul-celeste, vermelho e amarelo dourado.(SÁ FILHO, 2001, p. 87-8).

Havia, entretanto, aqueles que gostavam de atrapalhar o lado bonito da festa praticando cenas de vandalismo, às vezes insulto a quem estava fazendo o brilho da festa que enchia de prazer e alegria não somente quem estava representando, brincando o carnaval, mas também quem estava assistindo. O que *a priori* seria cômico tornava-se em ato de agressão. A escritora Nerina Castelo Branco (1979, p. 45-6) descrevendo uma cena do curso carnavalesco na década de 50, muito presente na sua memória, assim se resposta:

Como sempre, a molequeira – uma instituição infalível em qualquer sociedade humana, saia atrás delas, com seus paus futucando as saias, para mexer com as madames. [...] E os moleques futucavam e as raparigas metiam o cipoal neles....

Finalizando o curso às primeiras horas da noite, em seguida se iniciava os bailes nos cabarés, sempre com música ao vivo: músicos da Banda do 25° BC ou da Banda da Polícia Militar. Além da população residente na Paissandu, compareciam pessoas dos mais

<sup>57</sup> Antonio Vieira Sales IN: NASCIMENTO, Francisco Alcides. Do. Uma viagem ao mundo de Antonio Pintinho. Teresina. 1993

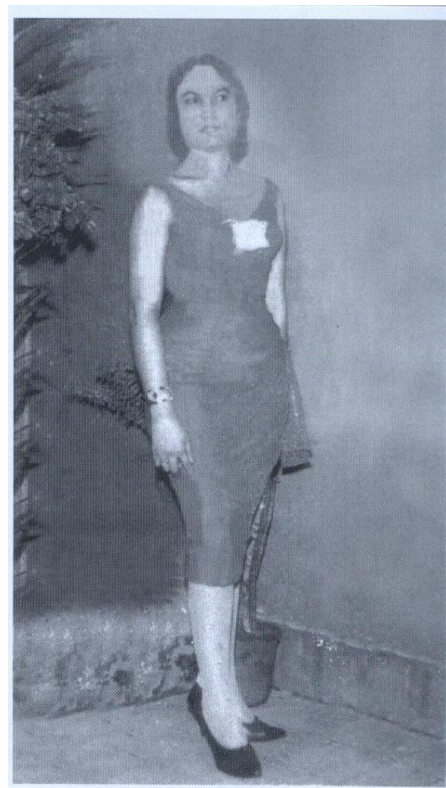
<sup>58</sup> Gerusa, em entrevista em 8/12005.

<sup>59</sup> Suarês: fantasia carnavalesca com enorme saia que cobria as grades dos caminhões das Raparigas.

diversos pontos da cidade. Quando a festa no *Clube dos Diários*, no *Botafogo* ou em outro clube popular encerrava primeiro, parte dos foliões se deslocava para a Paissandu a fim de dar continuidade a brincadeira momina, ou para fazer alguma refeição em um daqueles bares- restaurantes.

Observa-se que na década de 1950 o crescimento quantitativo foi mais marcante na história da prostituição de Teresina. Aumentou o número de prostíbulos que constituíam a geografia do prazer e, em conseqüência, a população de meretrizes, de perfis sócio-econômico-cultural-estéticos diversos. Não seria racional tentar entendê-las de forma homogêneas, mas classificá-las em três ou quatro categorias.

Um primeiro grupo seria constituído, em relação ao indistinto conjunto de prostitutas, por aquelas que viviam ou se apresentavam com certa opulência. Eram bem alimentadas, vestiam-se bem e viviam sob a “tutela” de madames dos grandes cabarés da Paissandu. São elegantes no vestir, desde as peças íntimas ao vestuário externo: usam meias-calça de seda, calcinha, anágua, espartilhos e *soutien*. Usam laquê no cabelo, após serem penteados por algum cabeleireiro entre os que prestavam serviços nos cabarés. As unhas são cuidadosamente pintadas bem como a maquiagem à base de pó-compacto, *rouge*, baton, e lápis de cera para contornar os olhos, as sobrancelhas ou fazer um sinal artificial na face,



Acervo da família de Gerusa

Fotos 8 e 9 Prostitutas de Elite – Zona da Paissandú

muito em voga naquela época. Estavam sempre bem perfumadas, com colônias da linha *Coty*; pernas, axilas e partes íntimas depiladas. Eram brancas ou morenas, jovens, bonitas, escolarizadas; algumas eram oriundas de outros estados, fazendo em Teresina breve temporada como parte de turnê interestadual do circuito nacional da prostituição. Apresentavam-se bem em público, fora da zona e no cabaré, quando não estavam alcoolizadas. Eram responsabilizadas pelas madames para entreter ao máximo o cliente no salão, antes de irem para o quarto a fim de dar mais lucro ao cabaré. Seus clientes eram homens ricos, casados ou solteiros, jovens, elegantes, oriundos de famílias tradicionais; eram advogados, acadêmicos de Direito, médicos, comerciantes, funcionários públicos bem situados, político ou militares de alta patente. Eles as escolhiam não apenas para o ato sexual, mas para lhes acompanharem nas danças, nos drinks, nas bancas de jogos. Eram submetidas periodicamente à inspeção médica como medida de profilaxia contra doenças venéreas. Não eram muitas, por esta razão eram sempre convidadas para todos os bailes de noites especiais, onde sempre faziam muito sucesso. Algumas, entretanto, tinham gigolôs.

As de segunda categoria eram as mais bem afeiçoadas do *Morro do Querosene* e aquelas que habitavam na Paissandu, mas que viviam em quartos alugados sem maiores condições de conforto e higiene. Esperavam o cliente sentadas à porta. O serviço prestado em forma de prazer era exclusivamente sexual. Não acompanhavam clientes em atos de sociabilidades na zona. Uma grande parte era constituída por aquelas de idade mais avançada, e sem maiores atributos físicos, de cor negra e morena e sem escolaridade, ou sabendo apenas assinar o nome. A sobrevivência cotidiana dependia de quantos programas faziam por noite e de quanto conseguiam arrecadar com eles. Seus clientes eram homens de menos poder aquisitivo: jovens sem maiores experiências na arte do pecado carnal, estudantes, homens mais idosos e casados que não queriam se expor em público na companhia de meretrizes. Íam à zona só para fazer sexo. Ainda se enquadram nesse grupo as não-residentes na Paissandu mas que lá compareciam à procura de clientes e para se divertirem. Quando encontravam alguém, negociavam o preço do programa, incluindo ou não a chave e partiam para um chatô. Se vestiam de forma mais modesta, sem negar a imagem prevalente da prostituta no imaginário da sociedade: vestido apertado, de alça ou com decote bem “cavado” mostrando o colo dos seios. Maquiagem forte e perfume de segunda categoria. Os espartilhos não faziam parte das peças íntimas. A maioria, em vez de *soutien*, usava uma “camisa” de alça fina por cima da anágua e debaixo do vestido.

As prostitutas de terceira ordem eram despossuídas de bens materiais e atributos

físicos. Eram consideradas como refugio dos boêmios libertinos. Totalmente pervertidas e sem resquícios de pudor no vestir-se, no linguajar e nos gestos (obscenos e libidinosos). Quando chegava a noite, eram vistas, logo cedo, nos botequins e quiosques tomando cachaça, na companhia de clientes embriagados. No interior dos cabarés ou na via pública, devido a sua impudência, com freqüência arrumavam confusão. Algumas eram gordas, lânguidas, seios grandes e caídos, arcada dentária incompleta ou estragada. Outras, de musculatura rígida, mas de pele manchada, tinham cicatrizes pelo corpo decorrentes de cortes de gilete ou golpes de garrafas, consequência das confusões em que se metiam. Eram desaforadas, respondendo sempre com palavrões e obscenidades quando ouviam algo que não gostavam. O exemplo típico desse perfil era Toinha,<sup>60</sup> do *Móio de Vara*. Quando alguém lhe chamava de “Porca Ruiva” respondia sempre com xingamentos à mãe de seu agressor. Ou se lhe dissessem que a polícia levaria preso quem não estivesse com documento, ela não hesitava em levantar a saia e bater no baixo ventre e dizer “tá aqui, o documento é a *boceta*”. Sua preferência era por soldados jovens do Exército. Foi com um deles que perdeu a virgindade aos 12 anos de idade, à margem do rio Poti. Outras, agiam de forma impudente, como a Chica Galinha e a Véia do Rádio, ambas conhecidas como “gato da estação”. Diz Carrola que era chamada de:

Veia do Rádio porque quando ela conseguia alguém pra fazer algum programa, ela corria no mato que tinha... ela levava o rádio e deixava lá, ligado que era pro pessoal saber que lá tinha gente. [...] Já era idosa e gostava só de menino, entre 15 e 17 anos. Ela tinha um negócio de dizer assim: vambora ligeiro, vambora ligeiro. [...] Às vezes ela atendia até dez ... Ela atendia a todos... Depois que ela botava o espinhaço no chão, pronto.<sup>61</sup>

Os clientes desse tipo de prostituta eram os que menos tinham dinheiro: adolescentes, recrutas do Exército, estivadores, trabalhadores braçais em geral, vagabundos com os quais copulavam em algum cabarezinho ou chatô. O coito ocorria, também, com freqüência, de forma furtiva, em algum matagal, em total desconforto e sem a menor condição de higiene.

Eram meretrizes que nunca íam ao médico, a não ser quando já estavam bastante infectadas por alguma doença venérea. Entretanto, eram mulheres que usavam o corpo com muita competência, transando sequencialmente com um número de clientes considerado fora

---

<sup>60</sup> Antônia Alves de Oliveira. Nasceu na cidade de Ipu (CE), era analfabeta e não sabia a idade exata; teve três filhas: uma faleceu, e as outras duas que foram criadas por terceiros, não chegou a conhecê-las. Nunca aceitou gravar entrevista, mas falava abertamente de sua vida como prostituta. Faleceu em maio de 2005.

<sup>61</sup> Carrola, em entrevista em 12/9/.2000

do normal que uma mulher conseguiria ter relações sexuais. Eram, literalmente, verdadeiras putas, segundo o discurso de Margareth Rago ( 1997, p. 89): “A puta é aquela que, gulosa e incontrolável, adora os excessos de álcool, de fumo, de sexo”

Subjacente às imagens de prostitutas públicas, existiam aquelas que praticavam a prostituição clandestina e aquelas que exerciam outras profissões como operária, costureira, cozinheira, doceira, lavadeira, como Honorata dos Santos que trabalhava para algumas madames da Paissandu, como a Raimundinha Leite. Teve dois relacionamentos fixos e duradouros, mas praticava a prostituição esporadicamente. Diz que: “os homens era que vinha atrás de mim aqui na minha casa”.<sup>62</sup> Nunca se encontrava com algum cliente em chatô. Às vezes ía à Paissandu mas para se divertir, ou mesmo que encontrasse algum cliente, marcava o encontro para a sua casa.

As causas pelas quais as mulheres se prostituíam são diversas: prazer, necessidade econômica, diversão. São razões relativamente simples, mas a prostituição em si, para se entender, talvez não seja tão simples assim. Inadequadamente até a década de 1960, chamava-se de prostituta não apenas as mulheres que praticavam a prostituição comercializando seu corpo, mas toda e qualquer mulher solteira que fosse desvirginada. Existia então uma larga diferença entre ambas: uma que apenas praticara ou praticava o sexo ilícito, sem um contrato, através do casamento (religioso ou civil) e a que fazia sexo estabelecendo com o parceiro uma relação comercial e contratual de duração efêmera. Não basta só lançar mão do clichê de que a prostituição é *a mais antiga profissão do mundo*, apresentado em quase todos os discursos médicos e juristas formadores de conceitos de moralidade e sexo saudável, ou que a prostituição é um mal necessário.

A prostituição numa cidade, numa vila, em qualquer lugar de certo movimento, é uma necessidade vital, torna-se uma válvula de segurança social, com especialidade, coibindo vícios no elemento púbere varonil e mantendo um certo e determinado equilíbrio na ação popular da localidade.(RAGO, 1997, P. 87).

Em outras palavras, pretende-se dizer que a prostituição surgiu da necessidade sexual dos homens e que em determinado momento da história de um povo, de uma cidade, de uma vila ,os homens apesar de seu incontido desejo do prazer sexual, preferiam que suas futuras esposas chegassem virgens ao casamento. A prostituição, nesse caso, teria uma dupla função social: realizar o prazer sexual dos homens e assegurar a honra das moças, através da virgindade até ao casamento.

---

<sup>62</sup> Honorata Pereira dos Santos. Entrevista em 02.07.2000



Feministas mais ortodoxas chegaram a fazer uma comparação entre prostituição e casamento, já que em ambas as condições, a relação sexual é praticada mediante um contrato.

Contratada pela vida toda pelo um homem; a prostituta tem vários clientes que pagam a ela pelos seus serviços. Uma é prestigiada por um único homem contra todos os outros; a outra é defendida por todos contra a tirania exclusiva de cada um. (PATEMAN, 1993, 281).

O comentário feminista ver apenas a questão contratual, embora um seja efêmero e outro “permanente”, da relação sexual. Nessa perspectiva, fica implícito no pensamento feminista o velho modelo de esposa cujo marido tem a função de provê-la para exercer sobre ela o poder, iniciando com o sexual. O casamento seria simplesmente um contrato sexual e comercial, semelhante à prostituição, dela se diferenciando apenas pela duração. Ficaria de fora neste mister, qualquer relação de interdependência afeto-conjugal. Penso ainda, ser um equívoco, equiparar a prostituição ao casamento na perspectiva de que a relação contratual que envolve a “propriedade” nas pessoas esteja baseada num pacto de troca, de obediência por proteção. É indiscutível que o modelo tradicional de família, baseado no princípio fundamental da monogamia, pregado pela cultura cristã e patriarcal busque o compromisso de doação, obediência e submissão ao marido em troca de proteção por toda a vida, firmada através de contrato religioso e/ou jurídico. Mas, no contrato da prostituição onde estaria a proteção? O cafetão ou madame a quem as prostitutas estão ligadas cotidianamente, deles recebendo uma suposta proteção, não participam diretamente do contrato efêmero de compra e venda do corpo para consumo do prazer entre prostituta e cliente. Eles apenas agenciam, coordenam, supervisionam e extraem uma parcela de ganho pecuniário desse contrato.

O caráter público da prostituição torna fácil o acesso às prostitutas, por qualquer homem que tenha dinheiro e se propuser pagar pelos seus serviços acordados no ato da transação. E a partir desse momento, o acordo passa a ser particular, privado, semelhante a um vendedor e comprador de uma mercadoria para seu usufruto pessoal no âmbito privado. Ou seja,

A prostituição é a utilização do corpo de uma mulher por um homem para a sua própria satisfação. Não há desejo ou satisfação por parte da prostituta. A prostituição não é uma troca prazerosa e recíproca da utilização dos corpos de uma mulher por um homem em troca de dinheiro. (PATEMAN, 1993, p.291).

No ato da relação, o coito toma sentidos diferenciados das partes que se relacionam. O que é prazer para o homem é trabalho para a prostituta. Trabalho este reconhecido por diversos setores da sociedade, como um outro trabalho qualquer que

envolve o corpo, mas a sua não-aceitação ocorre devido à hipocrisia desses mesmos setores em não reconhecerem a prostituta como trabalhadora, prestadora de serviço e sim como uma degenerada que promove a degradação física e moral de muitos homens. Um paradoxo ao clichê usado por todo mundo, em todos os tempos: *A prostituição é a mais antiga profissão do mundo.*

A prostituta para exercer afetivamente a prostituição como profissão, deve se afastar o máximo de si como pessoa humana, sobretudo de suas emoções, não deixando aflorar sentimentos que resultem numa relação afetiva com algum cliente. Aí, então, pode ser a sua perdição, porque se tornam vulneráveis, frágeis, presas fáceis a um outro personagem que entra em cena: o *gigolô*, responsável pela desgraça e miséria de muitas prostitutas, do ponto de vista físico, econômico e psicológico.

Na Paissandu como em qualquer outro território de prostituição as meretrizes, de luxo ou “rameiras”, esperavam o cair da noite para entrarem em ação como profissionais do sexo. Umas lançavam olhares insinuantes, exibiam seus atributos físicos num jogo de sedução como estratégia para o acasalamento. Outras, mais ousadas, faziam gestos obscenos, falavam de carinho e de práticas libidinosas, a troco de dinheiro, com préstimos voltados ao prazer do cliente.

Do outro lado, homens com vigor físico e dinheiro no bolso exibiam virilidade, enquanto outros, menos afeiçoados, menos endinheirados e com ar desfigurado pelo álcool ou pela perda de sono nas bancas de jogo, olhavam com excitação, aquelas trocas de carinho e insinuações eróticas e se imaginavam estar nos braços de uma daquelas que diziam se permitir, tudo fazer em matéria de sexo para agradar o cliente, entre quatro paredes. Este é o quadro que se pode descrever como preâmbulo para o ato da prostituição que não pode ser praticada unilateralmente, mas por ambos os lados: o da prostituta, que se expõe como objeto à venda, que produz “amor” a varejo, e o cliente que compra o prazer e, como outra mercadoria, o consome, experimentando unilateralmente. A prostituta não pode exigir prazer do parceiro, mas propiciá-lo a ele. Para isso, ela cobra; para isso, ela é paga.

Focando esse momento do submundo da boemia e da prostituição, foi que Chico Buarque de Holanda compôs a música *Folhetim*, para caracterizar a prostituta, no musical de sua autoria, nos anos de 1970: *Ópera do Malandro*.

## Folhetim

Se acaso me quiseses	E eu te farei as vontades
Sou dessas mulheres	Direi meias verdades
Que só dizem sim	Sempre à meia-luz
Por uma coisa à toa	Te afastas de mim
Uma noitada boa	Pois já não vales nada
E te farei vaidoso, supor	É página virada
Que és o maior	Descartada
Que me possuis	Do meu folhetim
Mas na manhã seguinte	
Não conta até vinte	
Um cinema, um botequim	
E se tiveres renda	
Aceito uma prenda	
Qualquer coisa assim	
Como uma pedra falsa	
Um sonho de valsa	
Ou um corte de cetim	

Não é extemporâneo a recorrência da letra da música acima, por se tratar do sentido relacional das partes (prostituta e cliente) que fazem o contrato comercial de compra e venda, ou de troca, recompensa, na prática da prostituição. À prostituta, compete fingir, representar, ao cliente é permitido mergulhar no mundo da fantasia na busca do prazer sexual. A ele, momentaneamente, ela se entrega em honra, corpo e dignidade deixando cair a máscara de sua identidade pública ou privada.. Despe-se, não somente das vestimentas, mas, sobretudo das licitudes que fixam normas, moralidade e pudores na sociedade. Ele gosta disso pelo fato de poder agir de forma instintiva, animal, que a libido exerce sobre o corpo humano. Gosta que falem dele, de sua imagem, de seu corpo, de sua virilidade como o mais, entre os mais desejados dos homens. Gosta de ter diante de si, para seu consumo e prazer, a mulher que seus amigos gostariam de tê-la e assim, afirmar perante outros homens, sua masculinidade ainda que, para tanto tenha que pagar uma prostituta.

A ela, compete o lado mais racional, mantendo o controle da transação desde os momentos da negociação até após a consumação do ato sexual. Entretanto, não se pode esquecer que as prostitutas são também seres humanos vulneráveis a emoções e sentimentos que se constituem em falhas do ponto de vista da racionalidade pecuniária da prostituição.

Nesse sentido, a história do meretrício em Teresina, foi marcada por muitos casos de prostitutas que se apaixonaram por clientes, rompendo assim a racionalidade imprescindível à comercialização do sexo. Poucas tiveram a sorte de ter sua paixão correspondida, sendo por seus amantes resgatadas da zona para se tornarem suas esposas.

Outras experimentaram relacionamentos afetivos-sexuais duradouros, mas não uma paixão verdadeiramente correspondida, como Gerusa, que diz: “a mulher que teve mais amante fixo fui eu, como tive o Zequinha Freire...”<sup>63</sup> Muitas tiveram suas vidas destroçadas ao se apaixonarem por homens que, não somente não correspondiam sua paixão, como faziam delas objetos de exploração econômico-sexual. Uma vez apaixonadas, tornavam-se reféns dessa situação: dominada, submissa, “escravizada”, trabalhando para sustentá-lo e atender suas vontades. Eram os chamados gigolôs.

Eram homens jovens e maduros, de 18 a 30 anos, poucos excediam a essa faixa etária. Bem afeiçãoados, elegantes, estavam sempre bem vestidos, perfumados, com brilhantina nos cabelos e bem penteados, cordão de ouro no pescoço e, às vezes, relógio no braço ou no bolso. A maioria tinha um bom nível de escolaridade e eram oriundos de famílias bem situadas social e economicamente. Apregoavam a força de seu sexo e usufruíam dele como poder articulado (FOUCAULT, 1996, p. 79) ao desejo. *A priori*, davam a impressão de seduzir, quando na verdade, estavam à venda, como produtos do prazer, caracterizando assim um tipo de prostituição investida, a masculina, não assumida, de contrato de longa duração, fundamentado num discurso enganador.

Ele, o gigolô, iniciava, geralmente sendo “amiguinho” de uma puta velha até tornar-se amante de uma prostituta que tivesse condição de sustentá-lo. Embora ele não fosse dela amante no coração, ela pertencia a ele de corpo e alma. “É com ele que ela dorme, é com ele que deve ter prazer”, é o que diz a historiadora francesa, Laure Adler(1991 p. 163)). Ele batia nela, insultando-a, tomava seu dinheiro, mas ela o amava, entregando-lhe tudo: dinheiro, honra, dignidade. Vivia uma relação sadomasoquista que transformava sua vida num inferno. Maria Tijubina corrobora com essa afirmação, lembrando:

Gigolô? Tinha demais! Pelo menos a Raimundinha Leite acabou com tudo... Que tinha gigolô. E não foi só ela não. Foram muitas! Que hoje em dia morreram... Viveram na mão, de esmola, porque gastavam com gigolô. Raimundinha Leite era uma das mulheres que tinha o melhor cabaré do mundo. Acabou tudo com gigolô. Hoje em dia ele vive bem, no Rio. Nunca acendeu uma vela pra ela... Era casado com a filha do capitão Ó. Foi embora. Acabou tudo... Tudo!<sup>64</sup>

Todos os entrevistados, perguntados ou voluntariamente, reportaram-se a existência de muitos gigolôs no auge da prostituição em Teresina e sendo eles considerados os responsáveis maiores pelo estado de miséria no fim da vida de muitas prostitutas,

<sup>63</sup> Gerusa Santos, Entrevista em 8/1/2005.

<sup>64</sup> Maria Ambrósio, entrevista, em 23/7/1999). Ó é fictício para não revelar a verdadeira identidade do personagem citado.

sobretudo, aquelas da Paissandu, empresárias, donas de cabaré. “Raimundinha Leite e Rosa Banco, todas duas... As mulheres mais ricas que tinha aqui em Teresina. Morrerem deesmolas.” Lembra Tijubina<sup>65</sup> Lembra Tijubina, com tristeza. A boa condição financeira de ambas era reconhecida e comentada na cidade. Há a informação, passada de geração à geração pela tradição oral, que Rosa Banco assim era chamada porque teria sido a primeira mulher a ter uma conta no Banco do Brasil. E que emprestava dinheiro a homens de grande posse em Teresina. Luiz Cavaquinho que por muitas vezes trabalhou como músico, tocando violão, banjo e cavaquinho, nos cabarés, concorda:

A Raimundinha Leite era a mulher mais rica daqui. Ela comprava era carrada de bebida. Ela nunca comprava uma caixa de bebida. Me lembro até do gigolô dela... Chamava-se Raimundo Nonato. Andava todo bonito, todo de terno branco. [...] Você olhava para ele na rua assim, era um cidadão, mas não trabalhava em coisa nenhuma. Ela sustentava ele de tudo.<sup>66</sup>

Os gigolôs submetiam as prostitutas à sua autoridade e controlavam suas vidas. “Ele chegava sentava ali, a mulher entrava com outro. Quando ele saía, era só pegar a grana...”<sup>67</sup> Existiam vários tipos de gigolô: o *compreensivo*, ou seja, aquele que se mantinha discreto e se conformava quando a mulher não tendo conseguido muitos programas à noite e não lhe dava a quantia em dinheiro que ele esperava; havia o *determinista*, que era o que ditava, sob ameaça de algumas bofetadas, a quantidade de dinheiro que ele queria receber naquela noite. Antonio Carlos Marques diz que:

Tem deles que é agressivo e faz assim: Olhe! Você hoje vai ter que arrumar tanto em dinheiro pra mim, se não, eu não vou mais gostar de você ou então você vai se arrepender. Quer dizer: ele já colocava a mulher numa situação difícil. Então ali ela ficava com os clientes dela a qualquer custo, o que aparecesse ela estava arrumando: não queria saber nem como, nem de que jeito. Ela tinha de produzir, arrumar aquele dinheiro para aquela pessoa.<sup>68</sup>

O outro tipo era o *ciumento*. Continua Antonio Carlos:

Ele quer que a mulher arranje pra ele e não quer... E não dar bem quando ele via a mulher com outros homens. [...] Sentia ciúme, às vezes ia até brigar com aquele freguês e colocava ela numa situação delicada porque ela não sabia onde ia ficar com aquela pessoa. E no final da noite ele queria um pouco daquele dinheiro.<sup>69</sup>

O que justificava uma vivência masoquista de uma prostituta subjugada, explorada, oprimida e psicologicamente torturada em alguns casos, senão o sentido que os

<sup>65</sup> Maria Ambrósio, entrevista em 23/7/1999.

<sup>66</sup> Cavaquinho, entrevista em 19/6/2003.

<sup>67</sup> Maria Ambrósio, entrevista em 23/7/1999.

<sup>68</sup> Antonio Carlos Marques. Entrevista 29/6/2005.

<sup>69</sup> Idem, idem.

gigolôs tinham em suas vidas, justificando um pouco a existência delas, enquanto mulheres? Como prostituta não se permitia ter prazer com os clientes, mas dar-lhes prazer. Mas o gigolô era o homem com o qual podia entregar-se de corpo e alma, fazendo dele a razão maior de sua vida, evocando um sentimento que, às vezes provocava uma maternidade, despertando nela um sentimento maternal contrariando o que era considerado um azar na vida de uma prostituta. A gravidez de um gigolô era assumida com prazer, porque era resultado de uma relação prazerosa e, unilateralmente, sentimental.

Algumas prostitutas tiveram filhos de seus gigolôs, como a Gerusa. Afirma ela que “foi o único gigolô que teve na vida”<sup>70</sup>, apontando para uma fotografia em cima da uma mezinha. Silvério<sup>71</sup> era um jovem de família tradicional de Teresina que teve esse tipo de relação venal com Gerusa, tornando-se pai de uma de suas filhas. Por ele, brigou e foi presa, pelos menos duas vezes, das cinquenta e três vezes em que foi detida pela Polícia.

Porque eu era danada pra brigar... Com outras mulheres. Eu só briguei com homem uma vez porque um homem queria dar no Silvério... Ele era um homem muito fraco, tinha medo de tudo. [...] Quebrei uma garrafa nele (o agressor). Fugiu! Era véspera do 7 de setembro. De manhã tomei um banho me arrumei, fui assistir a *parada*. Aí eu cheguei perto do palanque... Tinha o compadre João Mendes, Senador Matias Olímpio, José Aguiar... Aí a polícia chegou e foi me prender. [...] fui nada. Eu toda arrumada, chapeuzinho na cabeça...<sup>72</sup>

As autoridades que estavam no palanque cerimonial não permitiram que Gerusa fosse presa, não somente por ser aquela uma cena publicamente constrangedora, embora ela tivesse cometido um delito, mas, sobretudo, pela relação de amizade que tinha com aquelas homens públicos, alguns sendo seus clientes de cabaré. O romance com Silvério lhe rendeu uma história de momentos alegres, decepcionantes e trágicos. Recém-bacharel em Direito, Silvério foi enviado para o Rio de Janeiro para fazer o curso de Postalista, financiado por Gerusa, com anuência de toda a família dele. De volta, assumiu emprego nos Correios e continuou o romance. Além do perfil social, o desempenho sexual e elegância, Silvério encantava Gerusa por ser também um excelente dançarino, principalmente de tangos e boleros, os estilos musicais que mais contagiavam as noites na zona. Gerusa sofreu grande decepção ao saber que Silvério:

Arrumou um namoro com uma professora, minha e dele, de Educação Física. Aí não prestou. [...] Só cortei um que foi esse (apontando para fotografia). Na cara...

<sup>70</sup> Gerusa Santos. Entrevista 8/1/2003.

<sup>71</sup> Silvério é um nome fictício para não revelar sua identidade familiar.

<sup>72</sup> Gerusa. Idem.

Ele morreu com “gezinho” de Gerusa. Foi na igreja, eles já tinham casado civil em casa, eu interrompi o casamento católico. Na hora do casamento eu cortei ele e cortei ela. [...] fria, como eu estou aqui sem beber coisa nenhuma.<sup>73</sup>

A cerimônia de casamento de Silvério com a dita professora de Educação Física ocorria às cinco horas da tarde na Igreja Catedral de Nossa Senhora das Dores, celebrada pelo arcebispo D. Severino de Melo, quando Gerusa, armada de um porta-gilete com duas lâminas, adentrou ao templo e avançou para agredir os noivos bem na hora do “sim”. O deputado Antonio Gaioso ainda tentou interceptá-la, sem consegui.

Na hora do sim, eu disse: o sim alegre; eu pá, pá, pá...! Ai o bispo, me lembro como se fosse hoje, D. Severino Vieira de Melo, era o bispo da cidade, disse: Você está amaldiçoada. Amaldiçoada nada rapaz, tá conversando besteira... Pra mandar um homem pro Rio de Janeiro estudar pra depois acontecer isso, eu não queria que ele se casasse comigo, mas que ele me respeitasse. Eu sabia que ele não ia se casar comigo... Aí eu fui presa. Nesse tempo o delegado era o Major Pedro Basílio, disse: Gerusa eu não posso fazer nada. Eu sei que você não pode fazer nada, mas eu já tenho minha defesa... Quem me tirou da cadeia foi o Dr. Valter Alencar... Que eu já deixei uma carta pra ele me defender. Fui presa de cinco pras seis horas da tarde, quando deu dez horas da noite fui solta.<sup>74</sup>

Gerusa havia premeditado tudo, deixando uma carta para o Dr. Valter Alencar tirá-la da prisão. O trágico episódio demonstrou que o relacionamento com Silvério, por parte dela, era intenso e o quanto mexia com o seu lado emocional. Naquele momento, foi aconselhada a passar uma temporada fora. Após vários anos em São Luis, retornou a Teresina para exercer a função de gerente de cabaré indo trabalhar com a Maroca. Gerenciava três prostíbulos: *O Casarão* e *A Particular*, na Piçarra e o *Brasília* no Ilhotas, próximo ao rio Poti. Não deixou a boemia, conciliando o novo trabalho com as funções de mãe. Assim levou a vida por mais vinte e cinco anos, até quando o corpo não mais resistiu. Aposentou-se pela Previdência, recolheu-se ao anonimato indo morar sozinha no bairro Renascença até quando, em 2004, já adoentada não viu outra saída a não ser ir morar com a filha e netos no bairro Monte Castelo. Frágil, debilitada, a voz rouca, amparando-se em alguém ou nas paredes, tamanha a dificuldade para se locomover dentro de casa. Serena, um olhar sombrio, uma mente perfeita, uma verdadeira *senhora de si*. Esta foi a última imagem que guardo na memória e sua última declaração:

A única coisa que não fiz e poderia ter feito é ter ido embora para o Rio de Janeiro com José Pires de Melo. Arrependi-me, arrependi... Voltar ao tempo e fazer tudo de novo? Eu não voltaria...<sup>75</sup>

<sup>73</sup> Gerusa, entrevista em 8/1/2003.

<sup>74</sup> Gerusa. Idem

<sup>75</sup> Gerusa . Idem. Gerusa faleceu em outubro de 2005.



Acervo da família de Gerusa

Foto 10 Gerusa faleceu no dia 18 de setembro de 2005.

Os anos de 1960 foram marcados pela configuração de um feixe de temporalidades que se transformou ou se rompeu, resultado do avanço científico e tecnológico, nos códigos de comportamento social, novas formas de ver as coisas e os objetos bem como as novas formas de representá-los através de novas linguagens científicas, artísticas e corporais. Intensificaram-se e surgiram novos movimentos políticos, artísticos, sociais, remodelando ou introduzindo novas formas de viver, de se comportar, de criar, de se relacionar. Era tempo dos festivais, de *Beatles*, *Jovem-Guarda*, *Bossa Nova*, *Cinema Novo* e *Tropicália*. Era tempo de guerra, de revolução sexual, de conquista espacial. Teresina não poderia ficar imune a tantas transformações e inovações. Mudaram-se alguns hábitos da sociedade, nas formas de lazer e entretenimento, na forma de ser romântico e boêmio. As serenatas já não eram à luz do luar, mas à luz elétrica e com música mecânica de radiola. Prostituição já não era mais só perda da virgindade. A pílula anticoncepcional garantiu a mulher a relação sexual sem o perigo da gravidez. Caiu o tabu da virgindade. Teve início o processo de mudança no formato da prostituição.

A Paissandu continuou sendo uma zona boêmia, porém com os primeiros sinais de decadência. Os territórios da prostituição começam a se fragmentar iniciando um



processo de dissolução. Os espaços na zona começaram a dar lugar a outras funções sociais. Cabarés, chatôs, randevus, bares e botequins foram fechados e demolidos. Em seus lugares, surgiram prédios comerciais de arquitetura imponente; surgem escolas, estacionamentos, comércios varejista e atacadista. Em outros pontos da cidade, vão surgir os motéis para abrigar os “amantes” e suas práticas sexuais.

Verdadeiro arquivo,  
inesgotável fonte de desassossego e  
de prazeres, o corpo de um indivíduo  
pode revelar diversos traços  
de sua subjetividade  
e de sua fisiologia mas,  
ao mesmo tempo, escondê-los.  
(Denise Bernuzzi de Sant'Anna)

### 3 OS CORPOS PÉRFIDOS

Todo ser humano é constituído de corpo e alma. É através do corpo, ainda em gestação na barriga da mãe, que o homem começa a ser modelado segundo os valores vigentes de cada cultura. São eles que vão atravessar o corpo biológico, imputando-lhe identidades diversas, na relação com os outros corpos em sociedade. O corpo é mais que um sistema biológico que em circunstâncias econômico-sociais nasce, cresce, vive, sobrevive, adocece e morre. É um território de significações morais, estéticas, religiosas, sexuais, econômicas, políticas etc, que acumula historicidades. “Nesse sentido o corpo é o próprio homem e como tal não pode ser somente um objeto, mas sim o sujeito, o produtor e o criador da história.”(MEDINA, 1991, p.24).

O corpo é um campo sensitivo, através do qual se experimenta sensações de prazer, dor, cansaço, força, fraqueza. É nele que se constrói as noções de honra, pureza, perfídia, limpeza, pudor, beleza e poder, as quais produzem emoções e fixam sentimentos. O corpo então passa a agir como expressão da alma, definindo o homem a partir dessa dupla dimensão.

A alma é a expressão da cultura, o corpo é a sua morada, território onde se processam experiências que definem os modos de viver, ou seja, as condições concretas da corporeidade que permitem perceber o que o próprio corpo significa em todas as situações, reconhecendo “todas as nossas intenções, tanto as que vão expressas nas palavras, como as que vão incluídas no tom da voz, nos gestos, nos olhares, na expressão da boca, no jeito do corpo”(GAIARSA, 2002, p. 23-4).

Mesmo se reconhecendo que o corpo é um suporte dos signos sociais, não se pode enxergá-lo apenas como um objeto inscrito na categoria do jurídico, do social, da estética, da sexualidade e da religião, sendo julgado e classificado como feio ou bonito, forte ou fraco, bom ou ruim, puro ou impuro, sexual ou impotente, novo ou velho, rico ou pobre, masculino ou feminino, preto ou branco, sagrado ou profano, alto ou baixo, gordo ou magro... E a partir daí ser discriminado. O que o corpo fala é o que o social está falando através dele.(MEDINA, 1991, 68). São as convenções, as representações, as regras, as transgressões que orientam, determinam, controlam e o punem na forma de se mover no seu habitat social e cultural.

A sociedade, historicamente, vem investindo contra o poder do corpo criando, mecanismos para controlá-lo, com o objetivo de assim manter o controle sobre todo o corpo social. Entretanto, afirma Foucault (1996, p. 146):

Não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos. [...] Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor...

Nesse sentido, o corpo humano não pode ser compreendido isoladamente na sociedade, mas a partir de suas relações que fazem do homem um ser social e cultural, possuidor de vários corpos: sadio, doente, sagrado, político, marginalizado, belo, sedutor, viril, perverso etc, que se movem na sociedade sendo objeto e sujeito da transformação.

Na *zona*, homens e mulheres, através do desejo, do prazer, da paixão e de delitos, sempre tiveram seus corpos subjugados e condenados pelo poder de outros corpos. Cavalheiro exemplifica:

Teve um homem aí na boite da Dominguinha. [...] Aí esse homem passou mais de cinco dias no quarto com essa mulher bebendo... Homem casado, pai de família... Já filho homem e tudo, né! [...] a mulher bonita, né!... Toda vez tomavam banho íam jantar ou almoçar. Aí por desconto do pecado, ele pediu uma comida: mão-de-vaca, mão-de-vaca logo, né! Carne de gado. Acabou de comer a mão-de-vaca e, em vez de ter descansado, foi lá pro quarto com a mulher... Foi *coisar*... Moço de Deus, só deu pra ele... Quando ele tava no gozo lá com a mulher, né! Ele em cima da mulher... Ela notou que ele tava sem falar, nem nada, ele tava assim vivirando os olhos. A mulher gritou: chega minha gente! Me ajudem pelo amor de Deus que o homem já tá morrendo aqui. A porta trancada... Ela tirou ele de cima dela assim... Ele nuzinho, só fez enrolar numa toalha... Destrancou a porta e encheu o quarto de gente.<sup>76</sup>

O óbito deve ter ocorrido em consequência de um enfarto ou um aneurisma cerebral. O corpo fraco, esgotado, vulnerável, em situação de risco, não resistiu de tanto prazer, entre quatro paredes de um local que representava a negação do lar como lugar de prazer sagrado, sexo lícito, regular e sadio. Ter morrido na *zona*, nos braços de uma *puta*, fazendo sexo, era a prova incontestada de sua identidade transgressora dos padrões morais e familiares, constituídos pela sociedade da época. Prossegue Cavalheiro:

Essa mulher ficou com tanto medo da família dele... Mas a família dele veio todinha: filhos com esposa e tudo... Um pai de família, meu irmão! Um homem de cinquenta e tantos anos, bem bonito... Rapaz, essa casa encheu de polícia... Aí, levaram o corpo. [...] foi uma bagunça danada. [...] esse homem passou cinco dias com essa mulher no quarto, gastando o dinheiro dele...<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Cavalheiro. Entrevista em 12/7/1999.

<sup>77</sup> Cavalheiro, Idem.

O corpo inerte, impuro era o retrato pérfido dos descaminhos da alma, objeto de discussão sobre o comportamento desviante dos valores morais, que regiam as normas de comportamento de um bom chefe de família. O mundo da prostituição constituía-se como um lugar de fuga do ambiente familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: “lugar da desterritorialização intensiva e da constituição de novos territórios do desejo”(RAGO, 1991, p. 24). Territórios estes, de captura de corpos e metamorfose das identidades, subjetivando sujeitos. Diz Suely Rolnik (1989, p. 232) que:

Não precisamos de família nenhuma para “educar” nosso desejo para a captura. Somos já, diretamente capturáveis pela pura forma de expressão, diretamente plugáveis à imagem em si, que está por toda parte, limpa de qualquer espécie de afeto.

A *zona*, um lugar de capturação de corpos pelo desejo, é também um lugar de risco, levando à marginalidade, em face de comportamentos anôminos de muitos sujeitos e das relações perigosas que ali se estabelecem. Diz Rago (1991, p. 229) que “não há como esquecer que a violência é uma dimensão constitutiva das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre cafetinas e meretrizes e entre as próprias prostitutas” os territórios de prostituição teresinenses eram palcos de muitas brigas entre mulheres disputando o corpo sedutor e/ou pecuniário dos clientes.

Aqui cansei de ver mulher cortar cara de outra por causa de homem... Com uma gilete, quando não era, quebrava as garrafas e avançava pra aquela mulher e retalhava ela todinha de garrafa. Essa delegacia aí, não cabia mais. [...] Elas cortavam homem também, porque dentro do quarto, se eles não pagasse o que elas pedisse... Fosse pagar mixaria: ou ela cortava, ou ficava com a roupa dele. [...] Tinha deles que espancava ela também, e saía correndo. Era um “chumbo” que passava na mulher né!<sup>78</sup>

A decadência de muitas prostitutas começava pelo corpo deformado não somente por uma gravidez, idade avançada ou constituição genética, mas também pelas cicatrizes, resultado de brigas, ou autoflagelo. Apaixonadas e desprezadas pelos seus amantes, para chantageá-los, aplicavam-se golpes de gilete nas coxas e nos braços. Ou aquelas que, quando estavam vivendo o ápice de uma paixão, marcavam o corpo, tatuando-o com leite de castanha o nome ou as iniciais de seu amante. As marcas ficavam para o resto da vida, e se tornavam objeto de refugio, por parte de alguns clientes na hora de escolher uma parceira sexual.

---

<sup>78</sup> Cavaleiro. Entrevista em 12/7/1999.

Também é possível identificar uma outra heterotopia ao modelo de sociedade vigente: clientes que exigiam fidelidade de prostitutas residentes na *zona*. Tal atitude, a maioria das vezes, resulta em tragédia. Diz Gerusa:

Ali, quase saindo na beira do rio, assim... Um caminhoneiro matou uma mulher... Deu não sei quantas facadas, porque ele deixou ela lá, por conta dele, no cabaré da Raimundinha Leite e ela... Coincidiu que ele chegou e ela estava no quarto com um amante. O cara saiu, correu e foi embora e ela ficou na taca. Ele esfaqueou ela e deixou ela lá espichada e se mandou, foi embora... Até hoje...<sup>79</sup>

Um dos modelos de identidade masculina era aquele que atravessava o corpo do homem imputando nele a concepção de honra sexual, circunscrita ao corpo feminino, fundamentada na virgindade ou na fidelidade. Mesmo que a mulher fosse uma prostituta de cabaré, havendo um contrato, baseado em sexo-dinheiro, o não-cumprimento dele, não somente provocava a ruptura do contrato, como também era tomado como um atentado a honra do cliente.

A tensão que permeava a relação contratual mais duradoura entre cliente e prostituta se tornava mais forte quando desequilibrava o tripé, *dinheiro-sexo-prazer*, resultando, às vezes, em atitudes unilateral de extrema passionalidade e tragédia, como a que aconteceu no cabaré *Brasília*. Gerusa diz que:

Quando a Mercedes suicidou-se... Ninguém sabe por quê. [...] Foi bala. Ela tendo um caso com um oficial do Exército, pegou o revolver dele, pufo! Se matou. Ainda deixou uma carta dizendo que ele não tinha culpa de nada. Ele tava morto de bêbado. [...] Ela também bebia muito...<sup>80</sup>

Gerusa relembra ainda de outras cenas trágicas sobre “mulheres que se cortavam de gilete por causa de homem... pelo menos a Ângela, uma acreana se suicidou. Ela se tocou fogo”.<sup>81</sup>

O mesmo episódio é lembrado com mais detalhes por Luis Cavaquinho.

Rapaz foi o seguinte: ela era apaixonada por um cara, e parece que ele era paraibano. E ela se incendiou dentro do quarto. [...] Tinha até uma musiquinha que ela cantava, tava apaixonada. “*Adeus, adeus, adeus... quem por mim tem que chorar*”. Pois no dia que ela cantou isso, lá na orquestra, ela entrou pro quarto e se incendiou. Lá no *Ideal*. [...] Naquele tempo, rapaz, era muito difícil um socorro. [...] Ela voltou pra zona, mas toda queimada.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> Gerusa Santos, entrevista 8/1/2005.

<sup>80</sup> Gerusa, Idem.

<sup>81</sup> Idem. Ide

<sup>82</sup> Cavaquinho. Entrevista em 19/06/2003.

Prazer e sofrimento sempre andaram muito próximos, às vezes, um se imiscuindo no outro, gerando ou uma relação sadomasoquista, ou a autodestruição de uma das partes, devido a não aderência à paixão, com a mesma intensidade, por parte do outro. A atração, o desejo, a paixão ocorrem em demasia, mas apenas por uma das partes que, inconformada, busca na tragédia uma solução para o problema.

Um outro caso de incêndio, que deixaram marcas no corpo de uma prostituta, ocorreu de forma acidental e pitoresca. A precariedade das condições de higiene era grande, mesmo nos grandes cabarés da Paissandu. Já nos anos 50, algumas prostitutas ainda usavam apenas uma bacia com água, sabão de côco e um litro de álcool. Todo cliente após a relação sexual, ele e a prostituta, faziam um asseio com água e depois passavam álcool como assepsia, com o objetivo de desinfetar uma suposta contração de algum germe patológico, evitando assim, a transmissão de um para o outro. Conta Dr. Angeline, que um rapaz alcoolizado na Paissandu, após ter relação sexual com uma mulher:

Se levantou se lavou, se enxugou, passou álcool e a mulher passava também. Aí, tonto, não sabia aonde tinha botado a cueca, pra poder vestir a calça. Então perguntou:

- Fulana, cadê minha cueca?

- Ta aí, ficou em cima do tamborete. [...] risca o fósforo. Quando ele riscou o fósforo foi debaixo dela, pegou fogo nela, que tinha se passado álcool. Aí, foi um horror pra se tirar essa mulher lá do cabaré, para se levar para o hospital... Aí, botaram um apelido nela: “B... vulcanizada”. Essa mulher ainda hoje tá aí.<sup>83</sup>

### 3.1 Sedução e Desonra

No dia 15 de fevereiro de 1959, Bernardo Barbosa Lima fez denúncia na *Delegacia de Costumes de Teresina*, contra José de Sousa Brito acusando-o de ter seduzido a sua sobrinha M.L.B.L., menor de idade, estudante do curso ginásial noturno, no Colégio Demóstenes Avelino.<sup>84</sup>

M.L.B.L. acusava Brito de ter-lhe seduzido e desvirginado, e de quem era empregada em estabelecimento comercial de sua propriedade, no Mercado Público. Um caso típico de romance entre patrão e empregada, unido por uma relação de poder do mais forte para o mais fraco, embora M.L.B.L. no auto das perguntas que lhes foram feitas, confessasse que:

<sup>83</sup> Dr. Angeline. Entrevista em 3/9/2000.

<sup>84</sup> Inquérito Policial. Delegacia de Costumes de Teresina. Arquivo do TJ; 1959.

No dia cinco de abril do ano findo de mil novecentos e cinquenta e oito, principiou a namorar com José de Sousa Brito, com quem era empregada, que tudo fazia para não contrariar seu namorado, chegando a permitir que ele a desvirginasse, no dia vinte quatro de dezembro último, o que só permitiu devido as suas reiteradas promessas de casamento que até hoje não se cumpriram [...] que o crime se verificou [...] pelas oito e meia da noite, por trás do Hospital Getúlio Vargas; que as relações se repetiram por diversas vezes, algumas no mesmo lugar do desvirginamento, outra, na rua que passa perto do Colégio das Irmãs.<sup>85</sup>

Observa-se pelo depoimento que o ato sexual foi praticado por diversas vezes, em ambiente externo ao lar e com a anuência da “vítima”, ainda que sob promessas de casamento de seu “sedutor”. O exame de corpo de delito comprovou que, de fato M.L.B.L. não era mais virgem. O laudo assinado pelos médicos legistas Humberto Machado Coelho e Epaminondas de Melo Falcão, diz:

Feitos os exames julgados necessários, verificamos a existência do seguinte: a fórmula dentária ainda está incompleta, pela ausência dos quatro últimos grandes molares ou dentes de siso; Nas axilas e no púbis há regular quantidade de pêlos, enegrecidos; os seios mais ou menos desenvolvidos, um tanto flácidos, com auréolas mamárias pequenas, normalmente pigmentados e não há colostro à expressão; os órgãos genitais externos tem desenvolvimento proporcional à idade; o hímen normalmente situado, membroso, é de forma anular, de óstio irregular pela existência de uma ruptura traumática, pequena, incompleta no quadrante posterior esquerdo e outra também incompleta, porém mais larga no quadrante posterior do lado oposto, ambas cicatrizadas, por isso, antigas. Ao exame do ânus, observamos a presença de sinais que evidenciam a prática sodômica, o coito anal por mais de uma vez, observação confirmada pela confissão da examinada.<sup>86</sup>

O exame de corpo de delito era uma peça imprescindível em um processo de crime de sedução ou de estupro, como elemento comprobatório da honra ou ausência desta, representada biologicamente através do hímen, no corpo feminino. A mentalidade social que dava aos homens ampla liberdade sexual e exigia das mulheres a castidade até ao casamento apontando para uma espécie de *himenolatria*.

Todo tipo de acusação moral que ofendesse a honra feminina, por extensão, atingia a honra dos homens que estivessem ligação direta, de parentesco ou afinidade, com a acusada. Em se tratando de uma mulher solteira, supostamente virgem, a recorrência sempre era o exame de corpo de delito, cujo laudo técnico da medicina legal aferindo a manutenção intacta do amém, era tudo que os familiares desejavam, como prova negativa da desonra, ou seja, a honestidade das mulheres solteiras estava circunscrita às marcas fisiológicas da virgindade.

---

<sup>85</sup> Idem, p. 06.

<sup>86</sup> Idem, p. 07. V.



O *crime de sedução* nos remete para a esfera do campo jurídico, onde o casamento era a solução para os malefícios morais decorrentes da publicitação da relação sexual praticada fora dos parâmetros legais do Estado. O matrimônio é, também, a esfera religiosa a reparação para a absolvição do dito pecado carnal. Dessa forma, o casamento civil ou religioso são contratos sexuais, e elementos abonadores, perante Deus e a sociedade, do prazer sexual praticado no âmbito ilícito.

Em seis processos de crimes de sedução pesquisados, constatou-se através do depoimento de cada vítima que a promessa de casamento era a estratégia usada por todos os réus para seduzir as vítimas. Como o casamento, sobretudo para as mulheres dos setores mais populares da sociedade, era o objetivo maior em suas vidas, ceder aos desejos sexuais do namorado e sedutor, poderia ser, também, uma recorrência estratégica para chegar ao casamento, embora forçado, com o homem desejado.

Ao processo em que Brito foi acusado, foi anexada uma carta que provava a inocência dele, na qual, a “vítima” declarava que o acusou sob pressão da família para obter um bom casamento.

Brito todos culpados disso foi minha família, e papai sabendo que você é um bom rapaz queria que eu me casasse com você, então força-me dizer que você era o autor apesar de você ser completamente inocente. Brito muitas vezes tive vontade de dizer, perante o juiz, a verdade, mas sei que eram capazes de me matarem, mas é que agora não posso mais suportar, eu sabendo que você não merece, pois você só fez apenas beijar-me, coisas muito comum.<sup>87</sup>

O Promotor Público na sua função de acusador levantou a possibilidade de que a carta como prova material da inocência de Brito pudesse ter sido forjada, mediante suborno à vítima, para inocentar o acusado, pediu a prisão preventiva do mesmo. A acusação do crime, entretanto, foi desqualificada a partir de elementos apresentados em *Carta Precária* assinada pelo Juiz Dr. Heli Ferreira Sobral, segundo o qual os argumentos utilizados pela defesa comprovavam que a vítima não era menor de idade, sendo sua data de nascimento, por alguma razão, diminuída na *Certidão de Nascimento*. O *crime de sedução* previsto no *art. 217 do Código Penal* só se caracterizaria se tivesse ocorrido o desvirginamento da suposta vítima, e para que isso ocorresse era necessário os seguintes requisitos:

- 1) a virgindade da mulher;
- 2) a sua menoridade, isto é, que tenha menos de 18 anos e mais de 14;
- 3) a conjunção carnal.

*Virgindade*: considera-se mulher virgem aquela que ainda não manteve relações

---

<sup>87</sup> Idem, p. 88

sexuais. O laudo pericial demonstra meridianamente a ausência deste crime, quando afirma:

“A exame do ânus, observamos a presença de sinais que evidenciam a prática sodômica, o coito anal, por mais de uma vez, observação esta confirmada pela confissão da examinada” [...] A suposta vítima dizendo-se seduzida pelo acusado a fim de tirar partido do estado solteiro do mesmo.

- não é uma jovem recatada, nem inexperiente. Indubitavelmente ela não foi seduzida por quem quer que seja no sentido jurídico, conforme afirma a denúncia, eis que a mesma já era uma pervertida, que se rendeu à vista de seus intintos desvairados. [...] A prática sodômica praticada por parte da suposta vítima constante do laudo pericial, revela corrupção de caráter e tão só as donzelas honestas merecem o apanágio da lei. No caso dos autos a vítima assim procedendo, põe em relevo a sua vida depravada.<sup>88</sup>

O *crime de sedução*, segundo os operadores da Lei, não teria se configurado. Faltavam-lhe pelo menos dois elementos para incriminar Brito como réu: a menoridade da vítima e a comprovação de que teria sido ele o desvirginador. A favor de Brito, a defesa usou a carta que ele recebera da vítima inocentando-o, e demonstrando que o namoro que tiveram fora passageiro e superficial, bem como a cicatrização do hímem, segundo o laudo pericial, demonstra que a rotura não era recente, assim como a prática do coito anal.

O corpo da vítima foi neste caso o objeto maior da discussão. Nele estavam impressas as marcas do prazer, as quais foram usadas como provas para enquadrá-lo como corpo pérfido, desonrado, maculado sem pudor; um território de significações plantadas e absorvidas como prova para esvaziar e desqualificar o caráter da vítima. A justiça ali representada pelos operadores da Lei levou em conta apenas o que era lícito, ou seja, a relação sexual vaginal, mesmo ilegal porque ocorrera fora do casamento, mas moralmente aceita como um prazer normal, e condenando o coito anal, qualificando-o como uma perversão que servia para desconstituir de qualquer resquício de pudor e de moral a conduta social da vítima, em toda a sua vida pregressa. As marcas em seu corpo, legalmente comprovadas, denunciavam, segundo o advogado de defesa, a impudência de seu comportamento. O corpo de M.L.B.L., constituído socialmente pelas regras da moralidade, assegurou a ela a sua locomoção, sem maiores problemas, no âmbito da sociedade, como moça-donzela, porém, uma vez decomposto como território de significações sexuais e morais, tirou dela o lugar social, de antes, assegurado. Restava-lhe apenas, o claustro familiar ou o mundo da prostituição, pois seu corpo estava estigmatizado como sendo o de uma meretriz, podendo, entretanto, em ambas as situações, ser moralmente resgatado, através do casamento.

---

<sup>88</sup> Idem,; p. 73

Sob promessa de casamento, em outubro de 1959, Maria Brasilina, com nove dias que namorava um soldado do Exército que servia no 25º BC, conhecido como Dengoso, entregou-se a ele, denunciando-o depois, na *Delegacia de Costumes de Teresina*. Dengoso era casado, pai de três filhos. Segundo ele, Brasilina tinha conhecimento de seu estado civil, mesmo assim, aceitou a proposta de passarem a noite juntos, na *Pensão Santa Maria*, onde se hospedaram como marido e mulher. Dengoso foi enquadrado no *art. 217 do Código Penal, como sedutor*.<sup>89</sup>

Em 1956, o Juiz de Direito da 2ª *Vara de Teresina*, Heli Sobral, recebeu queixa-crime contra Carlos Limeira, estudante de 20 anos de idade. A acusação era feita pelos pais de Antonieta dos Santos, os quais o acusavam de ter seduzido sua filha que era menor de idade.” Em manifesto abuso de confiança e sob promessa de casamento o querelado conseguiu seduzir sua namorada, mantendo com ela relações sexuais completas, segundo o exame de corpo de delito”.<sup>90</sup> Carlos, o acusado, não negou que teve relações sexuais com a vítima, mas alegou que ela não era mais virgem e que:

Apesar dele dizer a ela, Antonieta, que não queria ter relações sexuais, isto só depois que se casasse com ela, como era sua intenção, acontecendo que da insistência da mesma, teve relações sexuais e ficou surpreendido porque ela não era mais virgem, insistiu com a mesma para lhe revelar o autor de seu desvirginamento, ela não quis revelar...<sup>91</sup>

O exame de corpo de delito atestou que o desvirginamento não era recente, visto que o hímem “apresentou três roturas incompletas e cicatrizadas (...) ao exame do ânus observamos sinais que comprovam o coito anal por várias vezes”. O laudo pericial apontava para duas possibilidades: a vítima poderia ter sido desvirginada por outro homem há bastante tempo; ou o próprio namorado, Carlos, poderia ser o autor do defloramento, sendo, a partir de então, o relacionamento sexual (vaginal ou anal) um hábito entre ambos há alguns meses.

O processo que teve Petrônio Portela Nunes como advogado de acusação, apesar da negativa do crime no depoimento do réu e a apelação de absolvição feita pelo Defensor Dativo, o Juiz do processo Heli Sobral, notificou Carlos como réu, enquadrando-o no *Art. 217 do Código Penal*.

Como o casamento era a solução moral e legal para todo caso comprovado de crime de sedução, houve um caso em 1957, em que o sedutor lançando mão da estratégia de promessa de casamento, elemento comum em todos os processos-crimes desse tipo de delito,

<sup>89</sup> Inquérito Policial – Delegacia de costumes de Teresina. Autuação, em 22.10.1959. TJ-PI/ Teresina. P. 2-9

<sup>90</sup> Processo-crime: sedução. Juízo de Direito da 2ª Vara de Teresina. P. 1-3.

<sup>91</sup> Processo-crime: Sedução – Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca de Teresina. TJ-PI; p. 21.

o réu prometeu o irmão para casar com a vítima. E esta, aceitou o pacto, cedendo os desejos libidinosos do sedutor.

Josué começou a seduzí-la, falando-lhe em prática sexual, prometendo que daria um irmão para casar com a ofendida [...] até que um dia, não havendo ninguém em casa, Josué derruba-a sobre a cama e conseguiu manter relações sexuais com a ofendida [...] que em consequência, muitas vezes ainda manteve relações sexuais com Josué.<sup>92</sup>

A aderência da vítima aos desejos libidinosos do acusado, ainda que sob a promessa de casamento, mostra, através dos depoimentos arrolados no processo, que há, também, por sucessivas vezes, a manifestação explícita de desejo e prazer sexuais femininos, ou seja, a negativa sobre o que se atribui à relação sexual: uma prática prazerosa unilateral, masculina. Em alguns processos dessa natureza, as “vítimas”, foram acusadas pelos réus de serem elas as verdadeiras sedutoras, insistindo com eles no convite para a prática libidinoso.

O coito anal, identificado nos laudos periciais dos exames de corpo de delito, na maioria dos processos, demonstrava que este, embora considerado uma perversão, era um prática freqüente nos relacionamentos sexuais ilícitos. Ou, hipoteticamente, podia ser uma recorrência anticonceptiva, já que a sodomia feminina não podia ser considerada um prazer alternativo e estratégico à preservação da virgindade da mulher, porque em todos os casos em que os corpo femininos foram periciados constatanso-se sinais que denunciam a relação sodômica, fora também constatado o desvirginamento. Pode-se então inferir que o coito anal era um tipo de prazer recorrente entre os casais, sem o perigo de concepção.

O corpo desonrado porque fora bolinado, sexualmente desvirginado era estigmatizado como uma mácula no seio familiar, envolvendo parentes de consangüinidade bem como aqueles por afinidade. A perda da virgindade de uma mulher não reparada através do casamento, manchava a imagem e a identidade pessoal, familiar e social. “A honra é um sentimento natural, inerente a todo homem e cuja ofensa produz uma dor psíquica, um abalo moral, acompanhados de atos de repulsão ao ofensor.(ARANHA, 2000, p.2).<sup>93</sup>

O sujeito desonrado, mesmo que fosse indiretamente, não aceitava ter sua imagem comprometida publicamente. Era envolvido por um sentimento de aversão ao ofensor, chegando, em alguns casos a cometer crimes de lesão corporal ou homicídio, na tentativa de lavar com sangue a própria honra.

Um caso dessa natureza, dentre tantos ocorridos em Teresina nos anos 50, foi o assassinato de Domingos Romão, por Graciano José da Silva, com um golpe de faca “na face

<sup>92</sup> Processo-crime: Sedução – Inquérito Policial – Delegacia de Transito e Costumes. TJ-1956; p. 8

<sup>93</sup> ARANHA, Adalberto José Q. T. de Camargo. Crime Contra a Honra. 2000; p. 2

posterior da coxa direita, mais ou menos dois dedos abaixo da prega glútea.<sup>94</sup> O fato aconteceu por volta das dezesseis horas do dia 19 de julho de 1959, ao lado de um campo de futebol no bairro Poti Velho, quando ali se iniciava uma partida entre *Poti Velho x Buenos Aires*. Segundo o *Auto de Prisão* em flagrante, assinado pelo Delegado Olímpio Castro de Oliveira, o réu em seu depoimento alegava que:

Domingos Romão havia desvirginado uma cunhada maior de Graciano, há seis meses, e por esta razão o acusado ficou queixoso, pois além do crime de defloramento que praticara Romão, vivia este, fazendo comentários desagradáveis contra a família do rapaz acusado.<sup>95</sup>

Observa-se que a forma como os homens externavam a sua honradez era traduzida como um sentimento de dignidade pessoal, que deveria ser reconhecido no meio social, como garantia de uma boa reputação. A honra, dessa forma, era concebida como um patrimônio moral e pessoal que se consolidava pelo reconhecimento deste através das relações sociais de domínio público. Portanto, atentar contra este patrimônio era considerado crime contra a honra, e por ela os homens eram e ainda são capazes de matar.

### 3.2 Doenças do Mundo

Nas décadas de 1930 a 1950, a *Diretoria de Saúde Pública do Piauí* apresentou vários relatórios sobre as condições de saúde da população urbana e rural de Teresina. São dados sobre as doenças com maior ou menor incidência, a quantidade de pessoas infectadas, bem como os procedimentos adotados pelos médicos e outros profissionais da Saúde. O que mais chamou atenção nesta documentação acerca da saúde dos teresinenses foram as informações reveladoras do alto índice de pessoas infectados com doenças venéreas. Um fato plausível de reflexão para uma abordagem histórica.

Convém lembrar, que somente há pouco mais de duas décadas, foi que os historiadores começaram focar as doenças como objeto de suas pesquisas. O conhecimento que se tinha até então, era fruto das pesquisas médicas ou das Ciências Sociais, produzido, respectivamente, por infectologistas e sociólogos ou antropólogos. Com a ampliação do conhecimento histórico e o enfoque de novos objetos, foi que os historiadores atentaram para a possibilidade de realizar uma história do corpo, vinculando a esta, a história das doenças.

---

<sup>94</sup> Auto de Exame Cadavérico. Inquérito Policial – Delegacia de Segurança Pessoal e Ordem Pública de Teresina– PI; 1959; p. 7 - V

<sup>95</sup> Doc. Citado. p. 5

“O corpo sofredor transformar-se-ia em objeto privilegiado dos historiadores”, pontua Jacques Le Goff (1997, p. 7), ao apresentar a obra *“As Doenças têm História”*.

Nessa perspectiva, corpo e doença são objetos indissociáveis de uma mesma abordagem, atravessados pela cultura de cada sociedade e épocas distintas, o que faz com que o corpo, historicamente concebido, se constitua num campo complexo e subjetivo, servindo de base para compreensão de outros aspectos da vida humana como a sexualidade, a religião, o esporte, a moda, a moral e o pudor.

Na nossa cultura concebe-se a imortalidade da alma, mas o corpo, na sua dimensão biológica é mortal e mutável, submetido aos ciclos naturais que os torna vulnerável a doenças causando-lhes desequilíbrios ou interdição definitiva da vida. A doença faz parte da vida humana e tem a história que lhe é atribuída pelo homem. Diz Sournia (1997, p. 359) que “a doença não existe em si, é uma entidade abstrata à qual o homem dá um nome. A partir das indisposições sentidas por uma pessoa, os médicos criam uma noção intelectual que agrupa os sintomas de que sofre o paciente e passa a nomeá-los e classificá-los como doenças: *sífilis, peste, cancro, lepra, tísica, gonorréia, AIDS*, etc.

E o que seria então a saúde? Seria apenas a ausência de doença ou o estado do corpo em total equilíbrio físico e mental? Desde 1946, que a *Organização Mundial de Saúde* (OMS) reconheceu oficialmente, que “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de distúrbios ou doenças”(MOURA, 1987, p. 43). Paradoxalmente, saúde e doença, são categorias de análise cultural dentre as inúmeras possibilidades de se conhecer o corpo, historicamente concebido em cada sociedade.

Território biológico e também de significações simbólicas, o corpo, sadio ou doente, numa sociedade que pretende ser disciplinar, assume uma dimensão moral diante do desejo de se manter um corpo social sadio. Com esse fim, criam-se, através de saberes, poderes e técnicas, maneiras de controlá-lo socialmente. As pesquisas recentes apontam para a “permanência de três medos muito antigos: o medo da doença, o medo da dor e o medo da desumanização das aparências.”(SANT’ANNA, 2001, p. 5). Além da família e o meio social, é através do Estado, gestor maior da saúde, que são revelados dados sobre o estado de saúde da população, que informa a sociedade, mas também causa-lhes preocupação.

Em 1932, o *Ambulatório e Dispensário do Hospital de Caridade de Teresina*, apresentou relatórios sobre diversos aspectos referentes a pacientes infectados por doenças venéreas: consultas, curativos, amputações, cirurgias e outras práticas médicas. O dado mais alarmante foi o número de pessoas infectadas ali atendidas, em relação a outros tipos de

doenças. Foram 12.128 consultas a doenças venéreas e apenas 7.656 a doenças não venéreas.<sup>96</sup> Diante desses dados, poder-se-ia inferir que a cidade, naquele momento, vivia uma epidemia desse tipo de enfermidade. Conforme o documento, assinado pelo Dr. Jarbas de Sousa Martins, Inspetor Sanitário, tudo leva a crer que já havia conhecimento da gravidade do problema por parte das autoridades, constituindo-se uma preocupação maior que exigia cuidados especiais, a tal ponto das *doenças venéreas* constituírem-se num grupo destacado dos relatórios de saúde. Como também o fato, da *Santa Casa de Misericórdia* ter criado o *Dispensário Área Leão*, com o objetivo de cuidar, exclusivamente, desse tipo de enfermidade. Ali encontravam-se matriculados 1.502 pacientes infectados com *sífilis*, *gonorréia* e *cancro venéreo simples*, os quais exigiam cuidados maiores. A demonstração por sexo é a seguinte:

- <u>Doentes matriculados</u> .....	1502
- <u>Sífilis</u> : - homens .....	586
- mulheres.....	686
- crianças .....	01
- <u>Gonorréia</u> : - homens .....	156
- mulheres.....	60
- <u>Cancro venéreo simples</u> :	
- homens.....	11
- mulheres.....	02

Tab. 1 Demonstrativo de doenças venéreas

A *sífilis*, que na segunda metade do século XX, tornou-se uma patologia fácil de ser curada, naquela época, era a doença sexualmente transmissível que mais infectava a população. Doença perigosa, mas não tão fácil de ser diagnosticada, devido ao seu período de incubação (2 a 5 semanas) e aos sintomas, no primeiro momento, banalizados pela maioria dos pacientes. Uma simples ferida, sem dor, geralmente na área genital do homem ou da mulher, não era motivo de preocupação. A ferida desaparecia, mas a doença continuava a se espalhar pelo corpo. Semanas ou meses depois, novos sintomas apareciam: febre baixa, dor de garganta, feridas na boca, queda de cabelos, carocinhos, erupção na palma das mãos e planta dos pés. A doença atacava qualquer parte do corpo, como o coração, provocava paralisia, loucura e outras complicações (WERNER, 1984, p. 237-8). O quadro abaixo demonstra o porque da preocupação das autoridades, com esse tipo de enfermidades.

<sup>96</sup> Relatórios Diversos – Diretoria de Saúde Pública. Teresina-PI. Arquivo Público; Códice 1424

## ANO DE 1942

<b>Doenças</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>	<b>Total</b>
Sífilis Aberta	17	10	23	22	30	31	37	31	26	24	27	26	304
Cancro Mole	8	20	17	15	14	9	19	14	18	24	18	22	198
Granuloma Venéreo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Gonorréia	21	16	40	23	31	45	26	24	27	27	15	23	318
Nicola Favre	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Helmintoses	31	13	21	37	34	48	30	13	16	28	21	34	326
Lepra	2	0	1	2	0	0	2	0	0	0	0	0	7
Tuberculose	8	6	17	19	5	7	8	8	7	3	8	4	100
Sarampo	2	2	35	10	9	21	5	0	1	0	0	0	85
Varíola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Difteria	9	0	5	2	1	4	1	2	1	0	0	0	25

Tab. 2 Fonte Secretaria de Saúde – Relatório da Santa Casa de Misericórdia

Em todos os relatórios o número de mulheres infectadas é superior ao de homens. Hipoteticamente, uma das explicações para esse fato, seria a anatomia do órgão genital feminino, dificultando à própria mulher perceber os primeiros sinais sintomáticos. Por esta razão, muitas mulheres passavam mais tempo que os homens para perceberem que estavam infectadas.

Em relação à *gonorréia*, a segunda doença que mais infectava a população, o número de pacientes do sexo masculino excedia ao do sexo feminino. Os sintomas para os homens eram precocemente percebidos: dor ao urinar, gotas de pus no pênis, dificuldade em urinar e, às vezes, febre. Enquanto as mulheres, inicialmente, podiam não sentir nenhum sintoma. Com algum tempo, podiam sentir um pouco de dor ao urinar ou ter um pequeno corrimento vaginal. No homem, o período de incubação varia de 2 a 5 dias ou mesmo 3 semanas, após o contato sexual com a pessoa infectada; na mulher, podem passar anos, antes que apareça algum sinal, no entanto, durante esse período, ela é uma transmissora da doença (WERNER, 1984, p.236). Alguns pacientes eram, simultaneamente, portadores e transmissores dos dois tipos de infecção, o que complicava ainda mais seu tratamento.



## ANO DE 1943

<b>Doenças</b>	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>	<b>Total</b>
Sífilis Aberta	35	44	18	7	18	16	26	23	58	78	57	82	467
Cancro Mole	19	22	27	11	13	9	14	6	28	18	26	19	212
Granuloma Venéreo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nicolas Favre	0	4	3	3	3	1	2	0	6	3	2	8	35
Helmintoses	26	34	13	9	16	16	20	4	4	3	0	9	55
Gonorréia	44	50	34	12	37	24	48	34	43	29	34	49	438
Malária	0	0	0	1	10	11	13	3	9	0	4	0	55
Lepra	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Tuberculose	5	10	10	2	4	4	8	13	9	5	5	6	81
Tifóide e Paratifoide	11	19	3	3	3	3	8	23	45	30	7	2	157
Sarampo	0	0	0	0	0	1	1	10	4	2	0	0	18
Difteria	1	3	1	2	1	2	2	2	1	1	0	1	17

Tab. 3 Fonte Secretaria de Saúde – Relatório da Santa Casa de Misericórdia

O *cancro venéreo simples*, ou *linfogranuloma venéreo* era, dentre as doenças venéreas, a infecção com menor incidência na população teresinense. Esta é uma patologia que ataca os nódulos linfáticos na região pubiana, se manifestando através de “gânglios linfáticos inchados, grandes e escuros na virilha que se abre para sair pus, fecham-se e se abrem novamente. Ou feridas doloridas no ânus e que purgam”.(WERNER, 1984, p. 238).

Outros procedimentos médicos, tomados naquele ano, demonstram a gravidade do problema causado pelas doenças sexualmente transmissíveis em relação a outras enfermidades:

- curativos a venéreas .....	5.671
- outros curativos.....	3.975
- Injeções mercuriais .....	7.328
- Injeções de 914 .....	371
- Outras injeções.....	2.927
- Pequenas intervenções cirúrgicas .....	30

Tab. 4 Procedimentos médicos – Santa Casa de Misericórdia

Outros procedimentos:

- Extirpação de elefantíases dos grandes lábios .....	6
- Inversão da vagina .....	2
- Reparação de fístulas vesico vaginais.....	7
- Curetagem uterina.....	2
- Curetagem de úlceras; curetagem e drenagem de fístulas; destruição de vegetação do pênis, grandes lábios e ânus; operações de fimose e parafimoses; excisão de pterígios e outras pequenas intervenções.....	27

Tab. 5 Pequenas intervenções cirúrgicas e outros procedimentos Fonte: Santa Casa de Misericórdia de Teresina<sup>9</sup>.

Existiam casos de enfermidades venéreas ou não venéreas em estado clínico avançado em que o saber médico tornava-se impotente para curá-lo, a não ser amputando o órgão do paciente. No ano de 1932, vejam quantos membros foram amputados, como conseqüências de doenças venéreas e outras enfermidades.

#### Amputações:

- perna.....	1
- braço.....	1
- <b>pênis.....</b>	<b>5</b>
- artelho .....	1
- polegar .....	1
- seio.....	1

Tab. 6 Amputações – Santa Casa de Misericórdia

O constrangimento de estarem infectados por doenças sexualmente transmissíveis era a razão de muitos homens, principalmente jovens, protelarem por muito tempo a decisão de revelar a alguém o seu estado de saúde e buscarem recursos médico-hospitalares. Quando isto ocorria, em muitos casos, já era tarde demais. A rusticidade da *práxis* médica no campo da infectologia venérea, entretanto, não desqualificava o poder do hospital: “instrumento terapêutico, instrumento de intervenção sobre a doença e sobre o doente, instrumento suscetível, por si mesmo ou por alguns de seus efeitos, de produzir

cura;”(FOUCAULT,1996, p. 99), ou seja, quando não era possível interditar e curar a infecção, através de aplicação medicamentosa no paciente, e no caso de ser o pênis a parte anatômica visivelmente mais afetada pela moléstia, a recorrência médica era a amputação.

A negação do cuidado de si, no sentido de prevenir-se contra esse tipo de doença, resultava em mutilação, através de intervenção cirúrgica, do órgão que, nas sociedades de cultura judaico-cristã, é a representação maior da masculinidade no corpo humano. Literalmente, um exemplo de *corpo sem órgão*; uma desconstituição do corpo masculino da sua função sexual e procriadora, caracterizada pela impotência, tanto do ponto de vista médico-legal quanto do ponto de vista religioso-cristão. A impotência para o cristianismo católico não significa apenas a ausência de ereção do pênis, mas também a incapacidade de penetração e de fecundação, através da ejaculação, já que a fecundação artificial era e ainda é condenada pela Igreja.

Uma anomalia que situa o indivíduo fora das normas fixada por Deus e pela sociedade. A impregnação falocêntrica é, aliás, tão forte que se traduz pela imperiosa necessidade de falar, antes de tudo, do homem viril. Sistemáticamente, opõe-se o normal ao anormal. No centro dessa dialética, um duplo objetivo: tranquilizar/culpabilizar. Definir as normas no interior das quais todo homem poderá se afirmar potente e, em oposição, integrar, a partir desse estágio preliminar, o impotente em uma “estrutura de exclusão”.(DARMON, 1988, p. 28-9).

Numa sociedade de consistente base machista e de valorização da representação falocêntrica onde a anatomia e funcionalidade do pênis são expressão de virilidade, *um corpo sem órgão*, mutilado, não representa apenas uma perda de uma parte anatômica do corpo, mas também da alma, segundo a idéia aristotélica de que “ a alma é a “forma” do corpo, o seu princípio dinâmico. A alma é, portanto, ligada ao corpo. E este, por sua vez, é composto de alma e matéria”.(SANT’ANNA, 2001, p. 8).

O corpo marcado pela doença venérea era estigmatizado pela sociedade, em decorrência da dimensão moral que a sociedade atribuía a esse tipo de doença, relacionando - a à libertinagem. As sanções ao comportamento sexual, sobretudo de homens jovens ocorriam, muitas vezes, no interior da família e fora dela, o que era bastante traumático para qualquer indivíduo que viesse a contrair alguma *doença do mundo*. As mais comuns, além da sífilis, eram a *gonorréia* e *condiloma venéreo*, popularmente conhecido como *cavalo de crista*. O tratamento era, físico e moralmente, muito doloroso, como relata o Dr. Angeline:

As doenças que se pegava era *cavalo de crista* e *blenorragia*.[...] O *cavalo de crista* é o *condiloma venéreo*. Era tratado da forma mais brutesca que pode existir: era com *Ácido Fênico*, pingando o ácido fênico em cima. Caía imediatamente, mas ficava a ferida... Um buraco terrível.[...] E depois passaram a tratar com *podocilina*, solução de *podocilina*, que ainda hoje existe. A

*blenorragia* era uma infecção bacteriana que atacava principalmente a *próstata*. Então se tratava...Naquela época não existia antibiótico, o que existia era *prodijetório*. Naquele tempo, era a medicação salvadora; mas, era uma medicação para animal, pra cavalo.[...] Era injetável. Dava uma febre de quarenta, quarenta e um graus, como reação. Era uma coisa horrível, horrível, horrível mesmo! Então existia, também na época um profissional de idade mais antiga que pegava um dente *de alho*, picotava ele com um alfinete ou com uma agulha de costura e colocava no reto do paciente...Que dava uma febre de quarenta graus. Aí, se matava essa infecção. Era o que se fazia na época.



Foto 11 *Santa Casa de Misericórdia de Teresina*  
*Pé de Jasmim, com mais de um século (1860?).*  
*Ao lado da Estátua de Nossa Senhora de Fátima*



Foto 12 Dr. Jarbas de Sousa Martins. Médico e Diretor da Santa Casa de Misericórdia de Teresina. Primeiro anestesiologista do Piauí

A rusticidade dos métodos tornava o tratamento mais doloroso, além do constrangimento moral perante a sociedade, que muitos jovens sentiam ao tomarem conhecimento que sua condição de infectado já não era mais segredo; ou ainda, quando tinham que expor ao médico e enfermeiros, os órgãos genitais lesionados por *doença do mundo*.<sup>97</sup> Quando a doença era a *gonorréia*, o problema ainda era maior.. Muitos evitavam a recorrência médica, em face do preconceito aumentando o constrangimento devido a uma das práticas médicas curativas, que consistia em introduzir o dedo no ânus do paciente para massagear-lhe a *próstata* até estourar uma espécie de calo que ali se formava,

ou se colocava uma sonda de balão – não existia sonda de fole – pra lavar a bexiga com essa sonda...dava uma febre violentíssima de trinta e oito graus. [...] massageava-se a próstata pra quebrar o calo da próstata...o paciente passava o tempo todo urinando sangue e pus, e com dores na micção. Isso foi por muitos

<sup>97</sup> Era o termo na linguagem popular que se usava para referir a doenças venéreas.

anos. Quando surgiu o antibiótico, só vinha pra classe média alta. Eram umas injeções que se dava de uma hora em hora.[...] era *penicilina G cristalina*...não existia um remédio para reter o antibiótico no organismo. Cavalos de crista, era *nitrate de prata*...era um lápis de *N.P.* pra se queimar todo dia. Eles escondiam tanto que era, às vezes, até preciso se amputar o pênis,<sup>98</sup>

O sistema de saúde era público e sempre voltado para a medicina curativa, nunca pára a prevenção. O atendimento médico–hospitalar era exercido pelo *Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Teresina*, entidade que fora fundada em Oeiras, em 1849, e transferida dois anos após para a nova capital. Os “atendimentos iniciais, de acordo com os registros estatístico de ordem epidemiológica, foram de *febre amarela, catarro pulmonar, sífilis e úlceras sífilíticas, reumatismo e sesões.*”(GUIMARÃES, 2001 p.7). Embora funcionando em condições precárias de atendimento, a *Santa Casa* cumpriu uma função importantíssima para Teresina, graças à boa vontade de médicos, irmãs de caridade e enfermeiros, até 1941, quando foi inaugurado o *Hospital Getúlio Vargas*.

Diante de tal quadro, as autoridades sabiam que o problema da saúde pública, especialmente o relacionado à vida sexual, era obra desafiadora que requeria esforços múltiplos e concentrados, não somente no âmbito de práticas curativas, mas sobretudo na conscientização da população em relação a seus hábitos e higiene. Trecho do relatório do Diretor de Saúde Pública enviado ao Secretário Geral do Governo Landri Sales, apontava neste sentido, quando dizia que:

Era preciso, primeiro que tudo, transformar o conjunto do pessoal em um só bloco de entusiastas pelas vantagens incontestes dos serviços e assim podermos marchar coesos na estrada do progresso; convencer porém ao povo, em geral atrasado, em serviços de higiene, não é obra fácil, apesar de sua índole boa e tolerante. [...] Procuramos primeiro fazer um serviço de propaganda intensiva, distribuindo normas e conselhos úteis à boa saúde.<sup>99</sup>

As medidas tomadas pelo poder público, ao que tudo indica surtiram um efeito positivo, pois pelo primeiro relatório do movimento, dos anos de 1933 a 1937, do *Posto de Saneamento Rural – Seção “João Virgílio”*, apresentou uma queda no número de pessoas infectadas.

<sup>98</sup> Angeline.. Entrevista em 3/9/2000.

<sup>99</sup> Arquivo Público do Piauí. Códice 1424

DOENÇAS	PACIENTES	1933	1937
Syphilis	Homens	467	366
	Mulheres	697	481
	Crianças	8	33
Gonorréia	Homens	56	61
	Mulheres	30	65
	Crianças	-	

Tab. 7 Inspetoria de Prophylaxia das Doenças Venéreas<sup>100</sup>.

Observa-se que nos pacientes adultos, no caso da sífilis, o índice reduziu, prevalecendo o número de mulheres infectadas. No caso da gonorréia o índice aumentou. Entretanto o fato que mais mereceu atenção foi o crescimento da quantidade de crianças com sífilis. Ainda que não se possa explicar, cientificamente, a razão desse fato, uma das possibilidades teria sido a transmissão congênita pelos pais infectados

A doença pertence não somente a história dos saberes científicos e tecnológicos como também à crença inveterada na eficácia de outras práticas de cura do corpo doente: rezas, chás de ervas, garrafadas e outros. Como também se acreditava em formas de contaminação e técnicas para evitar doenças, que a ciência não reconhece. O imaginário coletivo povoado de elementos que constituem a base da cultura popular está relacionado aos hábitos e costumes dos membros de uma sociedade. O indivíduo e a sociedade associam a seus comportamentos, racionalidade e afetividade, mas também, ingenuidade, religiosidade e até charlatanismo. Portanto, estudar o corpo infectado por doenças venéreas em Teresina no período em foco, remete à necessidade de se conhecer um pouco dos hábitos e crenças dos teresinenses a esse respeito. A começar pela linguagem popular: as doenças sexualmente transmissíveis eram chamadas “doenças do mundo”, numa menção direta à prostituta, também chamada de “mulher da vida” e considerada a principal responsável pela transmissão de tais

patologias, as quais eram conhecidas por nomes bastante pitorescos como, *esquentamento*, *cavalo de buraco e cavalo de crista*, *chato*, *fubila*, *mula* etc.

Desde a necessidade de informação sobre as doenças e de noções de higiene do

---

<sup>100</sup> Ide; Idem.

corpo, reclamada pelas autoridades, até o local da prática do coito, têm relevância para essa compreensão. Mesmo os cabarés, chateaus e rendez-vous da zona boêmia mais famosa em Teresina, a Paissandu, não possuíam instalações sanitárias adequadas à higiene do corpo, após o ato sexual. Como diz o Sr. Antonio Alves de Sousa,

Existia muita doença. Logo não se tinha asseio... Nos próprios prostíbulos onde se ia pegar mulher, não tinha banheiro, era tudo na base da bacia, da coité. Lavava um, lavava outro... Outro era só passar o pano e pronto.<sup>101</sup>

O perigo maior existia para aqueles que faziam sexo nos matagais, não apenas pela possibilidade de contrair *doença do mundo*, mas à própria integridade física, além de situações constrangedoras, como afirma um outro entrevistado que atende pelo nome de Carrola. Diz ele que as prostitutas que habitavam fora da zona, como no Morro do Urubu:

Fazia sua cama no mato, de caixa velha ou papelão. Quem chegasse podia usar. O tipo de cliente era rapaz novo, sem muito conhecimento que não podia freqüentar cabarés mais movimentados. Ía lá, pagava uma quantia mais barata. Às vezes, chegava um outra “carga torta”, puchava uma faca e botava você para correr. Você corria nu, deixava a roupa lá...<sup>102</sup>

Algumas instituições estatais colaboravam com as medidas de controle profilático contra a expansão de doenças venéreas. O *Setor de Saúde do 25º Batalhão de Caçadores* distribuía mensalmente uma pomada para os soldados usarem antes da relação sexual, como forma de evitar a contaminação de alguma doença sexualmente transmissível. Mas havia também aquele tipo de informação pitoresca, que era passada aos soldados em tom de gozação, mas que era seguida por alguns, afirma seu Antonio:

Você pode meter o dedo lá e cheira, se tiver com aquele cheirinho de sebo ardido e tal, você não entra não... Agora se tiver com cheiro de jatobá, aquela fruta que tem no mato que a gente come, pode entrar que não tem nada. Ensinavam também, depois da relação, apertar o membro ali, e botar força para urinar para sacar alguma doença que tivesse.<sup>103</sup>

Das inúmeras vias que um determinado grupo social cria como forma de conhecer e controlar o corpo, a culinária é um desses meios, identificados em Teresina dessa época. Ajudava não somente no tratamento ou agravamento das doenças do mundo, como também a identificar quando uma pessoa, sobretudo os homens jovens estavam infectados com esse tipo de doença. Quando um rapaz recusava-se a ingerir certos alimentos como carne de porco, peixe, abóbora, pato e outros, era porque, certamente estava com alguma

<sup>101</sup> Antônio Alves de Sousa, em entrevista em 15/07/1999

<sup>102</sup> Francisco Alves de Sousa em 12/09/2000.

<sup>103</sup> Antônio Alves de Sousa, em entrevista em 15/7/1999.

doença do mundo. Carrola relembra o caso de um jovem que veio a óbito em consequência de não ter se curado, a tempo, de uma *doença do mundo*:

O nome era Osvaldo, conheci. Morreu de doença do mundo, porque ele não tinha resguardo na boca. Ele comia tudo. O sujeito falava, mas ele comia tudo: era porco, era pato, era tudo. Aquilo tomou conta do corpo dele, quando ele pensou que não...<sup>104</sup>

Mas a medicina popular sempre esteve presente em todas as sociedades. Pessoa simples, sem instrução costumam produzir remédios para os mais diversos tipos de doença, Dona Honorata que foi freqüentadora da Paissandu, como mulher e como trabalhadora, o que lhe rendeu alguns conhecimentos de como curar algumas *doenças do mundo*, como *esquentamento* (gonorréia) e *mula* (cancro). Para a primeira, segundo ela, a *raspa da raiz de juá*, tirada do lado que o sol nasce, colocada no sereno com um pouco de sal, batido na manhã seguinte, o doente ingere com água e expele toda a doença através da urina. Para mula (cancro), diz ela,

a paulista se parte em quatro partes, se bota um quarto 30 minutos de molho, bate com colher; apanha a espuma botando fora nove vezes; junta com uma dose de cana, três dedos, e dá pra pessoa beber. Desaparece a doença, a pessoa mija todinha.<sup>105</sup>

Além de ser um território de retenção de significações morais, religiosas, políticas, econômicas e éticas que possibilitam a leitura de diversas linguagens, o corpo é um campo de práticas medicinais (científicas e populares) na história de cada povo.

Apresentando a sexualidade como um dispositivo, Michel Foucault indaga: “por que o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu ao silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através da repressão?” (FOUCAULT, 1997. p. 76-7). Tal indagação nos remete à necessidade de considerar que toda sociedade repressora tem a vontade de manter o corpo sob controle, visando, sobretudo, livrá-lo de doenças e mantê-lo disciplinado sexual e moralmente. O corpo sexualmente doente, além da dimensão clínica assume também uma dimensão moral, dada às significações que, historicamente, são atribuídas às doenças no interior de cada sociedade.

Do discurso médico moralizador, herdado do século XIX, a sífilis bem como a gonorréia e outras doenças venéreas estavam estritamente vinculadas à prostituição e o

<sup>104</sup> Francisco Alves de Sousa em entrevista em 12/9/2000.

<sup>105</sup> D. Honorata Pereira dos Santos, em entrevista em 7/7/2000.



infectado enquadrado na condição de depravado, pervertido e pecador, desajustado às leis da normalidade do corpo e da alma. “*Prisão da alma, sede dos desejos sexuais, o corpo torna-se um „espaço“ suspeito*”(SANT’ANNA, 2001, p. 17), volúvel aos instintos em detrimento da racionalidade. As doenças do mundo, fruto da irracionalidade, que buscava apenas a realização dos desejos, eram vistas como doenças não apenas do corpo, mas também da alma. E a prostituta, o agente propagador que levava o homem à degradação física e moral.

Entretanto, a prostituição pública ou clandestina, era considerada um mal, mas um mal necessário à preservação da virgindade das moças de família e, por extensão, a honra e a afirmação da virilidade masculina. A ausência dela, certamente levaria a aumentar os crimes de sedução e estupro, também vinculados à idéia de desequilíbrio, tara e depravação.

Muitos jovens “desciam” a Paissandu à procura de relações ilícitas e entretenimento, outros, menos afortunados, procuravam, com o mesmo fim, outras zonas, como o *Morro do Querosene*, o *Moio de Vara*, ou algum cabarezinho, dentre tantos, fora da zona, espalhados pela cidade. Adoecer, entretanto, com *doença do amor*, era motivo de reprovação, discriminação, constrangimento e repressão, a partir da própria família. Eis a razão, porque muitos homens escondiam a doença, dos amigos e até da própria família, buscando ajuda a quem, certamente, que não ria lhes discriminar, geralmente, um farmacêutico, o qual receitava-lhes alguma droga e uma dieta alimentícia. Além da idéia de depravação, a sociedade discriminava-os, também, baseada na crendice que gerava o medo de contágio, no sentar e até no aperto de mãos.

A repressão partia também do próprio Estado. O Exército, por exemplo, não admitia que um militar se contaminasse. Para isso, ensinavam-lhes técnicas, distribuía medicamento a fim de evitar a contaminação. E se algum mltar fosse infectado, após ser atendido e medicado na enfermaria do quartel, era punido. Tudo, resquícios da moral cristã e do discurso médico higienista da segunda metade do século XIX. Engel.(1988, p.73), analisando os significados das doenças e da prostituição, nesse período, diz que a prostituição era “concebida como espaço da sexualidade doente, como lugar das perversões; e a do casamento, concebido como instituição higiênica e único espaço da sexualidade sadia”. Sexo ilícito, mal necessário, ou doença da alma, a prostituição tem no corpo o território de sua prática que muda na sua forma, mas não na sua essência, e que se constitui num campo complexo de informações que merece ser visitado pelos historiadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou convicto que não me contentaria pesquisar a cidade vista apenas de cima e do centro, com suas edificações modernas e/ou neoclássicas, com seus habitantes bem vestidos, impregnados de poderes, produzindo e reproduzindo um discurso moralista onde as pessoas eram focadas como se fossem seres assexuados, imune aos desejos e despossuídos da libido que aflora nos corpos fazendo-os ceder a prática de prazeres carnavais e ilícitos.

Para ver o “invisível”, o não dito, o periférico, o marginal e o “imoral”, percorri caminhos sinuosos para compreender que a noite cai como um véu negro e envolve a cidade onde pessoas e objetos criam condição para que se atribua a eles outros significados, designando-lhes outras funções. Foi assim, que pude compreender a cidade noturna: um campo de subjetividades. Dos lugares românticos, de práticas lúdicas aos ambientes marginais de práticas ilícitas, os sujeitos estavam sempre estabelecendo relações diversas, às vezes perigosas, movidas pelos desejos, construindo identidades. Entretanto, apesar da liberdade de expressão, produzindo um debate democrático, aberto em vários lugares da sociedade, e ser o sexo a razão de quase tudo, as discussões sobre ele ainda são direcionadas, prioritariamente para o âmbito da repressão, negligenciando outros aspectos como desejo, poder e prazer.

Devido a banalização expressa, ocasionalmente, através de tantos discursos orais no meio acadêmico, certamente, a história que produzi ainda será vista por alguns, mais pudicos, como um conhecimento menos importante, em relação aos discursos que envolvem, prioritariamente, os grandes intelectuais e artistas da elite. Aliás, dessa forma, a história da cidade e da sociedade que nela habita, seria menos interessante, se não pudéssemos conhecer os sujeitos que, entre moças donzelas, grandes chefes de família, políticos e intelectuais, transitam desconstruindo a ordem estabelecida, produzindo transgressões, desafiando os defensores da moral e dos bons costumes. Cafajestes, meretrizes, malandros e gigolôs, são apenas alguns dos sujeitos que fazem da noite o seu tempo de ação, da zona e da periferia o seu lugar ideal, construindo identidades.

É notório que mesmo não havendo uma delimitação do espaço urbano em relação à atuação de sujeitos de perfis tão diferentes, observa-se uma segregação na cidade entre o centro e as margens. E também, a partir dos territórios da prostituição, onde os sujeitos (prostitutas e clientes), de acordo com seu perfil econômico, atuam em espaços

diferenciados, embora estes estejam, interligados através de diferentes estratégias, em busca do prazer.

Nesse contexto seria um equívoco situar socialmente a prostituta apenas na perspectiva da violência, da exclusão, sendo vítima do mundo e de seus próprios atos. Ao contrário, para muitas, a prostituição foi uma opção e não se arrependem de terem seguido o caminho inverso àquele que toda família desejava para suas filhas: um bom casamento e um bom marido que lhes assegurassem o sustento para o resto da vida. Não se aceitava que uma filha não seguisse o modelo de vida que não fosse o tradicional: casar virgem e ser uma boa esposa e uma boa mãe. Na mentalidade da época, esse era o único e verdadeiro modelo de vida a ser seguido por uma mulher digna.

Contrariando esta concepção, algumas jovens foram para a zona como uma opção de vida, atraídas pelo *glamour* da noite nos territórios da prostituição, principalmente aqueles de elite. Algumas chegaram aos lupanares ainda virgens. Eram moças pobres e carentes, sem uma estrutura familiar que lhes assegurassem viver com dignidade, como pessoa humana. Entre viver uma vida de opressão e de carência afetiva e de bens materiais, preferiram aventurar-se pelo submundo da prostituição.

Conclui-se também, que a incorporação da prostituição como objeto do saber na perspectiva do prazer, situa-se num universo discursivo complexo, em face das diferentes conexões que os sujeitos estabelecem entre si, produzindo subjetividades e construindo identidades, principalmente, a partir de concepções binárias e opostas, como norma e transgressão, prazeres lícitos e ilícitos, sexualidade sadia e perversão, ambientes públicos e privados, continuidades e descontinuidades. Nessa perspectiva, o centro da cidade considerado um ambiente de relações sociais, normais e sadias se opõe ao ambiente periférico, duplamente marginal e de relações ilícitas, de prazeres “proibidos”.

A realidade mostra que, apesar do discurso tornando proibitivo e ilícito determinadas práticas, o Estado e a sociedade civil são extremamente tolerantes, ou seja, em Teresina não se identificou qualquer tipo de ação repressora direcionada, especificamente, para os territórios da prostituição. A ação repressora do Estado que atuava na zona não era diferente daquela que reprimia as transgressões à ordem social cotidiana. Também não se criou qualquer tipo de instituição específica para combater a prostituição, a exemplo de outras capitais, nesse período. O que se combatia eram os excessos, do ponto de vista da moral e dos pudores vigentes.

A prostituição, na sua dimensão fundamental de busca do prazer, produz um conjunto de experiências responsáveis pela manutenção e reprodução de uma estrutura de poder expressa através do corpo e do discurso que produzem identidades e subjetividades; que produz relações de gênero, além de uma hierarquia que reproduz uma estratificação social e uma ordem econômica que agrega diversos tipos de trabalhadores. E, finalmente, a prostituição está associada a um foco de doenças venéreas fora do controle dos órgãos públicos, apesar de seus gestores se esforçarem bastante para que as patologias sexualmente transmissíveis fossem controladas. O alto índice de pessoas infectadas aponta para duas possibilidades: ou a ignorância da população era muito intensa em relação à higiene do corpo; ou, a cidade era, sexualmente, muito promíscua.

Nos anos de 1960 ocorre uma ruptura dos elementos fundamentais que determinam o comportamento sexual. Entretanto, a prostituição não acabou aí, tomou um outro formato, dissimulado, subjetivo, anônimo, clandestino. A zona, gradativamente, foi entrando em decadência. Os tradicionais cabarés foram sendo substituídos por outros espaços da prostituição, não mais formando um baixo meretrício, mas espalhados por todos os pontos da cidade. Qualquer lugar pode, disfarçadamente se constituir em ponto de “pegação” para prostitutas e clientes firmarem seus contratos de compra e venda de prazeres sexuais. Do ponto de vista material, a especulação imobiliária, e outras atividades econômicas são responsáveis pelo um intenso processo de desfiguração da Paissandu e dos outros espaços de prostituição. As imagens da boemia e da prostituição em Teresina, nesse período, resiste ao tempo, mas apenas na memória daqueles que, nostalgicamente, gostam de relembrar o passado.

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro; ed. Guanabara, Kooga S.ª 1978.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza*. Teresina. Fundação Mons. Chaves, 1994.

ADLER, Laure. *Os Bordéis Franceses. SP. Com. das Letras*. 1990.

\_\_\_\_\_. *Os Segredos da Alcova*. Lisboa; Terramar. 1997.

BADINTER, Elizabeth. *KY: Sobre a Identidade Masculina*. RJ, Nova Fronteira, 1993.

BENATTI, Antonio Paulo. *O Centro e as Margens*. Curitiba; Aos Quatro Ventos; 1997.

BESSA, Karla Adriana Martins. *O Crime de Sedução e as Relações de Gênero*. Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNCAMP, Campinas, SP; v. VIII, nº 4, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 1999.

BOSI, Eléa. *O Tempo vivo da memória. Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2004.

BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo. UNESP Editora. 19991.

CAMARGO, Luiz ° Lima. *O que é Lazer*. São Paulo Editora Brasiliense. 3ª ed.; 1992.

CHAVES, (Mons.). *Teresina-Subsídio para a História do Piauí*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994.

CERTEAU, Michel de . *A Invenção do cotidiano*. RJ; Vozes; 2ª ed. 1990.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*. Campinas(SP). Editora da UNICAMP. 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro; Graal; 4ª ed. ; 1999.

CALDAS, Dario(Org.) *Homens. Comportamento, Sexualidade, mudanças*. Editora do SENAC; 1997.

CARDOSO, Elizangela Barbosa.. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina(1930 – 1970)*.Dissertação defendida no Curso de Mestrado de História do Brasil da UFPE; Recife; 2002.

Código de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa: São Paulo. Edições Loyola, 11ª ed.; 1998.

DARMON, Pierre. O Tribunal da Importência. Tradução: Fátima Murad. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.

DOMINGOS NETO, Manoel. et al. *Paiuí: Evolução, Realidade e Desenvolvimento*.Teresina; Fund. CEPRO. 1979.

DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição Honrada. IN: Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero/ UNCAMP, Campinas, SP; v. VIII, nº 4, 1982.

DORNELLES, João Ricardo W. O que é Crime. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988.

DUBY, Georgs e PERROT, Michelle.( Orgs. ) *História das Mulheres – O século XX*. SP. Ebrasil . 1991.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. SP. Ed. UNESP; 1997.

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*.RJ. Rocco, 1997.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores :saber médico e prostituição no Rio de Janeiro(1840 – 1890)*. São Paulo. Brasiliense. 1989

ESTEVES, Marta de Abreu. Meninas Perdidas – Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle époque. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1989.

ELIAS, Nobert. Sobre o Tempo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1998.

EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.) *Historio de Vario feitio e Circunstância*. Teresina. Instituto Dom Barreto. 2001.

FERNANDES, Renata Siero. A Memória dos Lugares, dos objetos e os guardiões da memória na educação não-formal. IN: História Oral – Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo. v.8, n° 2 jul. – Dez. de 2005; p. 169-193.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ. Graal. 12<sup>a</sup> ed. 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. RJ. Vozes. 17<sup>a</sup> ed. 1996.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 1 – a vontade de saber*. RJ. Graal. 12<sup>a</sup> ed. 1997.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. RJ. Graal; 7<sup>a</sup> ed. 1994.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro. Editora Record, 26<sup>a</sup> ed.; 1989.

\_\_\_\_\_. Sobrados e Mucambos. Rio de Janeiro. Editora Record; 9<sup>a</sup> ed.; 1990.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. Teresina – Pesquisas Históricas. Teresina. Editora júnior Ltda. 1991.

GUATARRI, Félix e Rolnik, Suely. Micropolítica – Cartografias do Desejo. Petrópolis/RJ, Editora Vozes Ltda. 1986.

GUTIERREZ, Gustavo Luís. *Lazer e Prazer*. Campinas(SP); Ed. Autores Associados. 2001.  
HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo. Vértice; 1990.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. RJ. Paz e Terra. 1985. IBIAPINA, Fontes. Palha de Arroz. Teresina. Editora Corisco. 4<sup>a</sup> ed.; 2004. LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. SP. Martins Fontes. 1993.

\_\_\_\_\_. *As doenças têm história*. Lisboa; Terramar; 1994

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas(SP). Editora da UNICAMP; 2003.

LOPES, Marta Júlia Marques (org.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre; Artes Médicas. 1996.

LINS, Daniel. (Org.). *A dominação masculina revisitada..* Campinas (SP); Papyrus; 1998.

MACHADO, Roberto. et all. Danação da Norma. Medicina Social e Cosntituição da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1978.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Dolores Duran – Experiências Boêmias em Copacabana

nos anos 50. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

MATOS, Maria Izilda. *Meu Lar é um Botequim*. S.P. mimeo. 1996.

\_\_\_\_\_. *Gênero em Debate; trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. SP. Educ. 1997.

\_\_\_\_\_. *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues*. RJ, Bertrand, 1986.

\_\_\_\_\_. (org.). *A cidade em debate*. São Paulo; Olho D'Água. 1999.

MAGALHÃES, Raul Francisco. *O que é Imoralidade*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1991.

EDRADO, Benedito. (org.). *Homens e Masculinidade – Outras Palavras*. RJ. Ecos; 1998.

MELLO, Lucius de. *Eny e o Grande Bordel Brasileiro*. Rio de Janeiro. Objetiva; 2002.

NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. RJ; Rocco; 1993.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A Cidade sob o fogo*. Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves; 2002.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade e Identidade na historiografia Brasileira*. IN: História e Cidadania – Anais do XIX Simpósio Nacional de História. ANPUH. 1998.

OLIVEIRA, Juarez de. *Código Penal. Acompanhado de Disposições Penais da Legislação de Janeiro de 1990*. São Paulo; Câmara Brasileira do Livro. 1998.

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. SP; Paz e Terra. 1993.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio* – Revista. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol. 2. n° 3; 1889. p. 3-15.

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. RJ. Rosa dos Ventos. 1998.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890 – 1930*. RJ, Paz e Terra. 1991.

\_\_\_\_\_. *Dos Amores na Zona*. In: Revista Libertárias; n. 2: 1997.



\_\_\_\_\_. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos de sexualidade em São Paulo, (1890 – 1930)*. RJ. Paz e Terra; 1991.

RAMOS, Francisco Ferreira. Memorial do Hospital Getúlio Vargas. Contexto Histórico – Político – Econômico – Sócio-Cultural – 1500-2000. Teresina. Gráfica do Povo, 2003.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo. Editora Brasiliense; 3ª ed.; 1994.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do Desejo. São Paulo. Edições Liberdade, 1989.

SANTANA, R. N. Monteiro de. *Piauí: Formação, desenvolvimento, Perspectivas*. Teresina. FUNDAPI; 1995.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Ayrton (Org.) História da Medicina no Piauí. Teresina. Academia de Medicina do Piauí. 2003.

SÁ FILHO, Bernardo P. de. *Teresina: Espaços Marginais e Desfiguração*. Cadernos de Teresina. N.15. Teresina; Fund. Mons. Chaves; 1997.

SOUSA, Ilnar de. *O Cliente – o outro lado da Prostituição*. SP. anablume. 1998.

SOARES, Carmem. (Org.) Corpo e História. Campinas/SP; Editora Autores Associados. 2001.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. IN: Revista Educação e Realidade. V.15. n° 2.; faculdade de educação do Rio Grande do Sul.

\_\_\_\_\_. *A Família Brasileira*. SP. Brasiliense. 4ª; 1993.

Teresina – Caracteres Gerais. Prefeitura Municipal de Teresina. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos Pecados*. RJ. Nova Fronteira; 1997.

VAINFAS, Ronaldo. Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão. São Paulo. Ática Editora, 1986.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós modernas*. RJ. Rocco. 1994.

VIGARELLO, Georges. História do Estupro. Violência Sexual nos Séculos XVI – XX. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Editor. 1998.

WERNER, David. Onde não há Médico. São Paulo. Câmara Brasileira do Livro. 1984.

XAVIER, Elódia(Org.). *O declínio do Patriarcado: A família no imaginário feminino*. RJ. Rosa dos Tempos.1998.